



hcte história das ciências e das técnicas e epistemologia | HCTE - UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS,
DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA

JÉSSYKA SARCINELLI CÁO

AUTORREGULAÇÃO E TRANSDISCIPLINARIDADE
NO PENSAMENTO DE WILHELM REICH (1897 – 1957)

Rio de Janeiro

2023

JÉSSYKA SARCINELLI CÁO

**AUTORREGULAÇÃO E TRANSDISCIPLINARIDADE
NO PENSAMENTO DE WILHELM REICH (1897 – 1957)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Vieira Ouriques

RIO DE JANEIRO

2023

CIP - Catalogação na Publicação

S243a Sarcinelli Cão, Jéssyka
AUTORREGULAÇÃO E TRANSDISCIPLINARIDADE NO
PENSAMENTO DE WILHELM REICH (1897 - 1957) / Jéssyka
Sarcinelli Cão. -- Rio de Janeiro, 2023.
124 f.

Orientador: Evandro Vieira Ouriques.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Decania do Centro de Ciências
Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós-Graduação
em História das Ciências e das Técnicas e
Epistemologia, 2023.

1. Autorregulação . 2. Autopoiese. 3.
Transdisciplinaridade. 4. Teoria reichiana. 5.
Terapia psicopolítica. I. Vieira Ouriques, Evandro ,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a buscar o caminho do conhecimento.

Aos meus mestres, em especial aqueles que me apresentaram o universo da psicologia reichiana, me formaram e ajudaram a trilhar o meu percurso na clínica e no exercício contínuo de tornar-me terapeuta, Marcus Vinícius Câmara, Denise Dessaune, Henrique Rodrigues, Pedro Castel, Nicolau Maluf Jr., e todos os amigos do Instituto de Formação e Pesquisa Wilhelm Reich (IFP-REICH) do Rio de Janeiro.

Ao professor Fernando Bonadia, pela amizade, por estar presente com grande alegria durante tanto tempo na minha graduação em psicologia e até hoje, além de ter sido parte do meu processo de entrada no mestrado.

Ao meu orientador Evandro Ouriques, que me apoiou de muitas e inestimáveis maneiras no percurso deste mestrado, por aceitar e estar comigo no processo de desbravar novos encontros e me tranquilizado em momentos que me cobrei demais. À Estelita, querida esposa de Evandro, que esteve presente em vários momentos importantes, contribuindo com alegria e amor para a construção deste projeto.

Ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), por me proporcionar a experiência do livre pensar que me permitiu esta costura transdisciplinar, a qual permitiu o diálogo da academia com o pensamento de Wilhelm Reich.

Ao meu companheiro de vida Marcelo Bichara, por estar comigo e ter paciência, por acompanhar com amor meu percurso acadêmico e por todo conhecimento que adquiri nas nossas longas conversas, fundamentais para construção desta dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiar meus estudos.

À minha psicóloga Teia Alcântara por me acompanhar pacientemente e oferecer um ponto de calma no meio do turbilhão emocional que é viver.

Aos meus amigos que se fizeram presentes e os que não puderam estar, por motivos quaisquer, mas que fizeram parte da minha história até aqui.

O animal humano só poderá aprender a compreender e amar a natureza dentro e fora de si mesmo se pensar e agir do modo como a natureza funciona, a saber, funcionalmente, e não de forma mecanicista ou mística[...]

O pensamento funcional não tolera nenhuma condição estática. Para ele, todos os processos naturais estão em movimento, mesmo no caso de estruturas enrijecidas e formas imóveis. É precisamente essa mobilidade e incerteza em seu pensar, esse fluxo constante, que coloca o observador em contato com o processo da natureza.

Wilhelm Reich, *Éter, Deus e o Diabo* (p.102;106)

RESUMO

Wilhelm Reich (1887-1957), médico neurologista e psicanalista, construiu uma obra transdisciplinar extraordinária, marcada por sua sólida crítica epistemológica ao paradigma mecanicista estabelecido na medicina de sua época. Esta guinada epistemológica fez com que sua produção teórica tenha sido relegada às margens da produção acadêmica e científica, sofrendo até hoje fortes resistências nesse ambiente. Assim o objetivo desta pesquisa é estudar os resultados e as limitações da aplicação transdisciplinar que este pesquisador fez do conceito de *autorregulação*, o conceito nuclear da teoria reichiana, que ele extraiu do campo da biologia e da fisiologia para pensar a constituição do sujeito e suas relações sociais e políticas, fazendo migrar transdisciplinarmente um conceito do campo das ciências naturais para o campo das ciências humanas. A *autorregulação* é uma "costura" epistemológica realizada por Reich para referir-se à capacidade inerente de todo ser vivo de regular seu próprio funcionamento de maneira autônoma. Nesta pesquisa, para analisar as implicações epistemológicas deste trânsito conceitual, realizamos uma revisão bibliográfica sobre o tema na História da Ciência, buscando atualizar essas questões com a ciência contemporânea. Em nosso levantamento bibliográfico, constatou-se baixíssima quantidade de trabalhos acadêmicos em português sobre o assunto, o que destaca a originalidade da presente pesquisa e a relevância de trazer este tema para estudo no Brasil. Para tal empreendimento, buscamos estabelecer paralelos entre o princípio de *autorregulação* e conceitos atualmente aceitos como a *autopoiese* e a *auto-organização* advindas dos campos da biologia e física, bem como a ideia de *emancipação* e *não-dualidade* que estão na base da *teoria e terapia psicopolítica*. Entendemos como sintomático o esquecimento de Reich pelas teorias sociais e filosóficas hegemônicas, uma vez que a sua contribuição se mostra de extrema relevância para a construção de uma convergência epistêmica que contemple os fenômenos humanos de uma forma não-dualista. Pretendemos demonstrar que Reich antecipou em muitos aspectos novos paradigmas que viriam emergir nas ciências a partir da segunda metade do século XX. Sua concepção de *autorregulação*, a nosso ver, pode estabelecer um profícuo diálogo com as ciências humanas e sociais e as ciências da saúde, merecendo destaque maior nas pesquisas acadêmicas contemporâneas.

Palavras-chave: autorregulação; autopoiesis; auto-organização; teoria e terapia psicopolítica; transdisciplinaridade.

ABSTRACT

Wilhelm Reich (1887-1957), neurologist and psychoanalyst, built an extraordinary transdisciplinary work, marked by his solid epistemological critique of the mechanistic paradigm established in medicine at the time. This epistemological turn meant that his theoretical production was relegated to the margins of academic and scientific production, suffering to this day a strong resistance in this environment. Thus, the objective of this research is to study the results and limitations of the transdisciplinary application that this researcher made of the self-regulation concept, the core concept in Reich's theory, which he extracted from the field of biology and physiology to think about the constitution of the subject and its relationships, social and political, transdisciplinary migration of a concept from the field of natural sciences to the field of human sciences. Self-regulation is an epistemological "sewing" created by Reich to refer to the inherent capacity of every living being to regulate its own functioning autonomously. In this research, to analyze the epistemological implications of this conceptual transition, we carried out a bibliographical review on the topic in the History of Science, seeking to update these issues with contemporary science. In our bibliographical survey, a very low number of academic papers in Portuguese on this subject were found, which highlights the originality of the present research and the relevance of bringing this topic to study in Brazil. For this undertaking, we seek to establish parallels between the principle of self-regulation and currently accepted concepts such as autopoiesis and self-organization, arising from the fields of biology and physics, as well as the idea of emancipation and non-duality that are at the basis of psychopolitics theory and therapy. We understand as symptomatic Reich's neglect by hegemonic social and philosophical theories, since his contribution proves to be extremely relevant for the construction of an epistemic convergence that contemplates human phenomena in a non-dualistic way. We intend to demonstrate that Reich anticipated in many aspects new paradigms that would emerge in the sciences from the second half of the 20th century onwards. Its concept of self-regulation, in our view, can establish a fruitful dialogue with human, social and health sciences, deserving greater prominence in contemporary academic research.

Keywords: self-regulation; autopoiesis; self-organization; psychopolitical theory and therapy; transdisciplinarity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	<i>A CIÊNCIA EXTRAORDINÁRIA DE WILHELM REICH</i>	26
3	<i>AUTORREGULAÇÃO E A CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA</i>	56
4	<i>AUTORREGULAÇÃO E A TEORIA E TERAPIA PSICOPOLÍTICA</i>	83
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
	REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

Wilhelm Reich nasceu em 24 de março de 1897 na Galícia, na parte mais oriental do Império Austro-Húngaro, atualmente na Ucrânia. Ele cresceu em Bukovina na próspera fazenda de seu pai. Sua primeira língua era o alemão e até 1938 sua cidadania era a austríaca. Médico educado na Universidade de Viena, e treinado como psiquiatra sob a orientação de Julius von Wagner-Jauregg e Sigmund Freud, Reich é um cientista pouco conhecido na história hegemônica das ciências, exceto pelas polêmicas que envolvem e toldam o acesso ao seu trabalho, apesar de que suas contribuições tenham sido e sejam decisivas para a compreensão profunda e efetiva de transtornos psiquiátricos, bem como para a teoria e técnica da psicanálise, como aqui tratarei.

Ter descoberto a importância radical da articulação entre a análise somática e a análise verbal para o processo terapêutico lhe custaram ser afastado de sua posição original de *protégé* de Freud por tê-lo questionado ao sustentar a não-dualidade que subjaz a experiência mente-corpo, tornando-se assim seu dissidente ontológico, na medida em que Reich verificou e compreendeu, em suas experiências de bancada e clínicas, que apesar da linguagem verbal ser uma forma biológica de expressão de alto nível de complexidade ela desenvolve-se sobre camadas de funções vitais que a precedem e à ela subjazem.

Como se sabe, foi assim que ele verificou que todo o conhecimento do ser humano restringe-se apenas a que cada organismo, inclusive o humano, tende a encontrar o seu próprio caminho para o que ele mais ama, e por isso na direção do qual ele percebe-se impulsionado, e, assim, cria, constrói, ou seja, dá à luz e contempla a sua criação. Desta maneira Reich compreendeu que amor, trabalho e conhecimento são as três fontes da vida humana e por isto também devem governá-lo.

Geralmente o primeiro contato que os alunos de graduação têm com a sua obra, como o maior dissidente da segunda geração freudiana, se resumem, e isto quando seus currículos permitem que eles tenham algum contato com ela, às polêmicas. Uma busca rápida no Google permite acessar numerosos sites com matérias sobre ele, a maior parte desses trazendo conteúdos duvidosos sobre sua teoria e prática dentro do campo da psicologia e abordando de maneira superficial suas contribuições a outros campos do conhecimento. O acusam de "charlatanismo", de estar "psicótico", de seu trabalho ser

uma "fraude", de ser um "iludido" com ideias utópicas, fundamentadas em um modelo de sociedade ultrapassado e até de ser um "cafetão" que possuía um bordel...

No livro "Análise do Caráter" (1933 [1998]), no capítulo em que trata daquilo que ele denominou *peste emocional*, Reich, que relacionou clinicamente a luta sexual à luta de classes e desafiou tanto os costumes do conformismo burguês quanto do comunismo -o que irritou tanto os meios psicanalíticos, conservadores na política, quanto os stalinistas, adversários de suas teses libertárias-, conta sobre um dos boatos que circulavam com o objetivo de desmoralizar seu trabalho:

[...] um desses boêmios encontrou uma mulher que queria estudar comigo. Naturalmente, a conversa entre eles girou em torno de meu trabalho. Ele a advertiu, dizendo não me recomendar nem ao melhor amigo nem ao pior inimigo, porque eu era "proprietário, sem licença, de um bordel público". Para esconder a flagrante natureza atacada de peste dessa afirmação, acrescentou a seguir que eu era um médico muito capaz. Essa difamação, feita de acordo com os moldes da reação de peste específica, correu de boca a boca. Apesar disso, a mulher veio estudar comigo a pedagogia econômico-sexual e em pouco tempo compreendeu aquilo que denominamos peste emocional. (REICH, 1998:478).

Apesar de eu ter me graduado entre 2013 e 2018 em um curso de psicologia que preza pela multiplicidade de conhecimentos, e que contava com professores de diversas abordagens psicológicas, inclusive um professor especialista em teoria reichiana, em minha experiência acadêmica na Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-UFRRJ vivenciei o estigma que ronda os interessados, como é o meu caso, nessa abordagem.

Não há nenhuma linha de pesquisa em programas de pós-graduação em psicologia no Rio de Janeiro focada em desenvolver uma pesquisa na área reichiana. O que acontece, na grande maioria dos casos, é encontrar simpatizantes motivados para isso.

O que se pode encontrar atualmente nestas universidades são alguns poucos e esparsos pesquisadores reichianos ou outros que possuem afinidade com a teoria e que aceitem orientar as pesquisas que tenham como referência base a teoria reichiana. Nas estruturas curriculares, a produção reichiana não é abordada de forma sistemática, e muitas vezes limita-se a uma breve apresentação de sua biografia e principais conceitos na cadeira de "Teorias da Personalidade".

Alunos de psicologia que sequer haviam ouvido falar em qualquer aspecto da teoria ou, quando a conheciam, se referiam a Reich como "aquele que reduz tudo ao sexo", que estava enganado pois "energia não tem nada a ver com psicologia nem transtornos mentais" e que "fenômenos psíquicos e somáticos são coisas completamente diferentes",

entre tantas outras percepções permeadas de desinformação, de uma *fakescience* construída psicopoliticamente por *fakemind* (Cáo *et alli*, 2021) que insiste em ignorar inclusive as descobertas da neurociência:

Na década de 1960, os pesquisadores começaram a estudar seriamente se o cérebro muda de forma mensurável como resultado direto da experiência. A plasticidade tornou-se desde então tão clara que pode ser melhor compreendida com o conceito de *liveware*, proposto por Eagleman em 2020, porque permite apreender este sistema vivo dinâmico, adaptável e em busca de informação, este sistema *livewired*, o que prova mais uma vez a existência da não-dualidade que está subjacente à dualidade primária [da mente e do corpo]: “Geralmente passamos a vida pensando que existe eu e existe o mundo. Mas (...) quem você é emerge de tudo com que você interagiu”¹, porque à medida que a atividade passa pelo cérebro, ele muda a estrutura (Ouriques, 2023:3).

Certa vez, comentei numa aula sobre meu interesse em aprofundar aspectos epistemológicos acerca da perspectiva energética na produção reichiana e, rapidamente, fui surpreendida com a fala do docente que afirmava sem hesitar sobre o “charlatanismo” de Reich, por supostamente “prometer curar o câncer” com caixas orgônicas experimentais, “sem comprovação científica”. É documentado historicamente (SHARAF, 1983; REICH, 2009) que as pesquisas do autor sobre câncer com as caixas orgônicas estavam sim na fase experimental, mas também que Reich tinha sempre o cuidado de não prometer nenhuma cura (SHARAF, 1983, p.466), visto que ainda não possuía os dados completos para defender tal afirmação. Portanto, vemos que até o seu caráter experimental é acusado levemente, como se fosse crime na ciência levantar uma hipótese e, a partir dela, desenvolver os experimentos necessários para a sua refutação ou confirmação. Até o seu caráter mais científico passa a ser visto como problemático e fraudulento.

O estranhamento com que as pessoas sempre receberam suas ideias “controversas” não é difícil de explicar. Afinal, são ideias realmente ontológica e epistemologicamente inovadoras, ainda mais para a mentalidade, então ainda mais hegemônica que hoje, em sua época. Mas qual a razão para ainda haver tanta resistência e preconceito atualmente, sobretudo no meio acadêmico, acerca desse importante autor, que voltou com toda força nos movimentos estudantis e da contracultura americana, nas décadas de 1960 e 1970 (ALBERTINI, 2011) para depois ser relegado às margens novamente? Quais as possíveis razões que transformaram um pesquisador, que desenvolveu uma teoria e técnica

¹ Eagleman, David (2020). *Livewired: the inside history of the over-changing brain*. Doubleday: Canada. p. 262.

próprias, em um “maldito” perseguido por quase todos os pesquisadores e especialistas nos campos que adentrou?

É importante lembrar que na história da psicanálise Reich resgatou o potencial crítico e disruptivo da teoria freudiana da libido para a construção de uma teoria da economia sexual, em um momento em que o próprio movimento psicanalítico se sentia pressionado para afastar-se da questão da sexualidade, como o próprio Freud assinala no prefácio à 4ª edição de seu *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*².

Neste sentido, Roudinesco e Plon na importante publicação “Dicionário de Psicanálise”, iniciam o verbete relativo a Wilhelm Reich justamente criticando o caráter difamatório pelo qual o autor geralmente é apresentado e enumerando razões as quais me referi anteriormente:

O itinerário atormentado do maior dissidente da segunda geração freudiana, próximo de Wilhelm Fliess por suas teorias biológicas e de Otto Gross pelo seu destino de eterno perseguido, foi narrado de forma caricatural pela historiografia oficial, sobretudo pelo seu principal representante, Ernest Jones, responsável, com Max Eitingon, Anna Freud e Sigmund Freud, por sua exclusão da *International Psychoanalytical Association* (IPA). [...] Assimilava a luta sexual à luta de classes e desafiava os costumes do conformismo burguês e do comunismo. Isso fez com que irritasse tanto os meios psicanalíticos (muito conservadores na política) e os comunistas stalinistas (adversários de suas teses libertárias). Excluído do Partido alemão, no exato momento da tomada do poder por Hitler, exilou-se na Dinamarca, onde teve que enfrentar uma campanha de difamação que o perseguiria até a Noruega. [...] No mesmo ano de seu exílio, decidiu criticar frontalmente a psicanálise clássica, publicando um livro, *A análise do caráter*, no qual adotava posições idênticas às de Sandor Ferenczi a respeito da técnica ativa. Essa obra devia ser publicada pelo *Internationaler Psychoanalytischer Verlag*, mas Freud se opôs, em razão do engajamento político de seu autor. Com seus discípulos, Freud optara por uma estratégia que consistia, por receio de eventuais represálias do governo, em excluir de suas fileiras os militantes de extrema esquerda (ROUDINESCO *et alli*, 1998:651-652).

Apesar dessas ponderações, eles mesmos fazem parte do coro contra Reich, e terminam o verbete repetindo a acusação corriqueira contra a qual ele sempre lutou e que frente as quais suas descobertas continuam a sobreviver dado a verdade que expressam.

A partir de janeiro de 1942, atacado por todos os lados, tratado de charlatão pelos psiquiatras e de esquizofrênico pelos meios psicanalíticos americanos, Reich mergulhou na loucura, acreditando-se vítima do grande MODJU, ou seja, dos “fascistas vermelhos”. Esse nome, forjado por ele, era derivado de MO (*cenigo*), personagem anônimo que entregara Giordano Bruno (1548-1600) à Inquisição, e de DJOU (*gachvili*), aliás Stalin (1879-1953) (*id.*:653).

² Freud, Sigmund (2016). *Obras Completas*, Vol. 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Companhia das Letras: São Paulo. p.18.

Devido a sua dupla exclusão, tanto da IPA (*International Psychoanalytical Association*) quanto do Partido Comunista (como veremos mais à frente), Reich, perseguido e, em 1936, tendo sido considerado como "esquizofrênico" pelo movimento freudiano (ROUDINESCO E PLON, 1998) afastou-se por completo deste.

Fora dos meios acadêmicos, a disseminação das formulações reichianas, principalmente relativas à prática clínica, parece mostrar que há profissionais que de alguma forma se apropriam de técnicas originalmente reichianas, mas não atribuem devido valor e reconhecimento ao seu criador.

A ideia que gerou esta pesquisa é o entendimento que a produção reichiana, centrada na ação de forma plural e a sua aplicação, robusta e eficiente, é possível em diferentes frentes. O objetivo aqui consiste, então, em poder trazer a teoria reichiana, principalmente no que tange ao *princípio de autorregulação*, ao debate acadêmico, promovendo uma investigação acerca das relações corpo-psiquismo e natureza-cultura.

Assim busco aproximar a perspectiva de Reich da ciência contemporânea, em um movimento de renovação não-dualista dos saberes, procurando dissolver as fronteiras entre estes, favorecendo a abordagem transdisciplinar do entendimento do ser humano e da superação de sua existência sofredora. Neste sentido, aproximo a *autorregulação*, como compreendida por Reich, da *condição comunicacional do ser humano*, como sustentada pela Teoria e Terapia Psicopolítica de Evandro Vieira Ouriques.

O que se sustenta aqui, em suma, é que a dificuldade de compreensão da obra de Wilhelm Reich advém da dificuldade persistente de transitar-se da dualidade primária na qual a realidade se manifesta para a não-dualidade que subjaz à esta dualidade primeira. Trata-se, portanto, de uma dificuldade ontológica, pois a dificuldade mecanicista de compreender a natureza não-dual da realidade determina a dificuldade epistemológica, teórica, metodológica e vivencial de reconhecer "o movimento incessante da co-originação dependente e da co-operação solidária, e assim não-dual, de todos os entes" (Ouriques, 2022).

É assim que a obra de Reich supera a perspectiva dualista - e assim reducionista que insiste em separar o conhecimento, que fragmentado trata de "seus objetos" - pois consagra um método de trabalho teórico-clínico que incorpora psicopoliticamente tanto os aspectos dualisticamente imaginados como "subjetivos" ("psíquicos") quanto os aspectos igualmente imaginados dualisticamente como "objetivos" ("orgânicos, fisiológicos, energéticos").

Reich reafirma, desde seu campo científico, a concepção de unidade corpórea, pois a mente é incorporada. Tal como para Spinoza, o corpo é o inconsciente do pensamento (Ouriques, 2017: 70). Segundo Ouriques, a capacidade dos humanos de pensar, querer e julgar é de fato incorporada, ao contrário do que Platão, Aristóteles e Sócrates afirmam ao dizer que a inteligência não seria assimilada ao corpo, nem que seria possível compreendê-la como realidade física.

Este fato é demonstrado pelas teorias da cognição incorporada, baseadas em resultados de pesquisas científicas experimentais, majoritariamente em neurobiologia da cognição e psicologia cognitiva, e referem-se a um relato específico de como a mente representa e processa a informação. Pesquisadores trabalhando com questões aparentemente diversas -reconhecimento da expressão facial, para que a linguagem é usada, a resposta empática e como as metáforas surgem e funcionam- vêm confirmando diferentes aspectos destas teorias que comprovam que os processos mentais são incorporados e, assim, não “abstratos”, não “subjetivos”, como oposição dual ao que seria “objetivo”, “material”: “Nas atualizações recentes de tais teorias, os processos mentais são chamados de ‘incorporados’ porque uma re-experiência incompleta, mas cognitivamente produtiva, é produzida no cérebro como se o indivíduo estivesse lá na própria situação, no próprio estado emocional, ou com o próprio objeto de pensamento [...] Ou seja, o pleno processamento neurobiológico vinculado à cognição e, mais especificamente à linguagem, depende de ativações dos sistemas sensorio-motor e afetivo. A informação codificada pelos sentidos é armazenada na memória como símbolos abstratos funcionalmente especializados em relação aos sistemas neurais originais (os da visão, olfato e audição, por exemplo) que os codificaram em primeiro lugar (id.). Há portanto uma base perceptual ou experiencial na memória relativa aos eventos externos e internos que o ser humano experimenta, o que dissolve a idéia dualista de um corpo e de uma mente como entidades em separado (id.: 70-71).

É assim que o pioneirismo de Reich estava claro quando ele partiu de sua formação em medicina -portanto adotando o método de investigação biomédico- mas de maneira completamente divergente de seus colegas médicos “mecanicistas”, privilegiando assim o funcionamento do ser como vivo, ao passo que a medicina hegemônica estava preocupada em separar o “corpo” em pedaços e estudá-los depois da morte. A noção de *movimento* para Reich é, então, basilar, juntamente com a noção de *sensação*:

No ato do pensamento, a vida compreende sua própria essência. Isto é verdadeiro tanto para as funções da natureza orgânica como para as da natureza inorgânica. Ao construir uma máquina, o homem domina as leis e funções da natureza não viva em sua relação com necessidades vitais. Nas ciências que dizem respeito ao homem, o organismo vivo busca compreender as funções da própria vida. No entanto, ele sempre compreende apenas o que experimenta em si mesmo. Se o que está vivo no animal humano não tivesse se tornado encoraçado e degenerado por causa do princípio místico-mecanicista, o resultado da dominação da natureza viva estaria em harmonia com as funções vitais reais. Ele teria dominado as estruturas materiais da substância vital lado a lado com as leis de movimento do organismo vivo. Devido à tragédia social que atingiu o animal humano milhares de anos atrás na forma da degeneração místico-mecanicista, ele só teve acesso às suas funções mecânicas, à estrutura

do esqueleto, aos músculos, aos vasos sanguíneos e nervos, à composição química do organismo e assim por diante. Dado que a vitalidade móvel no homem foi encouraçada e tornou-se assim inacessível, o próprio princípio de vida, o movimento, ou seja, a característica realmente mais essencial da vida, permaneceu como um livro fechado. O que o mecanicista rígido não poderia realizar porque considerava a vida apenas como uma máquina especialmente complicada, o místico tentou complementar; a motilidade da vida foi transferida para o além, alegoricamente na teoria e muitas vezes literalmente na prática, sempre que os animais humanos enrijecidos entravam em guerra uns contra os outros. (REICH, 2003: 124-125).

O predomínio do exercício da racionalidade como entendida pelo Ocidente hegemônico, desde Aristóteles e contra os pré-socráticos, fez da razão no Ocidente uma intenção instaurativa. Como mostra a Teoria e Terapia Psicopolítica, a partir de seu compromisso com as filosofias da Índia,

enquanto a razão filosófica ocidental moderna é basicamente de caráter instaurativo –isto é, visa produzir um discurso positivo sobre a Realidade, do que ela é ou deveria ser, o que impõe àqueles que assim pensam as aflições mentais de supostamente ter nascido e morrer sem âncora– a razão filosófica indiana dos *Upanishads* é dotada de “sabor de mel” (*madhu*), ou seja, é basicamente de caráter esclarecedor, instruindo sobre o que a realidade não é, e aproximando-se, conseqüente e notavelmente, das filosofias pré-socráticas, especialmente da “escuta” amorosa de Heráclito em relação à Verdade (*aletheia*) -a Verdade como a Realidade [o modo como ela se pacifica, sem eliminar jamais a tensão, diz ele] (Ouriques, 2022:51).

Transitando em diferentes setores do saber como a biologia, medicina, psicanálise, biofísica, sociologia e filosofia, Reich elabora uma crítica ao modelo de pensamento pautado na repressão das emoções em favor de uma racionalidade totalizante, totalitária, independente da realidade, como se esta fosse irracional e à ela precisasse ser atribuída uma ordem de fora, do lado do humano, no sentido dela, que estaria fora do humano.

Sabemos que a presença dos afetos na construção de tal conhecimento foi rejeitada por muitos pensadores que entenderam que o conhecimento totalmente objetivo, e portanto correto, dependeria de que o sujeito do conhecimento ideal - o puro sujeito do conhecimento, que seria atemporal - silenciasse a vontade e excluísse todas as considerações e interesses de ordem pessoal e, assim, excluísse os afetos e as paixões, pois estes turvariam a vontade e perturbariam a capacidade de percepção original das coisas (*id.*, 2017: 34).

Avesso a qualquer tentativa mecanicista de explicar o funcionamento do vivo, Reich faz desse modelo o seu principal alvo de críticas, na tentativa de superação desse paradigma em favor de um novo sistema que considere uma racionalidade construída fundamentalmente com os afetos positivantes e em concordância com eles. Na visão dele, cultura e natureza, psíquico e político não são categorias opostas -não existe uma dualidade inata entre o sujeito e a produção cultural, como não há entre razão e emoção.

O dualismo, portanto, não está dado de maneira definitiva na natureza das coisas, mas é o resultado de uma opacidade ontológica e epistêmica, próprio da natureza humana e que constitui a sua *ignorância*, que de acordo com a filosofia indiana é exatamente a tendência a reificar a dualidade primária, tendência a ser superada quando se quer a emancipação do sujeito frente aos regimes de servidão:

(...) o objetivo desta razão com sabor de mel, ao escutar a *verdade* como a *realidade* com uma escuta de quem à ela pertence, é dissipar os erros de conhecimento do ser humano em seu senso comum. Portanto, compreendo, a razão na filosofia indiana, em especial a das tradições hinduístas do Vedanta e das tradições budistas do Mahayana, não é nem especulativa nem restrita a um diagnóstico, ou a uma crítica cultural, e, sim, visa conduzi-lo à *sabedoria* (*jnāna*) e à *felicidade* (*ānanda*) existenciais, dependurado que ele está, como *ser-o-aí*, na *vacuidade* (*śūnyatā*); dependurado no *Nada* e assim tensionado entre a angústia provocada pela *ignorância* (*avidyā*) em relação à experiência constitutiva da multiplicidade e da transitoriedade e a requalificação terapêutica, portanto clínica, da capacidade de julgar (*ib.*, 2011: 53).

Requalificar a capacidade de julgar do ser humano é o caminho, pois a ruptura cognitiva provocada pela reificação da dualidade primária frustra os seres humanos em suas satisfações pulsionais mais básicas, principalmente a sexual, o que segundo Reich começa a acontecer na estruturação das organizações sociais fundamentadas no patriarcado (REICH, 1932), questão que está no centro da presente investigação do conceito, como dito, de autorregulação.

Os efeitos dessa cisão do ser humano é o que vemos ainda hoje com tanta veemência: destrutividade (de si mesmo e do outro), irracionalidade, dominação e servidão, perda da capacidade de afetação e adoecimento total do organismo. Diante dessa desconexão com a natureza, o que se tornou uma formação cultural, no sentido foucaultiano, se é levado a experimentar o mundo como se fosse um “ele”, um “outro”, mero “cenário” exterior, um “fora” que sofre modificações passivamente de acordo com a nossa vontade. Mas o fato é que o que se supõe ser um meio ambiente é o que está vivo e do qual somos “limites”, limites da teia da vida (CAPRA, 1996).

Seguindo este caminho de integração, Reich reconhece no “pensamento racionalista” - aquela “razão instaurativa”, por oposição à “razão esclarecedora”, como dito - a tentativa de dominar a natureza, entendida então como o grande mal a ser superado e eliminada para que fosse possível assim caminhar-se na direção da civilização. Por isso mesmo, as emoções também são consideradas um mal a ser evitado em favor da sociabilidade humana. Sintomaticamente, podemos observar o mesmo na história do conhecimento, que expurga aqueles que ousam incluir os afetos em suas teorizações, tal qual aconteceu também com o filósofo Baruch Spinoza (1632-1677).

Para Reich, claro, a natureza não deve ser dominada muito menos destruída por imaginá-la caótica, ao contrário, deve ser preservada e mantida. Portanto, não faz sentido explicar o funcionamento do vivo por um viés puramente mecanicista. Por isto Reich é um pesquisador transdisciplinar.

Sabemos que o conceito de *transdisciplinaridade* é bem posterior a ele, tendo sido mencionado pela primeira vez em 1970 por Jean Piaget, e ganhado notoriedade após o *Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade*, organizado em novembro de 1994 em Portugal. (FREITAS, MORIN, NICOLESCU, 1994). No entanto, a postura, a trajetória e o pensamento de Wilhelm Reich em relação à ciência, à medicina e à psicologia já era, na prática e na teoria, desde o início do século XX, transdisciplinar em todos os sentidos.

Comparando seus escritos de períodos diferentes entre si, é muito comum termos a sensação de estarmos lidando com autores e domínios totalmente alheios uns aos outros. No entanto, a ambição do referido autor é justamente a de propor a transdisciplinaridade, o desenvolvimento de conhecimentos que circulem por onde for preciso, a fim de abarcar as possibilidades envolvidas na experiência humana.

Diante disso, entendemos que a importância do pensamento reichiano está na possibilidade de obter respostas a dilemas antigos e que o avanço das ciências torna cada vez mais necessário autores/teorias/métodos transdisciplinares, característica esta presente em abundância em seu pensamento que atravessa diversas epistemes.

No desenvolvimento de sua teoria, Reich tomou conceitos das ciências biológicas como base para seus constructos de uma forma coerente e original, embora ainda hoje possa ser visto com certo estranhamento pelas ciências sociais, pois assume sem pudor a animalidade do ser humano como algo a ser preservado e buscado, não perseguido e punido.

O mesmo fato está na base da Teoria e Terapia Psicopolítica, assentada a partir da *condição comunicacional do ser humano*:

A fetalização [identificada] pelo anatomista Louis Bolk em 1926, e articulada com a criatividade única do ser humano em comparação aos outros animais, o faz aparecer, ser fecundado, nascer, criar-se, na interdependência absoluta do outro. Uma vez que só pode instaurar-se como ser humano na escuta da *voz da mãe* (da *voz da mãe*, da *voz do pai*, da *voz fraterna*, e da *voz da função-mãe*, *função-pai* e *função-fraterna*); portanto na linguagem, pois “a palavra se destina ao outro enquanto outro” (...), de maneira a poder fazer o mundo lhe falar de forma favorável. Portanto, na escuta do amor do outro; da justiça do outro; dos direitos humanos do outro; da ação desinteressada dele (...). Neste sentido, a teoria psicopolítica é diametralmente oposta à maneira como Freud e Lacan entenderam a fetalização. Como se sabe, o que para mim é a *condição comunicacional*, o *fato psicopolítico elementar* que permite ao ser humano a

emancipação, é para eles o estado de derrelição: de abandono, de desamparo, que faria o estado de *infans* do ser humano ser uma experiência, imagine, de *submissão completa ao outro* para que ele pudesse “sobreviver”. E mais: é entendido em Lacan que a *condição humana* seria a da *imagem do corpo despedaçado*, uma vez que, com o sistema nervoso e o sistema motor “inacabados”, o ser humano nesta fase experimentaria um caos de sensações, desprovido por completo, em minhas palavras, da construção contínua da capacidade de julgar, a qual ele se refere como sendo a capacidade de operar diferenciação entre exteriores e interiores e mesmo de sintetizá-los. É assim que Freud vê na fragilidade do bebê uma angústia diante da força da natureza e às ilusões de proteção. Ou seja, a *condição comunicacional* ao invés de ser o *lugar-duração* da emergência do humano emancipado é o da *Hilflosigkeit*, o do referido desamparo -ou seja, da falta absoluta de solução para a condição humana dada a sua fragilidade, do vazio da significação do humano e de sua existência. (Ouriques, 2019: 26-27).

Segundo Myron Sharaf (1983), seu antigo paciente e assistente, Reich, que ele denominou de “fúria na Terra”, era considerado pela comunidade psicanalítica um “bom psicanalista, mas péssimo cientista”, rótulo que adveio de suas pesquisas sobre a “energia orgone” (veremos adiante) que ele julgava ter descoberto, criando o que denominou de Orgonomia (o estudo do Funcionalismo Orgonômico). Na visão do biógrafo, Reich certamente contribuiu mais para o tratamento das perturbações psíquicas e para a sociologia do que muitos outros psicanalistas conseguiram, como é o caso do antológico e tão pouco lido *Psicologia de massas do fascismo*, que em seu último parágrafo, por exemplo, diagnostica, isso em ..., que nos "Estados Unidos, generalizou-se o ódio contra todo o tipo de poder político, porque se compreendeu como ele é prejudicial à sociedade” (Reich, :296). Assim como duas páginas antes Reich afirma que a "vida também precisa ter uma expressão enfática na imprensa e nas formas da vida social, devendo coincidir com elas” (*id.*: 294).

Apesar da clareza destes diagnósticos, e continuando a pensar sobre o rótulo negativo que lhe foi imposto, ele não está atrelado somente à referida fase orgonômica de Reich. A imagem dele como insano começou a surgir muito antes de se dedicar à pesquisa experimental. Na década de 1920, quando algumas de suas contribuições para a psicanálise ainda eram bem vistas, colegas zombavam da sua ênfase na “potência orgástica” como objetivo para o tratamento analítico.

No fim da mesma década, muitos psicanalistas consideravam fruto de uma "psicopatia" a sua defesa pela liberdade amorosa dos adolescentes e também o fato de que Reich intervinha de forma mais contundente em situações graves, tais como prestar assistência a jovens que queriam interromper gestações indesejadas. Na década de 1930, rejeitaram-no com uma acusação de "insanidade", pois Reich falava sobre as sensações

corporais que o movimento de energia produz, que se assemelham a “correntes” ou “fluxos”.

Durante sua carreira, correram muitos boatos de que ele havia sido hospitalizado por transtorno psiquiátrico, embora isso nunca tenha acontecido (SHARAF,1983). Atualmente, um fenômeno curioso podemos observar: embora ele tenha sido preso pelo FBI e morrido na prisão, na memória coletiva do senso comum tudo se passa como se ele tivesse enlouquecido e morrido em um hospício.

É irônico e perturbador que os membros da própria disciplina que postulou não haver fronteiras claras entre "normalidade" e "anormalidade", entre o "louco" e a "maioria compacta", rejeitaram tão prontamente como "psicóticos" pessoas como Jacob Moreno (o fundador do psicodrama), Sandor Ferenczi em seu último ano, e RD Laing, todos os quais divergiam fortemente da teoria ou técnica analítica clássica³ (SHARAF, 1983:8).

E é ainda mais perturbador constatar que nenhum outro caso de uso de diagnóstico psiquiátrico foi tão destrutivo quanto no caso de Reich. A acusação de loucura, sabemos, é uma espécie de justificativa comum daqueles que negam, não gostam ou rejeitam completamente suas ideias. Esta atitude parece refletir a tendência da ciência moderna de “limpar” qualquer resquício de suposta “não-objetividade” que possa existir na pesquisa científica: deve-se extirpar da construção do conhecimento qualquer relação que exista com a personalidade do pesquisador, em prol da idealização de uma ciência “livre de emoções”. É aquilo que Foucault (2004) chamou de *momento cartesiano*: o corte epistemológico que arranca o sujeito do mundo, negando-lhe o próprio corpo, no posicionamento ontológico e epistemológico usualmente denominado de paradigma moderno-cartesiano-mecanicista.

No entanto, em se tratando de Reich, a situação é inteiramente diferente. A capacidade do referido autor para cruzar as fronteiras duras da ciência e ver elementos comuns em áreas aparentemente tão distantes é vista como um sintoma de "insanidade". Qualquer um que afirme trabalhar com psiquiatria, física, biologia e filosofia só poderia ser “louco” (SHARAF, 1983). E indo mais além, considerando o amor como fundamento da vida. Como mostra Ouriques,

[...] este Ocidente fez as experiências do amor cristão, do amor romântico, do amor comunista e do amor hippie, por exemplo, e como não deram certo (como também não deu certa a fabulação das políticas das identidades e da cultura digital, esfacelada por dentro pela ausência de políticas públicas voltadas para

³ Tradução da autora. “It is ironic and disturbing that members of the very discipline that postulated no clear boundary between "normality" and "abnormality," between the "crazy" and the "compact majority," have so readily dismissed as "psychotic" such persons as Jacob Moreno (the founder of psychodrama), Sandor Ferenczi in his last years, and R. D. Laing, all of whom strongly diverged from classical analytic theory or technique”.

a intervenção nos territórios mentais (...) jogaram a questão amor (a da *philia*, força de atração entre as diferenças) fora junto com a água do banho. E colheram o ódio (*neikos*, força de repulsa entre as diferenças) generalizado e amplificado na cultura digital, expressão mais brutal da polarização que cindiu os psiquismos e suas redes, as instituições, com este estado mental que tantos intelectuais e lideranças repetem não saber de onde veio nem como superá-lo, por ainda não compreenderem que ele é o clímax dos 24 séculos de dualismo. O fato é que o amor e a correspondente ação desinteressada que emanam na *condição comunicacional do ser humano*, e que motivam o outro na direção daquele que aparece na vida, é a mesma motivação, repito, que move a busca pela justiça social, pela distribuição de renda, pelos direitos humanos e pelas políticas públicas sociais em geral, estes outros nomes da segurança e da proteção. Esta motivação é, sim, uma faculdade de desejar superior e o ser humano a assume como a *figura de felicidade*, que vai buscar durante toda a sua vida, seja em figuras reais ou em simulacros; ela move, como demonstra Jacques Poulain, "a busca infinita por um mundo que corresponda às nossas expectativas, respondendo-nos tão favoravelmente quanto a voz da mãe. (...) nos recompensando à maneira da voz da mãe: ao nos responder de forma necessariamente favorável". [...] É por isto que a *condição comunicacional do ser humano* nada tem a ver nem com a sede de dominar, de fazer-se mais forte, de constranger outras forças mais fracas e assimilá-las (como as do bebê) como Nietzsche referiu, nem com ver a natureza "como uma força fundamentalmente estranha, onipotente e inatacável", como em Marx e Engels ; mas que tem a ver com o referido *conatus* espinosiano, a insistência em ser o que se é-aí, o que depende dos encontros alegres (Espinosa), da *euthymie* (alegria; Demócrito) que Sêneca compreendeu indispensável, como bem-estar psicológico (*tranquillitas animi*) para o processo de aprendizagem (*felicittatis intellectus*). E que é correlato de certa maneira à autopoiese de Maturana, à auto-regulação de Reich (Sarcinelli et ali, 2020) e à homeostase nomeada por Walter Cannon como a sabedoria do corpo (OURIQUES, 2019: 28-29).

Reich afirmou que o verdadeiro significado do que ele denominava *Democracia do Trabalho* é a possibilidade das massas adquirirem a real determinação das suas existências e dos lugares que ocupam na sociedade. Para isso, diz ele, deveríamos substituir o caráter político irracional da vontade das massas por maneiras racionais de dominar o processo social, através da educação dessas em direção à liberdade responsável, à emancipação, visto que esses dois objetivos jamais podem ser garantidos por nada nem ninguém.

Se a democracia quer erradicar a tendência à ditadura nas massas populares, deverá provar que é capaz de eliminar a pobreza e de conseguir a independência racional do povo. Isso, e só isso, pode chamar-se desenvolvimento social orgânico. [...] O medo à vida essencial determinava todas as medidas educacionais. A democracia era considerada como uma condição de garantia da "liberdade" e não como o desenvolvimento da responsabilidade nas massas. Mesmo nas democracias, o povo era ensinado, e ainda é ensinado, a ser cegamente fiel. As catástrofes dos tempos mostraram-nos que o povo ensinado a ser cegamente fiel em qualquer sistema se privará da sua própria liberdade; matará o que lhe dá a liberdade, e fugirá com o ditador. (REICH, 1975: 21).

Na visão de Ouriques (2017) a perspectiva não-dualista encontra extremas dificuldades de aceitação na cultura ocidental, que faz o "epistemicídio" de teorias não-

hegemônicas, definindo-se como uma “máquina de fazer dois”, lembrando de Marcio Tavares d’Amaral (Ouriques, 2017: 156). Constantemente fala-se sobre superação do binário, mas a perspectiva hobbesiana continua imperando, juntamente com o corpo degenerado pela ciência mecanicista e a natureza morta - o mal está sempre fora -, que seria a característica sempre exclusiva do Outro, submetido à sujeição criminal.

Esta é a única maneira de parar colóquios e assemelhados “sempre inúteis” (...) pois movidos pela reprodução da teoria social e da filosofia ainda hegemônicas, pois levantam questões “de maneira a deixar implícito, logo de saída, que existe um abismo intransponível entre o indivíduo e a sociedade” (...) “Mas se pensarmos calmamente no assunto, logo se evidencia que as duas coisas só são possíveis juntas: só pode haver uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões se todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; e só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensão, perturbação e conflito. A dificuldade parece estar em que, nas ordens sociais que se nos apresentam, uma das duas coisas leva sempre a pior. (...) Os projetos que hoje nos são oferecidos para pôr termo a essas dificuldades parecem, ante um exame rigoroso, apenas contados para solucionar uma coisa à custa da outra” (OURIQUES, 2017: 199).

De maneira semelhante observamos esse “mecanismo epistemicida” sendo aplicado na teoria reichiana, de forma geral, pelas teorias sociais e, dentro delas, a própria psicologia, quando vemos a variedade de contribuições do trabalho de Reich sendo ridicularizadas e relegadas ao rótulo de “charlatanismo”, fruto de um suposto “delírio psicótico”.

As ciências sociais, em sua inalienável -porém hoje tão pouco costumeira- relação com a filosofia, precisam exercitar o seu avanço, o que depende necessariamente da abertura às ontologias e epistemologias não-hegemônicas, uma vez que as hegemônicas não têm sido historicamente suficientes para ajudar ao pensamento, às lideranças sociais e às lideranças organizacionais, por exemplo a partir da Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Estados Unidos, a impedir o triunfo, que embora sazonal tem terríveis consequências para o presente e o futuro, da devastação psicopolítica na cultura, e, portanto, da devastação do psiquismo e das instituições, e de sua relação com a natureza, afundados no neo-fascismo. (*id.*: 242).

É o que diz Ouriques (2017) quando aponta que a simultânea fragmentação e compartimentalização dos saberes gerada pela disciplinaridade resultou nas chamadas “bolhas acadêmicas” aderidas às formações culturais hegemônicas. Diante disso o complexo exercício da transdisciplinaridade e de adoção de epistemes tão plurais quanto a de Reich, por exemplo, se torna extremamente dificultado, mesmo que suas investigações estejam de acordo com o que se supõe um saber científico, sistemático e com método definido. Daí a importância de Reich, que se notabiliza por fazer esse movimento transdisciplinar, na busca não de uma articulação simplista de saberes, mas

de uma ampliação capaz de trazer maior compreensão para os fenômenos que estudava, rompendo com as consagradas divisões do pensamento ocidental.

A desconexão entre os saberes das ciências sociais com aqueles sobre a economia psíquica dos indivíduos é que faz tão frequente, na ação pela transformação social nos três setores, o oposto dela: a traição, o cinismo, a vaidade, a violência, o autoritarismo, o roubo de projetos, a concentração de poder, a manipulação de assembléias e reuniões, o nepotismo, o fluxo hierarquizado e cristalizado de informações, a não-escuta, a mentira deslavada, a distorção do que é dito, a supressão de informações decisivas, o uso de “redes” para interesse próprio, a competição antiética por patrocínios, a perseguição e menosprezo dos “derrotados” em geral, etc. [...]. A incapacidade epistêmica sobretudo da teoria cultural, mas também das economias políticas com sua meta desenvolvimentista, de lidar com as outras epistemes, como as indígenas, com outro fundamento ontológico, na medida em que estas falam frequentemente do lugar da natureza como viva e portanto da verdade, e para o culturalismo a natureza não só é morta e perigosa mas a verdade ou inexistente ou impossível de ser acessada, pois seria o lugar que a episteme ocidental hegemônica só consegue ver como o lugar da captura, o que a faz acabar como assujeitada pela “verdade” do estado mental capital. Da mesma forma que para o marxismo a “odisséia humana” seria “domar” a natureza, “agir sobre a natureza”, por ela ser “incontrolável e fonte de incerteza e da morte” (Ouriques, 2017: 249-250).

E lembrando Terry Eagleton, cita Ouriques:

“tem sido acanhada [a teoria cultural] com respeito à moralidade e à metafísica, embaraçada quando se trata de amor, biologia, religião e a revolução, grandemente silenciosa sobre o mal, reticente a respeito da morte e do sofrimento, dogmática sobre essenciais, universais e fundamentos, e superficial a respeito da verdade, objetividade e ação desinteressada. Por qualquer estimativa, essa é uma parcela da existência humana demasiado grande para ser frustrada. Além disso, esse é um momento bastante embaraçoso da história para que nos achemos com pouco ou nada a dizer sobre questões tão fundamentais” (*id.*).

Thomas Kuhn (1975), físico e historiador da ciência, descreve a evolução do processo científico com sendo marcado por crises e revoluções. Tudo começa com a adoção de um *paradigma*, que em grego significa “modelo”, sistema ideal de referências a partir do qual os cientistas de determinada área se esforçam para produzir conhecimento, colocar perguntas a partir daquele referencial, buscando por respostas que satisfaçam justamente as premissas da qual partiram sua investigação, isto é, que possam continuamente confirmar a eficiência do modelo adotado. Este é o período que ele chamou de *ciência normal*, onde a norma é o padrão de veracidade e a conformidade ao modelo geral é o critério de qualidade da ciência produzida. Apesar dos claros problemas que isso impõe à emergência da novidade e ao pensamento “fora das caixinhas”, Kuhn reconhece a importância e a eficiência deste período da ciência. Não constitui uma época de revolução, mas de que adianta revolucionar constantemente sem desenvolver até o seu limite as consequências de cada modelo? A *ciência normal* constitui a grande maior parte

da *História da Ciência*. É a história dos grandes cientistas que partiram de um paradigma dado por alguém no passado e extraíram de lá novas teorias, novos métodos, nova tecnologia.

Mas por melhor que sejam os frutos produzidos pela *ciência normal*, sempre chega um momento na história do desenvolvimento das ideias que o modelo padrão começa a encontrar dificuldade para resolver um conjunto cada vez maior de *anomalias*, paradoxos e problemas insolúveis para ciência. Insolúveis do ponto de vista do antigo paradigma. É neste momento que nasce a *ciência extraordinária*. Pesquisas anômalas, que do ponto de vista do paradigma vigente parecem estranhas, incoerentes, equivocadas ou até mesmo malucas, alucinadas; mas que do ponto de vista dos novos paradigmas que irão surgir nas próximas décadas na verdade são pioneiras.

Cientistas extraordinários como Isaac Newton (1643-1727), Albert Einstein (1879-1955), Michel Faraday (1791-1867), Sigmund Freud (1856-1939), Charles Darwin (1809-1882), Gregor Mendel (1822-1884), fazem um tipo de ciência que não poderia de maneira alguma ser aceita pela ciência comum de sua época, eram *incomensuráveis* com o velho paradigma. Traziam já em si uma outra forma de pensar a natureza, um outro modelo. A partir de seus trabalhos, a partir dos avanços epistemológicos da ciência extraordinária, uma nova e revigorada ciência comum se desenvolve, e o processo do progresso científico inicia um novo ciclo de adesão quase religiosa ao novo paradigma, novos dogmas e novos tabus, novos e revigorados tribunais de inquisição. Até que as anomalias se acumulem novamente em tal proporção, que uma nova ciência extraordinária venha abalar os alicerces da ciência atual. O louco de uma geração pode muito bem ser o gênio das gerações seguintes. Meu argumento principal aqui é que este é justamente o caso de Wilhelm Reich.

Poderíamos fazer várias críticas ao modelo de Kuhn, por ser demais reducionista e não poder ser aplicado em um grande número de casos, onde diferentes paradigmas convivem lado a lado sem que de fato nenhuma “revolução” radical aconteça, onde o velho e o novo convivem sem extinção epistêmica. Kuhn descreve mais a cultura europeia e a sua relação com o diferente, do que propriamente a natureza do progresso científico (BICHARA & KOEHLER, 2020). Mas em alguns casos, como no de Wilhelm Reich, sua tese pode perfeitamente ser aplicada.

Por adiantar em muitos sentidos os princípios do próximo paradigma, mas numa época onde as anomalias ainda não haviam corroído por completo os edifícios da ciência comum, herdeira da ciência extraordinária do século XIX, minha pesquisa mostra que a

ciência que Reich produziu em sua época pode ser descrita como um exemplo de ciência extraordinária. Mas como já mencionamos, por se envolver em muitas polêmicas políticas, numa época muito conturbada para judeus de esquerda no mundo, sua obra quase sempre é deixada de fora das grandes narrativas da pesquisa médica e psicológica do século XX.

Para demonstrar meu argumento, dividi a dissertação em três capítulos: no primeiro descreverei porque a ciência produzida por Reich pode ser dita como extraordinária; no segundo tratarei das mudanças de paradigma nas ciências naturais após sua morte; e no terceiro capítulo, tratarei sobre as mudanças de paradigma nas teorias sociais e na filosofia a partir da Teoria e Terapia Psicopolítica, para a qual a emancipação psicopolítica depende da qualidade emancipatória do *território mental* (Ouriques, 2009) do ser humano.

No **Capítulo 1: A ciência extraordinária de Wilhelm Reich**, ao aprofundarmos o conhecimento sobre o conceito norteador desta pesquisa, e também da obra reichiana (a *autorregulação*) trato dos eventos mais marcantes que atravessaram e influenciaram a perseguição de Reich, judeu, ateu, psicanalista e ex-comunista, pela academia hegemônica, de que modo ele se confrontou com os paradigmas vigentes e que respostas novas e originais ele elaborou, tentando pensar a partir de uma outra perspectiva. É difícil entender a obra reichiana e a sua importância para a história das ciências e da psicologia, sem levar em consideração os referidos fatores relacionados à sua “má fama”, as perseguições as quais foi submetido em diversos campos e os efeitos destas na aceitação, divulgação e produção de sua obra (BENNET, 2010, 2014; SHARAF, 1983; DEMEO, 2013). Mas o que atravessa todos esses motivos parece ser o fato de que ele estava muito à frente de sua época.

No **Capítulo 2: Autorregulação e a ciência contemporânea**, desenvolverei as relações entre Reich e a ciência contemporânea. Discutindo autores melhor aceitos pela ciência hegemônica atual, mostraremos que grandes nomes do século XX acabaram seguindo caminhos intelectuais muito parecidos com o de Reich, chegando às conclusões semelhantes em muitos sentidos, ou pelo menos seguiram na mesma direção geral de questionamento. Contra a acusação de que o seu trabalho não era científico, vamos relacioná-lo com as colaborações intelectuais de Erwin Schrödinger (1997 [1944]) e Ilya Prigogine e Isabelle Stengers (1991 [1984]; 1992 [1988]); Maturana e Varela (1995 [1987]; 2001 [2000]) e Henri Atlan (1992 [1979]).

Como fio condutor de minha investigação, mais uma vez aqui estará o conceito central de *autorregulação*, como propriedade essencial da vida. A integração de conceitos como energia, corpo, mente, sociedade, doença e emoções nos remete a algumas formulações da ciência contemporânea principalmente na biologia, física e ciência política.

Afirmo que, além do viés transdisciplinar ("pecado mortal" para a ciência hegemônica), há ainda outra razão para ele ter sido expurgado da história das ciências, que é a importância dos estados mentais, conceito não-dual da teoria e Terapia Psicopolítica, pois estados mentais são complexos de pensamentos-afetos-percepções, na produção reichiana, principalmente da razão esclarecedora do amor, do "abraço genital", da entrega plena lógico-afetiva à vida como a via de emancipação. O amor é a razão, o fundamento da sociabilidade. Isso é exatamente o que propõe a teoria reichiana.

Reich atribui ao paradigma racionalista a tentativa de identificar a natureza como o grande mal a ser superado rumo à civilização. Sob essa ótica, a história da humanidade é a história da dominação da natureza em seus vários campos, o que se manifesta na oposição entre razão e paixão que procura atribuir à primeira uma condição de superioridade em relação à segunda. Assim, enquanto expressão – perigosa – da natureza junto aos Homens, as paixões são o grande inimigo a ser combatido. No campo científico, a tentativa mais acabada deste projeto responde pelo nome de mecanicismo – sistema de pensamento que confere à natureza as mesmas propriedades e leis da máquina, verdadeiro paradigma da ciência e filosofia a partir do século XVII.[...]. Seu ponto de partida é uma releitura da natureza, atribuindo a ela características que na perspectiva racionalista são exclusivas da cultura- como, por exemplo, a racionalidade – invertendo, por assim dizer, seu estatuto em relação a esse modelo. A natureza para Reich não é algo perigoso ou caótico a ser dominado, transformado ou destruído, mas algo positivo a ser continuado, preservado ou favorecido (BARRETO, 2000: 15).

No **Capítulo 3: autorregulação, uma questão psicopolítica**, tratarei da questão contemporânea da *Teoria e Terapia Psicopolítica*, que ele enunciou em 2004, como desdobramento ontológico da maneira não-dual de pensar a natureza e o ser humano e, principalmente, sua emancipação. Aqui novamente a questão transdisciplinar da *autorregulação* nos permitirá fazer um diálogo entre a obra de um médico psicanalista alemão e a de um filósofo terapeuta orgonomista brasileiro.

Ao pensar a questão dos *aparelhos psicopolíticos da cultura*, Ouriques (2017) atualiza de modo inovador algumas das questões que mais estimularam Reich a filosofar e a fazer ciência. Isto é, saber responder a pergunta cada vez mais difícil, sobre porque nos agredimos tanto e com tanta frequência, uns aos outros e a nós mesmos. De onde vem toda essa violência e esse ódio contra nós mesmos e a nossa própria natureza? Estaríamos nós, como animais políticos, fadados a permanecer para sempre em estado de guerra,

competição violenta e sádica dominação? Ou por acaso seriam estas forças arregimentadas por sistemas de comunicação perversos, desenhados de propósito para fazer enlouquecer. Se for este último o caso real, então não seria o mais louco entre nós, na verdade o mais lúcido e visionário?

Capítulo 1

A ciência extraordinária de Wilhelm Reich

O pensamento mecanicista favorece as diferenças, tem o hábito de negligenciar o que é comum e, portanto, toma-se rígido e nitidamente divisor. O pensamento funcional está interessado principalmente nas características comuns, porque a investigação do comum conduz a algo mais profundo e mais adiantado. Quando Darwin estudou a origem do homem, enquanto proveniente dos animais superiores, considerou muito mais importante que os embriões do homem, do porco, do macaco e do cachorro apresentassem tantos traços idênticos, em vez de quaisquer diferenças sutis. Desta maneira, descobriu o princípio comum de evolução dos vertebrados, que é válido para o homem e o macaco. Para o mecanicismo e o misticismo, a diferença entre homem e animal era - e ainda é - mais importante, como o ser "não-animal" ou "não-sexual". Podemos discernir por que essa metodologia divisora estava fadada a terminar em um beco sem saída finalista e místico. Os traços comuns apontam invariavelmente para uma origem comum. Portanto, a exploração de funções comuns de diferentes fenômenos também é uma exploração histórica e genética. A observação que divide, como exemplificada na biologia puramente descritiva, não pode conduzir à observação genética. Como consequência, surge a tendência de relacionar as variações a uma "meta" ou "propósito" comum de suas funções. É assim que o misticismo faz caminho dentro da ciência natural. E do misticismo da observação que divide, provêm as atitudes irracionais do preconceito racial ou da repressão sexual de crianças. Não é por acaso, e sim um fato comprovado, que a filosofia negadora da vida sempre enfatiza o elemento divisor, como as diferenças entre os povos no nacionalismo, as diferenças entre famílias na ideologia da família, as diferenças de riqueza no princípio financeiro, as diferenças de categoria social no princípio autoritário. Por outro lado, a filosofia que afirma a vida enfatiza o elemento comum, a origem biológica comum de todos os animais humanos, as características comuns no homem, no animal, na natureza, os interesses e necessidades de vida comuns e assim por diante (REICH, 2003: 114).

Wilhelm Reich era filho de judeus assimilados e foi criado longe de qualquer tradição religiosa. Na ocasião da Primeira Guerra Mundial, chegou a ingressar no Exército e ocupar o cargo de tenente. Quando retornou da guerra, mudou-se para Viena, onde chegou a iniciar o curso de Direito, mas logo o abandonou para cursar Medicina, em 1918, na Universidade de Viena.

Segundo Sharaf (1983), ao tomar conhecimento do trabalho de Sigmund Freud, Reich decide encontrá-lo pessoalmente no ano de 1919, quando disse querer aprofundar seu conhecimento sobre sexologia, sua área de maior interesse no início de carreira e também tema de sua pós-graduação em neuropsiquiatria em 1922, com o aclamado Julius Wagner von Jauregg (1857-1940), médico psiquiatra criador da malarioterapia⁴.

Tornando-se assim um jovem psicanalista, Reich foi inicialmente muito bem aceito por seus pares e era tido em alta conta por seu mentor Freud. Durante toda a década

⁴ *Malarioterapia* foi uma técnica proposta por Jauregg em 1917, no intuito de causar acessos febris em pacientes que possuíam paralisia geral do corpo causada pela sífilis avançada. A técnica consistia na inoculação de sangue contendo uma versão benigna dos agentes causadores da malária.

de 1920 foi amplamente reconhecido pela qualidade de seus trabalhos sobre a técnica psicanalítica. Enquanto membro da *Sociedade Psicanalítica de Viena*, naquela mesma época esteve envolvido na criação dos *Seminários de Técnica Psicanalítica de Viena* e contribuiu para a inclusão da análise das expressões corporais e suas funções na psicoterapia, quando investigou as *defesas caracterológicas* e como essas defesas culminavam em resultados poucos satisfatórios no processo terapêutico.

As defesas caracterológicas são o conjunto de reações emocionais e corporais que visam interromper algum estímulo (interno ou externo) que possa surgir com muita intensidade afetiva. Diante dessa possibilidade os pacientes apresentavam resistência ao processo no sentido de evitar esses estímulos ameaçadores do organismo que causam impactos emocionais sobre a consciência.

De um modo mais amplo, essas defesas fazem parte da estrutura de encorajamento do organismo, que por sua vez é constituída e moldada pela relação do organismo com o meio em que vive. Reich chamava esta cronificação do corpo e da personalidade de *couraça*, que pode ser definida como um enrijecimento muscular-energético que interfere na mobilidade total do ser, de forma global, caracterizando-o com maneiras de agir, pensar, reagir e sentir que visam proteger o sujeito dos inúmeros estímulos ameaçadores, sejam eles internos ou externos. No entanto, esta "proteção" acaba sendo o problema, pois este enrijecimento protetivo acaba dessensibilizando o corpo, anestesiando a vida, adormecendo a mente. Ao se proteger demais, o ser humano acaba excluindo também a possibilidade de experimentar os estímulos capazes de prazer e satisfação das necessidades pulsionais.

Nas palavras de Reich, "o encorajamento forma-se como resultado crônico do choque entre exigências pulsionais e um mundo externo que frustra essas exigências. Sua força e contínua razão de ser provém dos conflitos existentes entre a pulsão e o mundo externo" (REICH, 1998: 152). E essa resistência, descobriu ele, pode ser mais bem trabalhada por meio da análise das expressões corporais nas quais ela aparece, pois não advêm dos conteúdos verbais e diferem de pessoa para pessoa, ainda que seus conteúdos sejam os mesmos

Já desde o início de sua carreira, Reich se sentiu estimulado e aprofundou-se em diversos campos de pesquisa além da medicina, neurologia e psicanálise: estudou também biologia, antropologia e filosofia, inspirando-se em autores vitalistas da época como os biólogos Hans Driesch (1867-1941), Paul Kammerer (1880-1926) e o filósofo Henri Bergson (1859-1941). Já desde essa época inicial, Reich já pensava em uma energética

da vida que se distinguia daquela defendida por Freud, a saber, a noção de *libido*. O autor considerava a *libido* um dos fundamentos principais da teoria psicanalítica, porém, em sua avaliação, os psicanalistas a colocavam em segundo plano, tornando-a cada vez mais “metafísica”. Já para Reich, a *libido* era mais que isso, era a própria força motriz da vida, a energia biológica, vital, presente em todos os organismos vivos. Reich inicia assim seu trajeto como médico e psicanalista dando grande enfoque na teoria da *libido* de Freud, e continua levando esta questão adiante por toda a sua carreira, mesmo quando ela já era negligenciada e considerada desnecessária à prática clínica, por seus pares no meio psicanalítico.

Desde o início de seus estudos em medicina, Reich se interessava pela energética do vivo (BEDANI, 2007), particularmente pela ideia de que o modo como a energia nos seres vivos funciona, se distingue de todos os processos energéticos conhecidos na época: energia química, eletromagnética, termodinâmica; modelos teóricos de grande sucesso no século XIX, e que eram os mais usuais na tentativa científica de compreender a motilidade das substâncias vivas. Este interesse pelo funcionamento energético da vida e a relação deste com as possíveis causas do adoecimento psíquico é um dos principais pontos de embate com seus contemporâneos, sendo por isto será severamente criticado e perseguido.

Esta persistência de Reich em tentar mensurar a *libido*, quando esta questão já não tinha mais muita utilidade, dada à mentalidade conservadora da época, no pensamento freudiano, é o que eventualmente irá levá-lo mais tarde ao estabelecimento daquilo que ele chamou de *pensamento funcional*. Segundo Barreto (2000), havia no contexto científico dessa época uma disputa entre saber se os sintomas mentais eram “psicogênicos” ou “somatogênicos”. A psiquiatria oficial se considerava científica por tratar de “quantidades e energias”, acusando a psicanálise de ser “filosofia”, por esta estudar apenas qualidades psíquicas. Por outro lado, a psicanálise em busca de uma afirmação enquanto ciência independente da medicina, supervalorizava o psíquico em detrimento do físico. E no ponto intermediário entre esses dois polos está Reich, para quem ambas as perspectivas eram reducionistas, pois seu objetivo principal era justamente tentar traçar pontes entre os dois aspectos, psique e soma.

No primeiro capítulo de “A função do Orgasmo” (1975), Reich descreve resumidamente o início de sua trajetória profissional e a estratégia transdisciplinar que ele adotou, para tentar lidar com os problemas colocados pela então pioneira teoria da sexualidade freudiana:

Assimilei gradualmente as suas descobertas, estudando ao mesmo tempo as idéias e descobertas de outros grandes homens. Antes de entregar-me inteiramente à psicanálise e de me atirar totalmente a ela, adquiri um conhecimento básico geral em ciência natural e em filosofia natural. Era o tema básico da sexualidade que me obrigava a empreender esses estudos. Estudei muito bem o *Handbuch der Sexual-wissenschaft*, de Moll. Queria saber o que os outros tinham a dizer sobre os instintos. Isso me levou a Semon. A sua teoria das "sensações mnemônicas" deu-me o que pensar sobre os problemas da memória e do instinto. Semon argumentava que os atos involuntários de todas as criaturas vivas consistem em "engramas", i.e., em impressões históricas de experiências. O protoplasma, em eterna autoperpetuação, absorve continuamente impressões que, respondendo aos estímulos correspondentes, são "ecforizadas". Essa teoria biológica se ajusta muito bem ao conceito das lembranças inconscientes de Freud, os "traços de Memória". A pergunta -"Que é a vida?"- inspirava cada uma das minhas novas aquisições de conhecimento. A vida era marcada por uma notável racionalidade e intencionalidade da ação instintiva e involuntária (REICH, 1975: 27 [itálicos do autor]).

Vemos que mesmo em sua aproximação inicial à psicanálise, Reich já se posicionava de maneira diferenciada em relação a maior parte dos psicanalistas de sua época. A convicção que fundamentou a construção de todo o seu sistema de pensamento era a de que "a vida emocional humana não é de origem sobrenatural. Está localizada nos limites da natureza e é investigável. Como o resto da natureza, obedece a leis funcionais de matéria e energia"⁵ (REICH, 1950: 2).

Para a compreensão da condição humana e dos fenômenos vitais, ele não aceitaria nenhuma interpretação ou explicação transcendental em relação ao modo como a vida se organiza, defendendo haver uma "energética do vivo", imanente e natural, que funcionaria de modo distinto dos outros processos energéticos conhecidos pelos cientistas até então.

Reich defendia que essa *unidade funcional (psiquessoma)* funcionava como um *núcleo biológico autorregulador* da estrutura humana e que, portanto, em condições favoráveis, é espontaneamente social e emocionalmente regulado, não movido exclusivamente por convenções sociais e valores externos, mas antes de tudo por necessidades internas de amor, conexão, comunicação e sobrevivência.

Em "Éter, Deus e o Diabo" (2003), obra de teor epistemológico publicada originalmente em 1949, Reich nos aponta a importância de considerar este modelo energético como parâmetro de saúde/doença, no que tange a qualidade das afecções.

[...] devemos nos limitar aos mecanismos básicos que distinguem o organismo realmente vivo de sua forma distorcida de expressão na biopatia. Além disso, temos de confrontar estes dois mundos estranhos entre si e penetrar nas tragédias sociais que afligiram o animal humano por milhares de anos, desde que seu organismo tornou-se encouraçado. Na sua própria esfera, o organismo desencouraçado desenvolve uma variedade infinita de formas de vida. O mesmo vale para o organismo encouraçado, que desenvolve uma variedade

⁵ Tradução da autora: "Human emotional life is not of supernatural origin. It is located within the bounds of nature and is investigable. Like the rest of nature, it obeys the functional laws of matter and energy".

igualmente infinita de reações biopáticas. Estamos interessados no gênero como um todo, nas sensações contraditórias em relação à vida, de onde derivam todas as outras contradições. [...] O organismo encouraçado é essencialmente diferente do desencouraçado no sentido de que erige um muro rígido entre seu cerne biológico, de onde brotam todos os impulsos naturais, e o mundo em que ele vive e trabalha. Como resultado, todo impulso natural, particularmente no que diz respeito à função natural do amor e à capacidade de amar, é obstruído. O cerne vital do organismo encouraçado continua tendo seus impulsos, porém eles não podem mais encontrar livre expressão. Na tentativa desesperada de "se expressar", todo impulso natural é forçado a penetrar ou atravessar o muro do encouraçamento. O impulso deve usar de força para atingir a superfície e o objetivo. Enquanto o impulso está tentando superar o encouraçamento pela força, ele se transforma em raiva destrutiva, independentemente de sua natureza original (REICH, 2003: 69-70).

Ferri e Cimini (2011) destacam que o modelo que Freud se pautava para explicar o funcionamento psíquico derivava dos ensinamentos de Helmholtz (1821-1894), e o campo da neurofisiologia naquele momento da pesquisa freudiana na Europa estava assentada nas ideias dos autores Brucke (1819-1892), Sigmund Exner (1846-1926) e Meynert (1833-1892). De acordo estes, o sistema nervoso operaria transmitindo quantidades variadas de energia para os nervos e a natureza desses impulsos era puramente elétrica e concebida em termos hidráulicos, como se fosse um fluido transitando pelas fibras nervosas. Então a psicanálise se pautava em uma concepção energética que Reich discordava, pois se tratava de uma forma mecanicista de conceber o funcionamento do organismo vivo. Ressalta-se que é possível ter uma noção sobre as ideias de Freud acerca da energia na obra "Projeto para uma psicologia científica" que foi gestado durante dois anos (de 1895 a 1897) e depois foi destinado ao descarte (FERRI e CIMINI, 2011). Reich estava interessado numa biologia não-mecanicista, preocupada em compreender os fenômenos dinâmicos da vida, interesse que o coloca muito próximo da nova perspectiva do campo da biologia atual (ver *Capítulo 2*).

Por outro lado, o problema fundamental da psiquiatria (de sua época e mesmo a de hoje), o problema da *unidade psiquessoma* (ou em termos reichianos: a *unidade funcional*), foi concebido por Reich graças à sua leitura do filósofo francês Henri Bergson (1859-1941):

Tive mais sucesso com Bergson. Fiz um estudo muito cuidadoso dos seus *Matéria e Memória*, *Tempo e liberdade* e *a Evolução Criadora*. Percebi instintivamente a exatidão de seus esforços para refutar tanto o materialismo mecanicista como o finalismo. A explicação bergsoniana da percepção da duração temporal na experiência psíquica e da unidade do ego confirmou minhas próprias percepções íntimas da natureza não mecanicista do organismo. [...]. Minha atual teoria da identidade e da unidade do funcionamento psicofísico teve sua origem no pensamento bergsoniano e se tornou uma nova teoria da relação funcional entre o corpo e a mente. Durante algum tempo, fui encarado como um "bergsoniano maluco". Embora em

princípio eu concordasse com Bergson, não sabia como apontar a lacuna existente em sua teoria. Seu “*élan vital*” lembrava-me de perto a “enteléquia” de Driesch. O princípio de uma força criativa governando a vida não podia ser negado. Assim mesmo, não era satisfatório, na medida em que não podia ser tocado, descrito e tratado objetivamente. A aplicabilidade prática era considerada, com justiça, a meta suprema da ciência natural. Os vitalistas pareceram-me sempre mais próximos de um entendimento do princípio essencial do que os mecanicistas, que cortam a vida em pedaços antes de procurar compreendê-la. Por outro lado, a idéia de que o organismo operava como uma máquina era intelectualmente mais acessível. Podiam-se traçar paralelos considerando os elementos conhecidos no campo da física (REICH, 1975: 28).

No *Capítulo 2*, ao abordarmos o problema da entropia e da negentropia no estudo dos fenômenos vivos, tratarei mais detalhadamente este ponto de divergência de Reich com a física de sua época, herdeira dos paradigmas do século XIX. De modo resumido, podemos dizer aqui que Reich recusava uma definição do processo vivo como algo que tenderia necessariamente para a morte e a autodestruição, fadada eternamente ao fracasso, vítima indefesa da entropia universal. Ele defendia o fenômeno da vida de modo bergsoniano, como *evolução criadora*, como uma força da natureza que se punha diretamente contra a entropia, contra a aleatoriedade, a desordem e a morte. “A vida é negentrópica!” ele gostaria de dizer, mais ainda não haviam inventado esta palavra.

É por isso que desde o primeiro momento em que ingressou na psicanálise, Reich sempre se posicionou duramente contra a noção de *pulsão de morte*, tão cara à Freud e a seus seguidores⁶. Esta recusa em aceitar tal conceito será talvez o principal pivô de discordância que culminaria mais tarde em seu afastamento do campo psicanalítico. O pressuposto que estava por trás deste conceito é a aplicação transdisciplinar das leis da termodinâmica, ou a maneira como elas eram compreendidas na época, da física industrial para a psicologia humana. A lei de conservação da energia afirmava sobre a capacidade dos sistemas físicos isolados de manterem seus níveis energéticos constantes, do qual Freud deriva então o princípio da *inércia neurônica*. Um sistema nervoso que não teve a oportunidade de descarregar sua energia (sexual ou agressiva), mantém-se energeticamente carregado, dando origem à sintomas físicos e musculares, como aqueles típicos da histeria. Já o princípio da *entropia*, que considera a morte (equilíbrio térmico,

⁶ Em 1920, Freud irá instaurar um novo dualismo pulsional, segundo Roudinesco e Plon (1998), opondo as pulsões de vida às pulsões de morte. Foi a partir da observação da compulsão à repetição que Freud cunhou o conceito. De origem inconsciente e difícil de controlar, essa compulsão levaria o sujeito ao sofrimento inextirpável, réplicas de experiências infantis arcaicas, que tendem a autodestruição. Para Freud então a meta da vida é um retorno ao estado de não-vida que a precede. A finalidade da *pulsão* de morte então seria a recondução do vivo ao estado inorgânico. Essa concepção era utilizada principalmente no intuito de tentar dar conta dos casos em que pacientes pioravam seus sintomas ou que simplesmente não melhoravam com a análise.

cessação de movimento, desarranjo caótico do que antes estava ordenado) como objetivo final da evolução de qualquer sistema físico, tendência geral à autodestruição, aparece representada pela *pulsão de morte*, criada por Freud para descrever no âmbito psíquico, o funcionamento entrópico que a física clássica dizia ser necessário a qualquer sistema.

Uma crescente produção de pesquisas assentadas na perspectiva complexa e/ou sistêmica, inter e transdisciplinares, endossa a perspectiva reichiana em grande medida e, conforme as atualizações aproximem a sua produção deste “novo paradigma”, Reich poderá ser melhor apreciado e reconhecido por suas contribuições, em especial sua concepção sobre o princípio de *autorregulação* que fundamenta sua concepção acerca da dinâmica da vida.

Mello Wagner (1996) nos diz que, diferentemente dos conceitos de potência orgástica ou de análise do caráter, o conceito de *autorregulação* não é originalmente criação de Reich. A biologia já adotava este conceito para explicação do funcionamento das células e do metabolismo dos seres vivos. Mas a originalidade de Reich está na relação que este autor faz, em conceber a psique dos sujeitos e do grupo social como organismos (ou melhor, como sistemas) vivos e que exatamente por essa razão devem funcionar de acordo com o princípio de *autorregulação*.

Ao acompanhar as investigações clínicas de Reich, pode-se observar que o autor estava o tempo todo preocupado com as implicações políticas por trás das queixas de seus pacientes, como as condições materiais e sociais destes poderiam estar contribuindo para a origem e manutenção dos sintomas apresentados. Ou seja, o adoecimento dos sujeitos não seria um fenômeno de ordem puramente individual, mas também social, pois os sujeitos nascem em um contexto familiar específico, dentro de um contexto político-social específico. Esse conjunto de forças sujeitam uma pessoa a assumir determinado *caráter*, como estratégia de sobrevivência e adaptação, onde as relações de forças “externas” e “internas” não possuem fronteira definida.

O *caráter* aqui não possui a conotação usualmente conhecida do senso comum. Na perspectiva reichiana, o caráter está associado à estruturação típica de mecanismos defensivos próprios do desenvolvimento afetivo de cada sujeito, levando-o a possuir reações típicas nas suas relações, incluindo também as percepções dos sujeitos sobre essas relações e sobre o seu meio. O caráter tem, portanto, “uma função protetora que se tornou crônica, ela merece a designação de ‘blindagem’ porque constitui claramente uma restrição à mobilidade psíquica da personalidade como um todo” (REICH, 1998: 188).

Ricardo Rego (2005) aponta que apesar de Reich, em alguma medida, concordar com Freud de que existe a possibilidade os organismos infligirem a si próprios algum impulso destrutivo, ele acaba revelando uma forma de interpretação bem diferente de seu mestre. Para Reich os impulsos destrutivos existem, no entanto, eles não são de ordem primária, ou seja, não fazem parte da nossa natureza de forma imutável. Eles se originam na vida social, quando as necessidades básicas pulsionais dos organismos são violadas, frustradas pela repressão da energia vital (sexual) e pela consequente estase (bloqueio) da libido. Ainda segundo Rego, o fato de Reich ser engajado politicamente o faria olhar com desconfiança perante essa nova concepção freudiana. No início da década de 1930, Reich faz sua crítica ao conceito de *pulsão de morte* e posteriormente a publica no livro “Análise do Caráter”, no capítulo XI “O caráter masoquista”. Reich afirma que

originalmente, dizia que a neurose resultava do conflito entre a pulsão e o mundo externo (*libido-medo de punição*). Agora afirma-se que a neurose resulta do conflito entre a pulsão e a *necessidade* de punição (*libido – desejo de punição*, isto é, o oposto exato do que se dizia anteriormente). Esse conceito estava em perfeita harmonia com a nova teoria das pulsões, baseada na antítese entre eros e a pulsão de morte. Essa nova teoria remontou o conflito psíquico aos elementos internos e diminuiu, cada vez mais, o papel supremo do mundo externo, frustrante e punitivo. Na teoria original, dizia-se que o sofrimento provinha “do mundo externo, da sociedade”. Agora se diz que deriva “da vontade biológica de sofrer, da pulsão de morte e da necessidade de punição”. Essa nova formulação bloqueou o difícil caminho para a *sociologia* do sofrimento humano, à qual a fórmula psicológica original acerca do conflito psíquico proporcionou considerável progresso. A teoria da pulsão de morte, isto é, a teoria das pulsões biológicas autodestrutivas, leva a uma filosofia cultural do sofrimento humano como em *Das Unbehagen in der Kultur* (O Mal-Estar na Civilização). Afirma-se que o sofrimento humano é inextirpável porque os impulsos destrutivos e os impulsos empenhados na autodestruição não podem ser dominados. Por outro lado, a formulação original do conflito psíquico leva a uma crítica do sistema social (REICH, 1998: 221-222 [itálicos do autor]).

A orientação política de Reich foi decisiva na formulação de sua crítica à pulsão de morte, pois foi responsável por sua leitura revolucionária da psicanálise. Na sua concepção a ciência não pode ser desatrelada de sua função política, o que o fez considerar a psicanálise não somente do ponto de vista clínico, mas também do ponto de vista social. Para Reich, portanto, a concepção da *pulsão de morte* e sua manifestação na forma de masoquismo (na clínica) traz uma consequência nada interessante para o campo da psicoterapia e da saúde mental em geral por carregar um tom pessimista, niilista e desencantado, sendo realmente difícil ver qualquer possibilidade de mudança nos pacientes. É o que Reich aponta nesses termos:

A agressividade do paciente era mal dirigida, sobrecarregada de sentimentos de culpa, excluída da realidade e, em geral, profundamente reprimida. A teoria freudiana da tendência destrutiva biológica primária dificultava a solução.

Realmente, se as manifestações diárias, evidentes e encobertas, do sadismo e da brutalidade humanos eram a expressão de uma força instintiva biológica e, portanto, natural, havia pouca esperança para a terapia das neuroses, ou para as perspectivas culturais – tidas em alta estima e consideração. E se, de fato, os impulsos de auto-aniquilação eram biológicos e imutáveis, restava apenas a perspectiva de um massacre humano mútuo. Nesse caso as neuroses seriam manifestações biológicas. Por que, então, praticávamos a psicoterapia? (REICH, 1975: 135).

Diante disso, podemos observar o que Shimabukuro (2020) nos chama atenção que é o aspecto conservador e reacionário da pulsão de morte, se pensarmos que é mais fácil aceitar que todos caminhamos rumo à aniquilação de nós mesmos e aos outros, do que imaginar uma sociedade mais justa.

Para Reich, esse deslocamento e interiorização do sofrimento psíquico nos permitem entender o sentido político reacionário da pulsão de morte. Pois, se é a sociedade que produz sofrimento psíquico, trata-se de transformar essa mesma sociedade que nos faz sofrer, ao passo que, se é a pulsão de morte e a compulsão de repetição que produzem sofrimento psíquico, toda luta por transformação social perde seu sentido, já que não alteraria em nada a pulsão de morte enquanto impulso biológico universal do organismo (SHIMABUKURO, 2020: 340).

A recusa de Reich em aceitar a ideia da pulsão de morte irá trazer contribuições contrárias a essa tese e propõe de maneira mais otimista outros modos de se pensar o que acontecia com os pacientes, por exemplo, que não melhoravam com análise (para mais ver o citado capítulo “O caráter masoquista” em Análise do Caráter).

Reich postula que há nos seres humanos uma capacidade natural para ajustamento social, visto que os organismos cada vez mais próximos de uma vida autorregulada os permitiria conviver em sociedade de forma mais cooperativa. Isso não significa a exclusão de toda e qualquer regra, mas o sistema tenderia a depender menos de coerções institucionais. As neuroses seriam o resultado da negação e da proibição da satisfação básica, das necessidades pulsionais dos sujeitos, principalmente no que envolve a sexualidade. A partir dessa forma de entender o conflito pulsional, Reich escancara justamente o papel da sociedade nos processos de adoecimento dos sujeitos e que as restrições impostas por ela também teriam funções econômicas e políticas, já que a sociedade precisa de pessoas cada vez mais dependentes, submissas, sem capacidade crítica e sem possibilidade de emancipação.

Assim, a obra de Freud “O mal-estar na civilização” enfoca a oposição drástica entre a possibilidade de satisfação das pulsões e as exigências culturais. Logo a neurose seria necessária para o convívio social. Por outro lado, Reich defende que a neurose é fruto de um adoecimento social. Portanto, existiria a possibilidade de promoção de saúde

mental baseada na recuperação da capacidade de autorregulação e alcançável partindo de mudanças culturais, políticas e sociais.

Essa maneira de pensar que Reich adotou, tão opositora a seu mestre, é oriunda de uma profunda impressão causada nele por Bronislaw Malinowski e sua obra “*A vida sexual dos selvagens*”. Segundo Boadella,

Malinowski rejeitava a idéia de que o conflito criança-pais que conduzia a formações neuróticas do caráter fosse biologicamente dado, e havia sugerido em um livro anterior que o complexo de Édipo era produzido socialmente. Essas idéias não eram aceitas por muitos analistas, e foram violentamente contestadas pelo psicanalista inglês Ernest Jones em especial. No novo livro de Malinowski, Reich encontrou provas bem mais minuciosas, na vida das Ilhas Trobriandesas, de que os neuroticismos da Europa Ocidental não existiam lá, e isso estava associado a uma abordagem não repressiva e positiva da sexualidade infantil[...]. O próprio Malinowski não extraiu de sua pesquisa a conclusão a que Reich chegou, mas nas discussões com ele alguns anos mais tarde simpatizou-se com a posição de Reich. Como marxista, Reich estava interessado em ir além de uma sociedade que Malinowski estudou tão detalhadamente e em relacioná-la a outra pesquisa etnográfica, especialmente o trabalho de Engels sobre a origem da família (BOADELLA, 1985 :79-80).

No que diz respeito ao *complexo de Édipo*, Reich assume uma postura crítica à universalidade atribuída ao conceito freudiano. Para o autor, o conflito edípico é fruto de uma organização social muito específica (nos moldes da familiar patriarcal ocidental) e não poderia ser qualquer cultura interpretada dessa forma. Reich irá se alinhar à posição defendida pelo antropólogo.

Já em 1926, Malinowski contestava, em uma das suas publicações, a natureza biológica do conflito sexual entre a criança e os pais (conflito de Édipo) descoberto por Freud. Estava certo ao argumentar que a vinculação entre as crianças e os pais muda com os processos sociais; que era, portanto, de natureza sociológica e não biológica. Em suma, a própria família na qual a criança cresce é o resultado de um desenvolvimento social. Entre os trobriandeses, por exemplo, não é o pai mas o irmão da mãe da criança quem determina a maneira como a criança deve ser educada. Isso é uma característica importante do matriarcado. O pai desempenha somente a função de amigo dos filhos. O complexo de Édipo dos europeus não existe entre as trobriandeses. Naturalmente a criança trobriandesa também entra em conflito com os tabus e preceitos da família, mas essas leis de conduta são fundamentalmente diferentes das dos europeus. Fora o tabu do incesto entre o irmão e irmã, não contêm proibições sexuais. O psicanalista inglês Ernest Jones protestou categoricamente contra esse argumento funcional e sociológico afirmando que o complexo de Édipo descoberto no homem europeu era a *fons et origo* de toda a cultura. Por isso, a família dos dias de hoje era uma instituição biológica imutável. Em debate nessa controvérsia estava a questão decisiva: *a repressão sexual tem origem biológica, ou é sociologicamente determinada e, portanto, mutável?* (REICH, 1975: 197-198 [itálicos do autor]).

A partir de 1922, Reich então como membro da *Policlínica Psicanalítica de Viena*, assume a função de diretor do *Seminário de Técnica Psicanalítica*, onde se abordavam os resultados dos atendimentos às pessoas pobres daquela região e os desdobramentos da técnica em questão. O objetivo do seminário era discutir os erros na

aplicação e na conceituação da técnica psicanalítica, propondo possíveis soluções práticas para os casos sem sucesso. Pois de acordo com Reich, não era possível o aprimoramento da técnica sem o da teoria e vice-versa.

Sugeri que organizássemos um "seminário sobre a técnica". Queríamos estudar sistematicamente os casos, para atingir um mais alto domínio técnico. Sugeri, além disso, a organização de um "seminário de discípulos", para que os "jovens" pudessem reunir-se regularmente sem a presença dos "velhos". O objetivo disso era permitir aos jovens analistas discutirem as suas dificuldades teóricas e as suas dúvidas e, sobretudo aprenderem a falar livremente (REICH, 1975: 59).

A experiência com a Policlínica colocou Reich diante da dificuldade de ajudar as pessoas somente no âmbito da psicoterapia individual: “a afluência era tão grande que nós não dávamos conta, sobretudo depois que a clínica se tornou conhecida entre o povo [...] Precisávamos destacar os casos mais passíveis de análise” (REICH, 1975: 70). É nesse período de sua carreira que Reich direciona suas ações para a pesquisa da *etiologia das neuroses*, principalmente das massas, tendo como investigação as confluências entre o sofrimento psíquico e a educação, as condições econômicas, sociais e sexuais. Para tal empreitada, se aproxima das pesquisas de Marx e Engels, procurando paralelos entre a psicanálise e os conceitos marxistas, sendo considerado por Roudinesco e Plon como o “criador do freudo-marxismo” (ROUDINESCO & PLON, 1998: 651), o que o colocará mais uma vez em rota de colisão com as ideias freudianas.

Podemos dizer que Reich antecipou em muitos aspectos o que hoje conhecemos como *prevenção de neuroses, educação sexual e psicopolítica*, esta no sentido da Teoria e Terapia Psiopolítica (e não no sentido mais difundido da psicopolítica apenas como um meio de dominação e não de emancipação e restrito ao neoliberalismo), explicitando a relação entre psiquismo e ação política, trazendo para dentro do campo da medicina as ideias de afirmação da sexualidade na adolescência, proteção da infância e adolescência e das vivências próprias dessa fase do desenvolvimento (conhecimento sobre o próprio corpo e o reconhecimento deste corpo como potência de vida), a disponibilidade pública de meios contraceptivos e do aborto legal, o direito das mulheres à autonomia pessoal e sexual.

A título de exemplo, uma de suas atuações no campo político-social que podemos considerar de grandes proporções, foi conseguir organizar em 1931 com a ajuda do *Partido Comunista Alemão*, a *Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária*. O primeiro congresso realizado reuniu quase 20 mil pessoas. Logo outros grupos se somaram chegando a alcançar 40 mil pessoas (BEDANI & ALBERTINI, 2009). No

primeiro encontro do referido congresso, Reich apresentou seu programa de trabalho que contava com sete proposições, sendo estas

1. Distribuição gratuita de contraceptivos para aquelas que não poderiam obter por vias normais; propaganda massiva para controle de natalidade.
2. Abolição das leis contra o aborto. Clínicas públicas para aborto de forma segura, proteção médica e financeira para grávidas e mães que amamentam.
3. Abolição de quaisquer distinções entre casados e divorciados. Liberdade de divórcio. Eliminação da prostituição através de mudanças sociais e econômicas e erradicação de suas causas.
4. Eliminação de doenças venéreas através de uma educação sexual completa.
5. Prevenção de neuroses e problemas sexuais por uma educação afirmativa da vida. Estudos dos princípios da pedagogia sexual. Estabelecimento de clínicas terapêuticas.
6. Treinamento de médicos, professores, assistentes sociais, etc sobre questões relevantes de higiene sexual.
7. Tratamento, ao invés de punição por ofensas sexuais. Proteção de crianças e adolescentes contra sedução de adultos (SHARAF, 1983: 162-163).

No início da década de 1930, o autor estabeleceu interlocuções entre a miséria emocional humana e a servidão voluntária a regimes autoritários (REICH, 1933) dando especial destaque ao nazismo, que ele como judeu marxista viu crescer ao seu redor e rapidamente transformar a mente e os corpos do povo germânico. É partir desta análise que ele cria a concepção de *Democracia Natural do Trabalho*, que seria o resultado da organização social dos sujeitos, pautada na satisfação das necessidades humanas em diversos graus, ao invés de um poder regulador exercido por cima através de um Estado centralizado, imposto “de fora” das relações em questão, como defende a perspectiva hobbesiana “cristalizada como essência - como verdade absoluta - pelas teorias sociais e a filosofia hegemônicas” (OURIQUES, 2017: 80).

Podemos observar que a concepção de *Democracia Natural do Trabalho* propõe uma via totalmente diferente do que constatamos no conflito capitalismo/socialismo e o seu “caminho do meio”, a social democracia. O capitalismo busca nenhuma regulação, propondo o liberalismo total para as elites; o socialismo busca controlar tudo de cima através de um centro unificado de poder, enquanto que a social democracia busca amenizar o antagonismo através de acordos sociais. Já a proposta reichiana aposta que sujeitos autorregulados podem ser capazes de produzir para si mesmos um sistema de trabalho e produção pautado nas condições biológicas da natureza humana, como horas de descanso, acesso ao lazer, relações interpessoais não pautadas pela dominação/intimidação, condições justas de remuneração etc.

A democracia do trabalho não é um sistema ideológico ou "político", que pode ser imposto à sociedade humana pela propaganda de um partido, de um político isolado ou de grupos ligados por uma ideologia comum. A democracia natural do trabalho é o conjunto de todas as funções da vida, regidas pelas relações

interpessoais racionais que surgiram, cresceram e se desenvolveram de modo natural e orgânico. A principal inovação da democracia do trabalho é que, pela primeira vez na história da sociologia, se apresenta uma *possibilidade* de regulação futura da sociedade humana, derivada não de ideologias ou condições a serem criadas, mas sim de processos naturais que estão presentes e têm-se desenvolvido desde o início. A "política" da democracia do trabalho caracteriza-se pela *rejeição de toda e qualquer política ou demagogia*. As massas de homens e mulheres trabalhadores não estarão livres da responsabilidade social; pelo contrário, serão *sobrecarregadas* com ela. Os representantes da democracia do trabalho não ambicionam tornar-se *führers* políticos. A democracia do trabalho transforma conscientemente a democracia formal, que se exprime na simples eleição de representantes políticos e não implica qualquer outra responsabilidade por parte dos eleitores, numa democracia autêntica, factual e prática em escala internacional. Esta democracia se origina a partir das seguintes funções: amor, trabalho e conhecimento. Ela se desenvolve organicamente. Combate o misticismo e a ideia do Estado totalitário, não através de atitudes políticas, mas por meio de funções vitais práticas que obedecem às suas próprias leis. Resumindo: a democracia natural do trabalho não é um programa político, é uma função natural, fundamental e biossociológica da sociedade (REICH, 1988: 23-24 [itálicos do autor]).

A pesquisa reichiana é assim pautada pela busca da compreensão dos fenômenos ligados ao funcionamento humano, adotando para este propósito a integração transdisciplinar dos saberes. Reich entendia o ser humano como um intrincado e complexo organismo *psicobioenergeticossocial* (CÂMARA, 2009). Logo, só pode ser estudado se levarmos essa característica fundamental em conta. Portanto, de nada adiantaria fechar a complexidade humana em caixas definidas pelas disciplinas (que também se fecham em si mesmas), pois a realidade complexa da natureza não se restringe as fronteiras rígidas, o objeto real perde com isso o seu aspecto singular e complexo.

Para Reich, a ciência mecanicista e os seus especialismos erigem essas barreiras disciplinares, que inviabilizam o estudo real da natureza (e conseqüentemente também o estudo do Humano). Assim, segundo o autor:

Conectando processos naturais dentro de uma área específica de funcionamento em nada contribui para a "integração", ou seja, em direção à unificação das várias ciências especiais de pesquisa natural. Por outro lado, a ligação dos processos de diferentes domínios funcionais, que são estritamente separados na visão mecanicista, em princípio, rompe as fronteiras entre as várias ciências. Se uma função específica especial em um campo científico, como a psicologia, tem uma função específica e especial oposta em outro campo científico, como a fisiologia ou fenômenos elétricos, e se compartilha com esta outra função um princípio de funcionamento comum em um terceiro campo científico, como a biologia, logo, as fronteiras entre a psicologia, a fisiologia, os fenômenos elétricos e a biologia fundamentalmente se rompem. [...] na natureza, não há limites no princípio de funcionamento comum da primeira (ou última) ordem (REICH *apud* CARNERO, 2012: 64).

Destaca-se aqui que o conceito de transdisciplinaridade não existia na época de Reich, muito pelo contrário, o que havia era uma tentativa de distanciar ao máximo os saberes, cada qual em sua grande área específica. Porém, o que vemos com o

posicionamento de Reich em defesa da unificação das ciências é justamente o que propõe a transdisciplinaridade. Chama-nos atenção a forma como Reich coloca, em suas palavras, essa disposição em tentar não cair nos reducionismos:

Em meus temas “pré-clínicos” interessava-me mais pela anatomia sistemática e topográfica. Eu dominava a anatomia do cérebro e todo o sistema nervoso. Estava fascinado pela complexidade dos feixes nervosos e da engenhosa disposição dos gânglios [...]. Ao mesmo tempo, entretanto, era arrastado para a metafísica. Apreciava o *Geschichte des Materialismus (História do Materialismo)*, de Lange, por mostrar claramente a indispensabilidade da filosofia idealista da vida. Alguns de meus colegas aborreciam-se com meu “erraticismo”, e “inconstância de pensamento”. Foi somente dezessete anos mais tarde, quando consegui solucionar praticamente a contradição existente entre mecanismo e vitalismo, que eu mesmo entendi essa atitude aparentemente confusa. É fácil pensar corretamente em campos conhecidos. É difícil, quando se está começando a andar às apalpadelas em terrenos desconhecidos, não ser intimidado pelo peso dos conceitos (REICH, 1975: 28-29).

Como Basarab Nicolescu (1999) expõe em seu texto intitulado *O Manifesto da Transdisciplinaridade*, essa forma de produzir conhecimento diz respeito ao que está simultaneamente entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de todas as disciplinas e tem por finalidade a compreensão do mundo atual, sendo necessária a unidade do conhecimento para atingir esse objetivo.

O rompimento das barreiras que resistem em aprisionar o conhecimento científico é uma das condições necessárias para o enfrentamento dos problemas e desafios que se apresentam atualmente em nossa sociedade. A nosso ver, a teoria reichiana se configura como uma ciência transdisciplinar e extraordinária, por mostrar-se uma construção teórica sem fronteiras definidas e definitivas, que coloca conceitos com finalidade prática, mas conceitos esses que são *incomensuráveis* com o paradigma de sua própria época, adiantando e dialogando mais com a ciência que viria depois de sua morte, do que com seus próprios contemporâneos.

No entanto, Reich estava ciente que esta visão estava em desacordo com grandes fatos descobertos pela química e física do seu *zeitgeist*, fazendo com que sua perspectiva precisasse lutar contra as muralhas erigidas pelos grandes sistemas de pensamento empregados pela humanidade, nomeados por ele de *mecanicismo* (atomismo, materialismo, quimismo) e *misticismo* (idealismo, metafísica, espiritualismo):

As leis dos eventos naturais descobertas pela química, física e matemática não podem ser colocadas de acordo com as funções que caracterizam a vida emocional. De um ponto de vista fundamental, a visão material mecanicista da natureza apenas cobre reinos não essenciais dos vivos. Para a grande maioria dos seres humanos, o grande reino das emoções, sensações, filosofias e estilos de vida são ancoradas em forças sobrenaturais místicas que são, de uma forma ou de outra, universalmente baseadas na ideia de uma entidade semelhante a

Deus existindo além do alcance de todas as percepções sensoriais. Esta ideia contradiz a visão de que a vida emocional humana está localizada dentro da esfera de processos naturais compreensíveis⁷ (REICH, 1950: 2).

Reich tinha na clínica psicológica um campo extremamente fecundo para investigação do *modus operandi* da psicodinâmica humana e foi desta vivência profissional que surgiu o que ele chamaria de *pensamento funcional* e mais tarde de *pensamento orgonômico* ou ainda: *orgonomia*. Trata-se de uma abordagem unitária da natureza, em que o ser humano é pensado como funcionando de maneira energética em relação com o mundo. Sua premissa fundamental é que todo funcionamento natural é regido basicamente por processos energéticos.

Aqui vale ressaltar que perspectiva semelhante esteve presente particularmente no pensamento dos filósofos pré-socráticos, naturalistas que descreviam todas as coisas em relação a uma natureza única em movimento perpétuo, um cosmos composto por fluxos e transformações, organizado segundo uma lógica universal que podia ser observada agindo diretamente na realidade material do mundo, perceptível pelos sentidos do corpo. Paradigma oposto daquele defendido pelo platonismo cristão que se seguiria, onde a existência da alma passa a ser creditada à existência de outro mundo, imaterial, eterno e imutável, que serviria de base ou fundamento imóvel para o movimento inteligente (autorregulado) deste mundo. Reich admite grande influência desses filósofos em sua produção teórica, ao afirmar que:

para os antigos observadores gregos da natureza, o mundo inanimado parecia estar repleto de substância em movimento. Havia uma visão predominante de que tudo se move, tudo 'está em fluxo'. Este ponto de vista básico persiste na atual pesquisa natural. 'Movimento' e 'processo energético' são inseparáveis porque o movimento, ou a superação do espaço, pressupõe uma força que impeça a substância. Hoje não sei mais explicar por que em minha concepção científica natural dei preferência ao processo de "energia" sobre a "matéria" ou "substância". Essa atitude de minha parte provavelmente criaria problemas porque a principal direção do pensamento na física e na química era atomística, ou seja, materialista; em outras palavras, toda a natureza foi concebida como tendo evoluído de átomos em movimento. Essa visão se impôs à teoria do elétron, que na época (aproximadamente 1919) ganhava terreno considerável. Mesmo as menores unidades de eletricidade possuíam massa, ou seja, eram partículas, embora de um tipo especial. A contradição contida na teoria emergente do funcionalismo era a seguinte: se o funcionamento natural é basicamente um processo energético, segue-se logicamente que deve haver

⁷ Tradução da autora: The laws of natural events as uncovered by chemistry, physics, and mathematics cannot be brought into accord with the functions which characterize emotional life. Seen from a fundamental standpoint, the mechanistic material view of nature covers only unessential realms of the living. For the vast majority of human beings, the broad realm of emotions, sensations, philosophies of life, and practical lifestyles is anchored in mystical, supernatural forces which are universally based, in one form or another, on the idea of a God-like entity existing beyond the range of all sensory perceptions. This idea contradicted the view that human emotional life was located within the sphere of comprehensible natural processes.

também uma energia primária ou primordial. No entanto, como os elétrons já possuem massa, então a "matéria" ou partículas também devem ter uma existência primária[...]. Mas ninguém, com exceção de alguns filósofos do éter, sugeriu que a massa pudesse se formar a partir da energia. A matéria com sua massa (m) foi e permaneceu um fenômeno natural primordial, não derivável. Na época, não suspeitei que essa limitação se devesse à natureza do pensamento mecanicista. Não teria ajudado muito saber disso porque imediatamente um novo problema apresentaria, a saber, se a massa não é primordial, então pode ser formada a partir da energia?⁸ (REICH, 1990: 4).

Reich afirma que a teoria psicanalítica se encontrava fundamentada em conceitos da física clássica, que precisavam ser ultrapassados por uma nova concepção de natureza. Nesse momento que o seu incômodo deu origem ao *pensamento funcional*. Essa foi uma das rupturas epistemológicas de Reich com a psicanálise, no ano de 1934. Ano em que pode ser considerado o marco temporal deste rompimento e o início do desenvolvimento da *vegetoterapia*, responsável pelo aprofundamento reichiano na biologia teórica, cuja concepção norteadora era a *autorregulação*.

O principal desenvolvimento desta técnica consiste em observar as tensões corporais, gerando contrações musculares cuja função é imobilizar ou limitar o movimento, a respiração e o fluxo das emoções. Reich desenvolve a partir dessa observação o conceito de *couraça muscular* e de *caráter* e que estas se apresentam mais energeticamente em sete segmentos, cada um com seus padrões típicos de bloqueio.

Reich descobriu que muitos neuróticos tinham particularmente tenso o couro cabeludo e a testa, o que era frequentemente associado à tendência a dores de cabeça. Distingui entre dores de cabeça causadas por tensões frontais, tais como a elevação crônica das sobrancelhas e contração dos músculos da testa, e dores de cabeça occipitais devido a tensões dos músculos do pescoço. Quando essas tensões foram dissolvidas, descobriu que as tensões frontais correspondiam à expressão corporal de ansiedade antecipatória. No medo súbito a pessoa instintivamente abre bem os olhos e tensiona os músculos do couro cabeludo. Esta expressão corporal foi ilustrada vividamente nos desenhos que acompanham o brilhante livro de Darwin, *The Expression of the*

⁸ Tradução da autora: To the ancient Greek observers of nature, the inanimate world seemed filled with substance in motion. There was a prevailing view that everything moves, everything is "in flux." This basic viewpoint persists in present-day natural research. "Movement" and "energy process" are inseparable because movement, or the overcoming of space, presupposes a force which impels the substance. Today I can no longer explain why in my natural scientific conception I gave preference to the "energy" process over "matter" or "substance." This attitude on my part was more likely to create problems because the principal direction of thought in physics and chemistry was atomistic, i.e. materialistic; in other words, all nature was conceived of as having evolved from atoms in motion. This view had imposed itself on the electron theory, which was at the time (approximately 1919) gaining considerable ground. Even the smallest units of electricity possessed mass, i.e. they were particles, although of a special kind. The contradiction contained in the emerging theory of functionalism was thus as follows: If natural functioning is basically an energy process, it follows logically that there must also be a primary or primordial energy. However, since electrons already possess mass, then "matter" or particles must also have a primary existence. [...] But nobody, with the exception of a few ether philosophers, suggested that *mass could form from energy*. Matter with its mass (m) was and remained a primordial, not further derivable natural phenomenon. I did not suspect at the time that this limitation is due to the nature of mechanistic thinking. It would not have helped much to know this because immediately a new problem would have presented itself, namely, if mass its not primordial then can be formed from energy?

*Emotions in Man and Animals** [grifos do autor]. Um paciente pode olhar para o terapeuta com estudada seriedade ou com um astuto olhar ansioso; pode ter um olhar superior ou carrancudo com as sobrancelhas franzidas; pode ter o típico olhar “distante” da pessoa esquizoide. Essas diferentes expressões refletem o modo como o indivíduo se relaciona com o mundo. Contém, de forma paralisada, sua própria história e de como as relações iniciais com os pais e a prole foram experienciadas. As partes tensas do corpo contêm a história de sua origem (BOADELLA, 1985: 114-115).

Através da *vegetoterapia*, Reich percebeu que o organismo “grava” em todo sistema muscular, as experiências e vicissitudes vivenciadas desde o nascimento, gerando couraça muscular, e colocando em ressonância com o conceito de “carapaça” - nos termos de Bergson - que de forma semelhante a Reich observou que da necessidade dos animais de se protegerem dos outros surge como consequência algum tipo de defesa crônica, tal como uma casca. A representação reichiana para a couraça muscular (que é equivalente a couraça de caráter, do psiquismo) é um corpo preso com “anéis” em sete segmentos - ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico- regiões do corpo que represam energia e há imobilização da pulsação vital por força das pressões vividas.

Trabalhar o sistema muscular do corpo é perfeitamente adequado para se estudar e influenciar o equilíbrio fisiológico e psicológico. Estudos detalhados do organismo físico, a partir dessa perspectiva, mostram que as distinções convencionais entre nervos, músculos, pele e ossos são freqüentemente muito artificiais e não refletem a realidade física. Todo o sistema muscular do organismo está coberto de tecidos conjuntivos que integram os músculos num todo funcional, e que não podem ser separados, física ou conceitualmente, do tecido muscular, das fibras nervosas e da pele. Segmentos desse tecido conjuntivo estão associados a diferentes órgãos, e vários distúrbios fisiológicos podem ser detectados e curados através de técnicas especiais de massagem do tecido conjuntivo. Como o sistema muscular é um todo integrado, uma perturbação em qualquer de suas partes propagar-se-á a todo o sistema, e, como todas as funções corporais são sustentadas por músculos, cada enfraquecimento do equilíbrio do organismo refletir-se-á no sistema muscular de um modo específico (CAPRA, 1986: 325).

No entendimento psicanalítico, as ideias e representações psíquicas tinham um caráter fixado e as pulsões seriam responsáveis pelo desvio e mudança dessas ideias, a energia circulava entre as representações como se fosse um sistema termodinâmico relativamente fechado e poderia por isso ser analisado por um analista. Nesse modelo, os afetos e as ideias seriam instâncias psicológicas totalmente separadas e diferentes entre si. Na física clássica, a matéria é inerte e só pode ser deslocada por forças energéticas que a impulsionam para o movimento. Como apontam Ferri e Cimini (2011), o conceito freudiano de energia estava atrelado ao modo como a física então a concebia.

O que Reich propôs, distintamente da psicanálise, é que a percepção de prazer na mente não pode ser separada de sua *pulsão biológica*, não havendo uma *pulsão* que “busca” um *prazer* lá no horizonte. Em suas palavras: “a pulsão não era nada mais do que

a função motora do prazer em si” (REICH, 1950: 5). Em sua concepção, a *pulsão de vida* e o *prazer* estão circunscritos como uma unidade da atividade do organismo, ou seja, a sensação de prazer possui função psíquica, enquanto que a *pulsão* possui função corpórea. Reich passa a ver unificado o que antes estava separado pela psicanálise, *afeto e ideia* se combinam em uma *unidade funcional*.

Para o autor, intensidade e qualidade dizem respeito a sensações psíquicas, enquanto que quantidade e localidade, são processos percebidos corporalmente. São processos distintos mas não separados, formam um par complementar de funcionamento. Portanto, na análise reichiana, o “como” se comporta o sujeito importa mais do que o “porquê”, os conteúdos psíquicos e seus conflitos ou aquilo que está sendo expressado indicam, sobretudo, estados energéticos e a fluidez destes no organismo. Podemos perceber através do modo como o sujeito está se colocando diante do analista se este está bloqueado energeticamente ou mais flexível. A forma tradicional da psicologia tratar dos problemas mentais é dissociar ideias psíquicas de afecções corporais, por sua base dualista de fundamentação histórica, “esqueceu” que a mente é encarnada. A perspectiva de Reich, aqui entendida, é dar lugar ao que é da qualidade do sentir, mesmo quando se está expressando verbalmente um acontecimento.

As defesas do caráter e a resistência proveniente delas não estão associadas somente aos conteúdos verbais, mas tem a ver com a maneira específica de agir de cada sujeito. É diferente de acordo com o tipo de caráter, ainda que os conteúdos verbais sejam os mesmos. O “como” os sujeitos agem e reagem ao ambiente é determinado pelas experiências infantis vividas, o caráter e a resistência revelam então a sua origem nessa fase. Remete à uma linguagem expressiva própria e também como estratégia vital dos organismos. Na prática clínica isso implica em apontar, indagar, provocar o paciente a perceber seu modo de ser, explorar esse modo e dar significado a ele. Precisa-se tomar consciência dos traços de caráter de maneira que haja modificação dos mesmos, por se tratar de meios cronificados de defesa, conseqüentemente, desfavoráveis ao equilíbrio dinâmico psicorporal.

Sendo assim, a concepção de *unidade funcional* corpo-mente é, de certo modo, um fio condutor para a compreensão da ideia de *autorregulação*. Ao tornar mais flexível as defesas do caráter, o organismo consegue recuperar a circulação energética que antes estava impedida pelos bloqueios desta devido aos traumas vivenciados pelos sujeitos. O método funcional de Reich pressupõe que existe um *princípio funcional* em comum que rege e está no fundamento de todos os fenômenos que se manifestam de forma oposta, ou

seja, mesmo que se mostrem de formas diferentes, não podem ser compreendidos separadamente. Há então equivalência entre *ideia* e um *processo energético*. Como aponta Carnero (2012)

se a pulsão e o prazer constituem-se como uma só unidade da atividade motora, esta atividade motora não voluntária pode ser entendida como a potência de um ser para a ação e, ao mesmo tempo, para o engajamento e a busca de satisfação" (CARNERO, 2012: 105).

O uso do termo “função” no trabalho de Reich tem uma acepção toda própria, não sendo infelizmente muito desenvolvida pelo autor as particularidades do seu uso. Mas a todo momento em seu texto ele sempre tenta ressaltar sobretudo a característica unitária do pensamento, como sua definição mais precisa.

Segundo Bichara e Koehler (2018), *função* é um termo matemático muito importante na filosofia do *energetismo*, em ascensão na Europa germânica na virada do século XIX para o XX, ocupando o lugar deixado pelo positivismo em crise diante da mecânica quântica recém-descoberta. O químico e filósofo da Letônia Wilhelm Ostwald (1853-1932), importante na História da Ciência, sobretudo por sua contribuição filosófica ao movimento científico que ele próprio batizou de “energetismo”, define o conceito de *Energia* como a maneira pela qual a ciência encontrou para medir quantitativamente o modo pelo qual todas as coisas variam umas *em função* das outras. Uma função matemática descreve justamente isso, como “a” varia em função de “b” e vice-versa. Assim, podemos concluir daí que o *pensamento funcional* de Wilhelm Reich propõe uma *energética do vivo* capaz de descrever de que modo o *corpo* varia em função da *mente*, do *ambiente* e da *cultura* e, reciprocamente, como todas essas coisas são afetadas e se modificam, umas em função das outras.

Por outro lado, há também a função na biologia, que é a *causa final* aristotélica indispensável para a compressão dos fenômenos da vida. Mas atualmente, esse finalismo teleológico grego foi substituído pelo conceito de auto-organização e *autopoiesis* (ver *Capítulo 2*). Há ainda o funcionalismo antropológico de Malinowski (1884-1942), onde os rituais sociais, corporalidades e muitos outros aspectos da vida humana são descritos como desempenhando funções vitais para o corpo social, traçando um paralelo interessante entre a unidade das células e o funcionamento dos órgãos vitais e a interação entre indivíduos e instituições.

O pensamento funcional, portanto, nasce do esforço de um médico psicanalista para elaborar um corpo teórico e de investigação que

ao mesmo tempo em que se caracterizaria como científica - pois, conforme o pensar desse autor, ela estaria fundamentada em observações diretas de processos energéticos da natureza e teria como ferramenta auxiliar a experimentação -, também, conseguiria transcender as rígidas barreiras e limitações apresentadas pelo mecanicismo-materialismo[...]. O funcionalismo energético de Reich nasceu, então, como um esforço para superar as limitações do mecanicismo, mantendo-se como um método científico capaz de investigar as funções específicas e definidoras do funcionamento da vida e, também, do cosmos – os quais seriam regidos por processos energéticos primários que, embora sejam desprovidos de matéria, estariam relacionados com esta -, que, segundo ele, estavam fora de alcance do materialismo-mecanicismo, mas, ao mesmo tempo, sem cair numa metafísica, numa mística ou num espiritualismo, doutrinas estas incompatíveis com a postura da ciência natural defendida pelo pesquisador (NETO, 2019: 103-104).

Sendo um conceito transdisciplinar por excelência, o termo *função* tem assim múltiplos significados, estabelecendo uma conexão entre matemática, física, biologia e antropologia, mas sempre trazendo esta ideia de que todas as coisas estão conectadas umas às outras em mútua afetação, mas também que esta conexão implica um processo inteligente e vital de auto-organização, das células num indivíduo e dos indivíduos numa sociedade.

O funcionalismo é a investigação do vivo enquanto força natural. Trata-se de proteger filosoficamente e compreender cientificamente essa força criadora da vida. Funcionar é um fato da vida, fenômeno natural este que funciona por si mesmo, sem propósito ou significado transcendente. A busca romântica pelo “sentido da vida” é na verdade resultado do encorajamento dos sujeitos. O ser vivo desencorajado funciona livre, sem a necessidade de uma moral castradora ou redentora, pois tem a própria vida como referência. A vida desencorajada não procura uma finalidade para sua existência no pensamento, ela apenas é.

Reich quer pensar uma psicologia, uma medicina, uma biologia e uma sociologia política onde os sujeitos são definidos como uma força da natureza capaz de guiar-se por si mesma. Mesmo quando esses sujeitos estão inseridos numa cultura repressora, Reich defende a potência intrínseca da vida que pulsa em cada organismo, sendo esta *pulsão* para ele uma fonte de saúde, de conhecimento, de conexão com o *mundo* e com o *outro*. Há uma expansão do microcosmo para o macrocosmo, no sentido da integração do ser humano com a natureza e o universo.

O que Reich fez foi seguir o caminho inverso daquele proposto pela ciência moderna, que buscava compreender a natureza colocando o humano no seu centro. Para compreender o funcionalismo orgonômico, precisamos compreender o humano tomando como ponto de partida a própria natureza.

Rego Costa (2002) menciona que o aspecto mais importante do *pensamento funcional* é a relevância do movimento e do estudo da matéria viva, distinto dos biólogos naquele contexto que estudavam a matéria viva morta ou manchada com corantes biológicos. Diferenciando-se dos biólogos de sua época, que estudavam as células humanas separadas do corpo no microscópio, Reich começa a fazer distinção entre observar células isoladas numa placa de petri e o comportamento daquelas que se encontravam vivas em um ambiente vivo, como num sangue recém-colhido ou no próprio organismo.

Os processos nos tecidos humanos não são passíveis de observação imediata. A dissecação e a coloração do tecido após a morte nada explicam sobre os processos em seu estado vivo, porque o tecido morto ou que está morrendo é fundamentalmente diferente do tecido vivo. As informações obtidas pela patologia mecanicista são extraídas de tecidos mortos, que são ainda mais alterados pela tintura; desta forma, deixam de lado o que está vivo e seguem o caminho errado (REICH, 2003: 119).

Outra característica interessante do projeto de pesquisa de Reich era a forma como ele inventava aparatos e elaborava experimentos únicos para tentar demonstrar empiricamente suas hipóteses.

Uma questão é colocada por Stengers sobre a particularidade das ciências modernas "inventarem os meios para problematizar e por em risco o poder da ficção"; no caso da ergonomia, a construção de aparelhos orgonômicos já citados e mais - sala de orgone, orgonoscópio, mantas de orgônio, DOR-busters - pretendeu "a criação de testemunhos fidedignos", que comprovam a existência do orgone. No pensamento orgonômico, não só a concepção da pesquisa; os experimentos, a interpretação dos resultados, mas, principalmente, o conhecimento científico é reinventado com outros dados. Motilidade, sensação de motilidade, intuição, sensação de órgão, energia orgone, são marcas do autor que se remetem as qualidades energéticas dos sujeitos. São qualidades subjetivas tradicionalmente valorizadas na arte, atividade humana na qual mostram seu vigor criativo [...] Na ciência contemporânea, a "escuta poética da natureza" faz possível o entendimento de que tanto arte quanto ciência "fazem visível o que era invisível" - o potencial imaginativo e as qualidades sensíveis do cientista são valorizados na cena científica (REGO COSTA, 2002: 66).

Percebemos na obra de Reich a construção de um conhecimento científico que buscava a experimentação empírica por caminhos inovadores, favorecendo também a sensação e o sentimento como formas de sondar a realidade. Pois a emoção nada mais é do que a percepção dos movimentos do plasma e fluidos corporais, secretados de forma concatenada através de mecanismos autorreguladores do corpo (*psiquessoma*). Portanto, a energia não pode ser considerada apenas em termos abstratos, mas também é possível investigar a forma como essa energia age concretamente nos organismos, tendo os seres humanos suas próprias emoções como via de acesso às expressões naturais e genuínas dos impulsos de vida. Esta é a principal característica da perspectiva reichiana.

Segundo Reich, a excitação do organismo é um aspecto que pode ser medido quantitativamente e por consequência, qualitativamente. Pelo conceito de excitação bioenergética, ele nos indica a relação entre as emoções, a bioenergia e a motilidade autônoma, característica primordial dos seres vivos. A excitabilidade do organismo biológico é percebida como movimentação do protoplasma, também observado em outros seres como protozoários. A este padrão presente nos seres vivos, Reich denominou de *Princípio de Funcionamento Comum-PFC*.

Carnero descreve os pontos que tornam esta constatação observável, a saber:

- Ponto a: a motilidade bioenergética comum caracteriza-se pela intensidade das sensações e pela quantidade das cargas bioenergéticas, isto é, intensidade/qualidade e quantidade formam um par antitético e são uma e a mesma coisa segundo um mesmo processo, o de motilidade.
- Ponto b: a motilidade bioenergética é caracterizada pelo par funcional movimento como expressão e expressão como movimento, ou seja, a motilidade e a linguagem expressiva do vivo formam uma unidade, uma vez que cada movimento seu expressa um significado inteligível e cada forma de expressão está associada a um tipo particular de movimento.
- Ponto c: a motilidade bioenergética é caracterizada também por processos físico-químicos, pelos movimentos dos íons nos fluidos corporais, pelo fluxo das correntes de ação no coração e nos músculos, pelos movimentos que ocorrem nas reações químicas, etc., e pelo movimento das sensações, que é onde Reich localiza a experiência de duração no ego de Bergson (Carnero, 2012: 126).

Evidencia-se, portanto, que a relação *mente-corpo* para Reich não ocorre como num “paralelismo psicofísico”. É através do *Princípio de Funcionamento Comum* que Reich observa que o afeto psíquico e o movimento físico são o mesmo processo em termos de excitação bioenergética. Não são processos paralelos ou ontologicamente distintos, porém conectados. Eles são uma só e mesma coisa. Tanto o movimento mecânico quanto a experiência psíquica de qualquer fenômeno que ocorra no organismo, são ambos derivados de uma mesma função bioenergética, uma “moção expressiva plasmática ou expressão emocional” (*id.*: 127). O abismo existente entre o psíquico e o físico pode finalmente assim ser superado.

Podemos pensar agora questão energética no contexto da clínica psicoterapêutica, por exemplo: o que implica saber o estado energético de um analisando? Navarro nos indica que

a única chave para deduzir a psicologia de um ser vivo é seu comportamento, e seu comportamento é sempre um movimento. Na base de todo movimento (do protozoário às galáxias) está implícito um fenômeno energético. No ser vivo, a densidade e a circulação energéticas são responsáveis pelo movimento-comportamento, que é também influenciado pelo campo energético circunstante. São sempre campos energéticos em um campo energético mais amplo (NAVARRO, 1996: 15).

Pensar a questão energética do sujeito na clínica é pensar também o seu lugar no mundo. Para Reich, o vivo se diferencia do não vivo pela sua motilidade. O vivo possui uma motilidade complexa, que ocorre de forma autônoma e espontânea, armazenando dentro de si próprio a energia de que precisa, mantendo certa independência de comportamento em relação aos estímulos exteriores (diferente do não vivo, que só move quando empurrado), além de ser capaz de produzir variações em sua própria forma, sendo, portanto, adaptativo e capaz de ser afetado de múltiplas maneiras.

Um organismo rígido não é plenamente capaz de observar sua vida sem que esta rigidez lhe “embace” a visão. A rigidez psíquica e a rigidez muscular possuem equivalência em termos funcionais. Em termos gerais, Reich compreendeu que o desimpedimento da pulsação vital orgânica, a fim de recuperar a capacidade desse organismo de se autorregular, de se movimentar livremente, seria uma maneira de trabalhar o adoecimento humano, agora não só no aspecto psíquico, mas integral. Pensar que a vida possui meios e estratégias próprias para se auto-preservar possibilita o emprego da concepção de autorregulação no campo psi. O fator econômico-energético da natureza se refere à capacidade dela própria atingir o resultado mais eficiente possível com o mínimo de gasto. Dessa forma a energia seria melhor disponibilizada para realização dos processos na intenção de manter-se funcionando. Podemos ver a *autorregulação* como um fator econômico natural.

A parte mais controvertida da obra de Reich é a produção teórica acerca do *orgone*, o que o levou finalmente a se isolar definitivamente da comunidade científica, com sua conseqüente perseguição e morte na prisão. Reich chegou à conclusão de que era necessário postular outro tipo de energia, capaz de dar conta dos fenômenos vivos, sem violar as leis da termodinâmica. Uma concepção que tinha por objetivo fazer da vida um processo energético por natureza, e ao mesmo tempo, descrever a energia como um processo vital. Unindo o mundo da matéria inerte com as funções da matéria viva. Orgone é a energia da vida, da auto-organização da natureza e também do orgasmo sexual (processo *autorregulador* da energia vital).

O *orgone* para Reich (1998, p. 277) é “uma energia visível, mensurável e aplicável, de natureza cósmica”. Ele postulou que essa energia é uma espécie de energia primordial, que as demais formas de energia seriam derivadas do *orgone*. Em sua concepção, é uma energia

de natureza basicamente dinâmica, metabólica [...]. Mas a física clássica fala de "energia potencial" como, por exemplo, aquela que está contida na água de uma bacia alta. Não se pode encontrar nada deste tipo na energia orgone; ela

nunca mostra nenhuma condição que pudesse ser chamada estática ou imóvel, exceto na sua forma de matéria sólida. É este caráter dinâmico da energia orgone que fundamenta o funcionalismo de todos os fenômenos conhecidos de orgone (REICH, 2003: 161).

Segundo Reich, a concepção de uma energia primordial vital já estava presente na filosofia asiática, e também sob o conceito de éter, que consiste numa energia física presente em todo o universo. Ele ainda atribui à Giordano Bruno a antecipação (no século XVI) da concepção de “orgone cósmico no século vinte” (REICH, 1986: 121). Vemos claramente a influência de Bruno na teoria reichiana na seguinte passagem:

Ele descobriu e encerrou em um sistema de pensamento as inter-relações entre o corpo e o espírito, o organismo individual e seu ambiente, a unidade e a multiplicidade básicas do universo, um universo infinito envolvendo uma infinidade de mundos. Todas as coisas existem por si mesmas e como partes de um todo. Assim, a unidade individual, ou alma, existe por si mesma e como parte de um todo que é infinito, único e múltiplo, simultaneamente (*id.*).

Segundo Capra, Reich enfatizou a natureza cíclica dos processos de fluxo do organismo de forma semelhante aos chineses, considerando que a bioenergia era uma das formas de expressão de uma única energia cósmica que ele chamou *orgone*, presente em toda parte, tanto na matéria inanimada quanto na matéria viva, que de acordo com Reich derivariam do orgone através de processos de diferenciação.

Do ponto de vista da década de 80, Wilhelm Reich foi um pioneiro no que se refere à mudança de paradigma. Teve idéias brilhantes, uma perspectiva cósmica e uma visão holística e dinâmica do mundo que superou largamente a ciência de seu tempo e não foi apreciada por seus contemporâneos. O modo de pensar de Reich, a que chamou "funcionalismo orgonômico", está de perfeito acordo com o pensamento de processo de nossa moderna teoria de sistemas, como mostra a seguinte passagem: "O pensamento funcional não tolera quaisquer condições estáticas. Pois todos os processos naturais estão em movimento, mesmo no caso de estruturas rígidas e formas imóveis. (...) Também a natureza 'flui' em cada uma de suas diversas funções, assim como em sua totalidade. (...) A natureza é funcional em todas as áreas e não apenas nas da matéria orgânica. Existem, é claro, leis mecânicas, mas os mecanismos da natureza são, em si mesmos, uma variante especial de processos funcionais". Lamentavelmente, a linguagem da moderna biologia sistêmica ainda não existia para Reich, de modo que, algumas vezes, ele expressou sua teoria da matéria viva e sua cosmologia em termos que estavam enraizados no velho paradigma e eram um tanto inadequados (CAPRA, 1986: 323-324).

Podemos então perceber que Reich toma a concepção de *autorregulação* como um padrão de atividade dos organismos, um princípio que direciona para a ação que é permanentemente o movimento, mesmo que esse movimento seja um equilíbrio neurótico que o sujeito alcançou com o meio repressor, fruto de encouraçamento. Pois tem a ver diretamente com a capacidade de reorganização que todo ser vivo possui, visando a manutenção da vida. Nos seres humanos, a *autorregulação* está diretamente associada à

expressão corrente de emoções de forma livre, de modo que a circulação energética seja fluida.

Esse equilíbrio se desorganiza quando os organismos atingem altos níveis energéticos sem que haja uma descarga, ou seja, uma troca energética com o meio (pois a descarga completa irá demandar uma recarga do organismo). Se esse desequilíbrio se torna frequente, há a transformação dessas tensões e contrações psicorporais. Há a perda de contato com si mesmo, com a natureza e com a realidade. Passa-se a experimentar o mundo como se fosse um mero cenário.

Emoção (ex-movere) é mover-se para fora, que como todo ser vivente, exterioriza-se para um meio, sendo o caráter o conjunto de defesas que este organismo precisou construir para estar no mundo, uma forma de adaptação e expressão reprimidas. Portanto, *autorregulação* aqui pode ser compreendida como a “sabedoria do corpo”, reações e mecanismos minuciosamente coordenados que regulam o funcionamento orgânico. Barreto (2007) nos mostra que a própria ideia de uma sabedoria do corpo é hoje sustentada por autores como Damásio, Atlan, Maturana e Varela.

Não é surpresa que nossas experiências emocionais nos projetam para ação, pois a principal função da emoção é direcionar o corpo para alguma ação. Não é possível experimentar estados emocionais sem mudança no estado fisiológico do organismo. O que Reich constatou é que há uma duração no presente de traumas e ameaças vividas no passado, isto é, uma persistência dessas experiências no corpo sob a forma de uma cronificação geral do estado vital e, conseqüentemente, essa cronificação se apresenta na musculatura, na postura e na personalidade dos sujeitos.

A fórmula biológica que todo organismo vivo expressa por meio de uma dupla corrente plasmática, por um duplo movimento, representa o ritmo da pulsação orgonótica. Este movimento que “ex-põe” o ser vivo, leva-o ao mundo exterior, é uma “e-moção”, uma “saída”, um “êxodo”. O movimento centrífugo, que vai do centro até a periferia, é o movimento de expansão e está associado a efeitos agradáveis, cuja emoção específica é o prazer. O sentido inverso é o movimento de retorno ao próprio corpo; uma remoção centrípeta que vai da periferia ao centro. E a contração e o encolhimento cuja emoção específica é a angústia (BELLINI, 1993: 60).

Em Reich, vemos que tal ideia se ancora em seu trabalho como clínico, ainda em sua fase psicanalítica, junto aos pacientes, ele observa que quando havia acesso a conteúdos emocionais, aparecia uma dinâmica própria marcada por movimentos involuntários e de pulsação, que remetem a história evolutiva do ser vivo. É a valorização dos processos de evolução ao longo dos quais a espécie agregou uma infinidade de mecanismos que asseguram sua continuidade.

A *autorregulação* não é simplesmente um conceito inventado por Reich com base numa idealização política, mas pelo contrário, é uma constatação empírica obtida através das suas observações dos fenômenos que pesquisava, principalmente os de cunho biológico, pautados na concepção de uma biologia organísmica, se torna então um princípio que irá nortear toda a sua produção tanto teórica quanto técnica, pois o objetivo da terapêutica reichiana é a recuperação da capacidade de *autorregulação* dos sujeitos, tanto no nível individual quanto no nível político e social.

No início do século XX, houve um movimento dentro da biologia que se opunha tanto ao mecanicismo como ao vitalismo. Sobre esse movimento, Capra afirma que

Tanto o vitalismo como o organicismo opõem-se à redução da biologia à física e à química. Ambas as escolas afirmam que, embora as leis da física e da química sejam aplicáveis aos organismos, elas são insuficientes para uma plena compreensão do fenômeno da vida. O comportamento de um organismo vivo como um todo integrado não pode ser entendido somente a partir do estudo de suas partes. Como os teóricos sistêmicos enunciariam várias décadas mais tarde, o todo é mais do que a soma de suas partes. Os vitalistas e os biólogos organísmicos diferem nitidamente em suas respostas à pergunta: "Em que sentido exatamente o todo é mais que a soma de suas partes?" Os vitalistas afirmam que alguma entidade, força ou campo não-físico deve ser acrescentada às leis da física e da química para se entender a vida. Os biólogos organísmicos afirmam que o ingrediente adicional é o entendimento da "organização", ou das "relações organizadoras". Uma vez que essas relações organizadoras são padrões de relações imanentes na estrutura física do organismo, os biólogos organísmicos afirmam que nenhuma entidade separada, não-física, é necessária para a compreensão da vida. Veremos mais adiante que a concepção de organização foi aprimorada na de "auto-organização" nas teorias contemporâneas dos sistemas vivos, e que o entendimento do padrão de auto-organização é a chave para se entender a natureza essencial da vida (CAPRA, 1996: 28).

A ideia de um ímpeto em direção à vida, da expansão do ser em direção ao mundo, está associada à sexualidade e ao conceito de potência orgástica. De acordo com a visão de Reich, a sexualidade é um atributo energético e, portanto, motor, que está intimamente associada à *autorregulação*. Foi através de seus experimentos com bioeletricidade que chegou à conclusão de que a convulsão orgástica, ou potência orgástica seria a maneira que os organismos encontraram de descarregar plenamente a libido, a energia biológica vital que está excedente e sobrecarregando o sistema.

No fundamento dessa perspectiva está a questão da economia energética biológica, que será a base da técnica terapêutica reichiana, cujo objetivo é restabelecer a capacidade do organismo de pulsação viva, em diversos aspectos da vida, não somente o sexual. A função do orgasmo, na visão reichiana, não se resume à função reduzida à procriação, como via a biologia mecanicista, mas está associada à aderência aos ritmos naturais orgânicos e às experiências emocionais profundas:

Reich dizia que no homem há qualquer coisa de larva, de medusa. Interpretava o simples movimento ameboidal como o modelo do ato humano mais universal e mais desejado: o orgasmo. Os dois aparelhos neurovegetativos – o simpático e o parassimpático – que organizam os contrapontos orgânicos, nervosos, hormonais, secretores, químicos, estariam vinculados às emoções. A formulação reichiana do funcionamento antitético e unitário do corpo e da mente descreve o sistema simpático (contração orgânica) e o parassimpático (expansão) para chegar à fórmula básica da vida: expansão -busca do prazer; contração -encolhimento, desprazer- reações orgânicas profundas do homem (BELLINI, 1993: 59).

Em *Análise do Caráter e A Função do Orgasmo*, o autor fala de emoções bloqueadas de forma que esse bloqueio está expresso tanto organicamente quanto psiquicamente, sendo este bloqueio um resultado da organização cultural. Logo, um restabelecimento do fluxo biológico energético, da autorregulação orgânica, seria promovido por meio da liberação desses bloqueios. Portanto, aos poucos os sujeitos iriam desenvolvendo uma forma orgânica de movimentar aquilo que antes estava mais rígido, e é bem semelhante à movimentos convulsivos do orgasmo. Vemos este movimento pulsatório ondulatório também na célula, nas batidas do coração, na respiração, os ciclos da natureza que se apresentam em pares antitéticos, etc.

O homem, na qualidade de elo de energia, não está claramente separado do campo no qual está imerso. As partículas elementares se movem no espaço vazio, como as ondas na superfície de um lago. Igualmente ondulatório é o movimento da corrente energética plasmática do organismo que participa da pulsão do universo (FERRI E CIMINI, 2011: 35).

Ao considerar a *pulsão de vida* como leitura fundamental da natureza viva, em oposição à *pulsão de morte* freudiana, aprisionada na entropia, Reich nos indica que uma saída possível para a “miséria humana”, como ele mesmo dizia, seria nos conectar muito mais com atividades e relações que aumentem a nossa potência orgástica (o mesmo que potência de vida) ao invés de nos identificarmos com a ideia de que tudo leva à morte. Neste sentido, podemos fazer aqui uma aproximação com o famoso trabalho “Ética” [1677], do filósofo holandês Baruch Spinoza no qual ele propõe, de modo estoico, que a investigação correta da natureza material nos leva a concluir racionalmente que os afetos alegres são sentidos assim por nós devido a sua capacidade de aumentar a potência da vida, ao passo que os afetos tristes, desorganizadores do corpo físico e social, reduzem a potência do existir, desarticulam, desregulam, fazem enfim, a força da vida perder sua constante batalha contra as forças da entropia e do caos.

Toda essa discussão de Reich contra a ciência de sua época pode ser vista, assim, como uma reverberação da crítica de Spinoza ao mecanicismo do *corpo morto* (“sem

alma” e sem movimento autônomo) de Descartes e à toda tradição judaico-cristã de pensar a natureza material como desprovida de inteligência, ordem e vida espiritual.

Lembremos que Reich era médico psicanalista e tinha bastante prática clínica, portanto, pôde ver o princípio de *autorregulação* de maneira concreta, quando conseguia dismantelar em certa medida as defesas egóicas e as inibições neuróticas de seus pacientes, notava nos sujeitos maior entrega à sexualidade, maior capacidade para autonomia, maior bem estar consigo e com os outros, como se liberasse um tipo de aptidão e espontaneidade própria dos sujeitos, sexualidade compreendida por este autor como uma força promotora da vida.

Autonomia então seria o sinônimo de *autorregulação* que, como vimos, perpassa todas as perspectivas do pensamento reichiano, seja na clínica quando ele afirma que retirar o investimento energético das inibições, libera o fluxo de energia vital, seja no campo social quando acredita ser possível uma sociedade baseada na *autorregulação* social.

Como se vê, o princípio de auto-regulação, proposto com uma constância excepcional por Reich — e que ocupa um lugar central no pensamento dele - dispõe de uma base biológica sólida e praticamente irrefutável. A esta posição central contribuíram, sem dúvida nenhuma, para conduzi-lo, os seus primeiros interesses biológicos e filosóficos, como Reich assinala em sua autobiografia científica, *A função do orgasmo*: observações de Forel sobre as formigas, “enteléquia” - ou princípio diretor interno da vida - de Driesch, “impulso vital” de Bergson, energias biológicas específicas de Kammerer etc.; mas é notável que, já nessa etapa, exista uma preocupação fundamental de Reich em eliminar qualquer recurso relacionado ao finalismo: “O que me incomodava particularmente na biologia - escreve — era a aplicação do princípio teleológico”. Como extirpar a teleologia - quer dizer, em última análise, a teologia, é uma motivação irredutível da pesquisa reichiana (DADOUN, 1991: 35).

É totalmente possível estabelecer uma relação funcional entre prazer-desprazer e o *princípio da realidade*, segundo Freud, com a *autorregulação* dos sistemas vivos, pois são expressões dessa função. Para Reich, a *autorregulação* está presente na Natureza e, portanto, deve reger também o universo psíquico e social do ser humano. Tanto o *princípio do prazer-desprazer* quanto o de realidade agem no sentido de manutenção da sobrevivência dos sujeitos, diante de qualquer situação que lhe ameace e desequilibre.

Reich (2003 [1949]) afirmava que antes da cognição formular um pensamento para a simbolização do mundo, ocorre a experiência do ser através das sensações de órgão, que quanto mais autorregulado o organismo, mais sensível o é para perceber essas sensações. Esta sensibilidade está implicada também na percepção da realidade, ou seja, na produção de conhecimento sobre ela. As emoções, segundo ele, são provenientes do

movimento protoplasmático do organismo, constituído de dois polos de funcionamento: a contração e a expansão. Há uma identidade funcional entre soma/psique, emoção e excitação, princípio da pesquisa orgonômica. Por meio deste par funcional, está funcionalmente equivalente prazer e expansão biológica/desprazer ou angústia e contração biológica.

Se, à primeira vista, Reich parece partir de um reducionismo biológico, com sua ênfase na biofísica e a sua *vegetoterapia*, vemos que a consideração de uma unidade funcional em que aspectos somáticos e psíquicos estão integrados, a admissão de forças sócio-políticas como moduladoras dessa unidade funcional e o seu papel na subjetividade humana indicam que, muito pelo contrário, não se trata de modo algum de um reducionismo ao biológico. Mas sim, de uma articulação transdisciplinar entre as diferentes ciências (da natureza, da vida e da sociedade), de modo a não deixar acontecer o que vemos muito em voga atualmente: um dos saberes tentando se sobrepôr ao outro, negando o fator social (como é muito comum na neurociência corporativa do século XXI), ou negando o fator biológico (como na sociologia construtivista francesa contemporânea, esquizoanálise e derivados).

O “corpo reichiano” não é uma estrutura fechada em si mesma, restrito a dinâmicas internas, destituído de relações com o meio ambiente, muito menos um aglomerado de tecidos e órgãos. É sobretudo matéria viva e pulsante, que segue fluxos energéticos-emocionais e não somente anátomo-fisiológicos. Essa visão está fundamentada numa biologia primária, que remete a algo mais arcaico que a própria organização fisiológica, de maneira que a expressividade e correntes plasmáticas que Reich se referia não são unicamente dependentes do sistema neurovegetativo do corpo, não se reduzem a anatomia apenas, pois sua visão é funcional-energética. Não se trata então de um corpo abstrato, cindido da natureza, como vemos habitualmente no campo de estudos da psicologia e da sociologia. E essa concepção de ser humano está em completo acordo com as teorias mais recentes no campo da complexidade. Para Ferri e Cimini (2011) uma concepção energética da existência deve estar de acordo com uma abordagem sistêmica da realidade, utilizando-se de modelos que enxerguem além do paradigma cartesiano e mecanicista, dando lugar a perspectivas mais dinâmicas.

Em concordância com Barreto (2007), apontamos aqui que a visão reichiana não diverge somente da atitude anticorporalista (portanto, dualista) que vemos por exemplo na psicanálise e na psicologia em geral, e acrescentamos aqui também na sociologia.

Essa divergência vai além, pois está relacionada a uma tradição cultural, uma atitude presente no Ocidente, da negação do corpo e da condição animal do ser humano.

Não é de se estranhar, portanto, o desprezo dos psicanalistas, bem como dos cientistas sociais em geral, por Reich, ainda hoje. Em boa medida, ele representa tudo que estas disciplinas rejeitam, a saber, uma compreensão biológica do ser humano; afinal, Reich valoriza exatamente o animal em nós. Mesmo que atualmente o corpo assuma um lugar de destaque no imaginário ocidental, tornando-se inclusive lugar privilegiado de ancoragem da subjetividade contemporânea, ele aparece destituído de uma vitalidade biológica, um corpo levado ao extremo de sua dimensão mecanicista, totalmente manipulável e sem maiores conexões com o sujeito que o encarna. Neste sentido, é um corpo ainda racionalizado, porque construído na esteira do saber biomédico que o concebe mais como matéria morta do que viva. Se é a biologia que se apresenta como grande avalista deste corpo contemporâneo, trata-se de uma biologia desvitalizada que, embora hegemônica no pensamento atual, não é a única e está longe de ser a vertente com a qual Reich se alinha (BARRETO, 2007: 170).

CAPÍTULO 2

Autorregulação e a ciência contemporânea

Nas últimas décadas, apareceu uma nova linguagem adaptada à compreensão dos organismos vivos que são complexos e altamente integrados. Os mais variados cientistas definem essa nova linguagem com vários nomes: teoria dos sistemas dinâmicos, teoria da complexidade, dinâmica não linear, dinâmica de rede. Então surgem alguns impasses: atractores caóticos, auto-organização, fractais, conexões estruturais, estruturas dispersivas, redes autopoieticas, entropia, neguentropia, informação, pontos de bifurcação, flecha do tempo, evolução. (FERRI E CIMINI, 2011: 37).

No capítulo anterior vimos a *ciência extraordinária de Wilhelm Reich*, acompanhando o modo pelo qual ele adianta os paradigmas da geração seguinte, sendo mal compreendido em todas as áreas nas quais investigou a saúde psicopolítica, como diria Ouriques. Mas apesar desta perseguição implacável, como pretendo fique claro agora, a ciência parece ter seguido as mesmas pistas que Reich, ainda que o seu nome raramente seja mencionado como digno de reconhecimento, por ter pensado ou proposto de forma pioneira soluções numa direção semelhante. Veremos que as direções que ele apontou mostraram-se definidoras da ciência do século XX.

Como pudemos observar no capítulo anterior, Reich estava interessado na ciência natural de um modo bastante diferente da ciência tradicional de sua época. O químico ganhador do Nobel Ilya Prigogine e a filósofa da ciência Isabelle Stengers, no famoso livro *A Nova Aliança*, argumentam que o advento da mecânica quântica, da teoria da relatividade e da descoberta das estruturas dissipativas (onde o isolamento do sistema para a conservação da energia não é o essencial) contribuíram para uma metamorfose das ciências ao longo do século XX.

Não é mais simplesmente uma questão de observar "objetivamente" a natureza, como um objeto inerte sem relação com o observador. Há certos aspectos ocultos e fundamentais que somente se revelam se o observador relacionar-se com a natureza de um certo modo, permanecendo ocultos nos outros modos de experimento.

A ciência se deslocou do lugar dos acontecimentos imutáveis - da visão clássica do mecanicismo, de que tudo funcionaria tal como uma máquina estacionada no tempo - como se sabe, para as concepções de espontaneidade e irreversibilidade da flecha do tempo. De modo poético, Prigogine denomina essa mudança de postura da ciência em relação à natureza de *reencantamento do mundo*. O mundo morto da concepção moderna voltou à vida no século XX. Trata-se de uma mudança profunda na maneira de pensar a

natureza, sua previsibilidade e poder criativo, que bate de frente com os limites próprios do pensamento mecanicista. Afinal, longe de ser a palavra final sobre o assunto, “a ciência faz parte do complexo de cultura a partir do qual, em cada geração, os homens tentam encontrar uma forma de coerência intelectual” (PRIGOGINE & STENGERS, 1991: 1).

Na obra de caráter sintético e epistemológico *Éter, Deus e o Diabo*, de 1949, Reich demonstra grande afinidade e ressonância com a perspectiva da física quântica e relativística⁹, que lhe eram contemporâneas e certamente o influenciaram. Podemos ouvir suas reverberações, tanto em sua estima pessoal por Einstein quanto em suas afirmações epistemológicas: “o observador científico deve conhecer sua própria perspectiva para não fazer afirmações incorretas. Deve saber em que esfera funcional da natureza estão situados ele mesmo e seus objetivos” (REICH, 2003: 23). Pois o ser humano que pesquisa a natureza deve ter em mente que possui um funcionamento atrelado à ela, e que as suas observações derivam deste funcionamento. Logo, “o cientista aumentará seus erros na proporção em que negligenciar seu próprio sistema de percepções sensoriais e sua consciência” (*id.*).

É por isso que Reich afirmava que o pensamento mecanicista só podia ter sido criado por uma estrutura rígida de caráter, típico da época e do lugar em que ele se originou:

Um observador que, por causa de sua estrutura de caráter, trabalha e pensa de modo mecanicista, não pode melhorar seu desempenho através de experimentos. Por isso, sempre foi o rebelde contra o mecanicismo na ciência natural que transcendeu as fronteiras bem delimitadas e fez suas descobertas, precisamente porque era tão heterodoxo. Ele simplesmente retornou à observação direta e às inter-relações naturais, isto é, funcionais dessas observações. Esses rebeldes da ciência natural também foram rebeldes no pensamento; eles funcionavam de uma maneira viva, passavam por cima de barreiras, derrubavam muros, como na questão da imutabilidade das substâncias químicas, das relações entre energia e massa, das relações entre homem e animal, e assim por diante. Pense simplesmente no que a psicologia realizou com base nas mesmas observações (REICH, 2003: 118).

⁹ "O problema do observador irrompeu na física desde o início do século XX, sendo contemporâneo à emergência da psicanálise na medicina. Muitas diferentes soluções foram propostas para o enigma. De modo resumido, podemos simplificar aqui da seguinte forma: diferente da física clássica, que supunha um observador ideal inercial (o ponto de vista absoluto de Deus, o espaço vazio e matemático de Newton), tanto a teoria da relatividade quanto a mecânica quântica só podem oferecer resultados para um observador real específico. Outros observadores terão diferentes resultados, não havendo um ponto de vista ideal, privilegiado sobre os demais. Para um observador em movimento, o tempo acelera em relação a outro observador que permaneceu parado. O relógio anda mais devagar no vale de uma montanha e acelera em seu topo. E dependendo da forma como o experimento foi realizado, a natureza quântica se manifesta como onda ou partícula. O famoso exemplo do “gato de Schrödinger” ilustra bem este dilema: do ponto de vista da equação matemática, o gato está vivo e morto ao mesmo tempo. A questão da ciência então passa a ser não a descrição de um sistema determinístico, mas sim probabilístico: para este observador, o gato está vivo e em outra experiência ele pode estar morto. Não há como saber de antemão, mas somente calcular caminhos possíveis. A evolução no tempo de um sistema complexo vai depender caso a caso" (PINGUELLI ROSA, 2006).

É possível afirmar, portanto, que Reich já estava ciente que o mecanicismo, enquanto paradigma de ciência, já havia caído por terra justamente aonde ele havia sido criado, isto é, na ciência dos fenômenos físicos. No entanto, seu grande dilema consistia em observar que tal mentalidade ainda operava como paradigma persistente na pesquisa em biologia, medicina e psicologia. Sua missão como médico psicanalista marxista consistia, desta maneira, em superar o mecanicismo em sua própria área de pesquisa.

Depois da sua morte, um conjunto cada vez maior de pesquisas continuou apontando para aquilo que Reich insistiu por toda a sua carreira: sobre a insuficiência do paradigma newtoniano e a problemática das ideias de universalidade, determinismo e objetividade na pesquisa científica para se pensar o fenômeno da vida e da mente. Muito antes da considerada metamorfose na ciência a que Prigogine se refere, Reich já insistia, e vale acompanhar esta sua longa argumentação, que

O físico mecanicista típico pensa de acordo com os princípios da construção da máquina, a quem serve em primeiro lugar. Uma máquina deve ser perfeita. Portanto, o pensamento e a ação do físico devem ser "perfeitos". O perfeccionismo é uma característica essencial do pensamento mecanicista. Não permite erros. Incertezas e situações em fluxo são indesejáveis. O mecanicista trabalha com modelos artificiais da natureza quando faz experimentos. O experimento mecanicista do século XX perdeu as características essenciais da investigação autêntica - o controle e a imitação de processos naturais, que caracterizaram o trabalho de todos os pioneiros nas ciências naturais. Todas as máquinas do mesmo tipo são semelhantes até o mais ínfimo detalhe. Desvios são considerados imprecisões. No campo da construção de máquinas, isto é bastante correto. Porém esse princípio conduzirá ao erro se for aplicado a processos da natureza. A natureza é imprecisa; A natureza não opera mecanicamente e sim funcionalmente. Portanto, o mecanicista sempre se contrapõe à natureza quando usa seus princípios mecanicistas; Há uma harmonia regrada de funções naturais que permeia e governa todos os seres. [...] O fracasso do mecanicismo científico nestes campos da natureza é óbvio, como o é a dependência destes campos quanto às funções de uma energia cósmica primordial. Há uma lei na natureza; isto é certo. Mas essa lei não é mecanicista. Portanto, o perfeccionismo é uma exatidão compulsiva da civilização mecanicista; é exata dentro, mas não fora da esfera de funções mecanicistas, dos modelos artificiais da natureza. Exatamente como tudo que está no arcabouço conceitual da lógica formal é lógico, mas se toma ilógico fora desse arcabouço; exatamente como tudo o que está dentro da estrutura da matemática abstrata é coerente, mas fora não tem onde se encaixar; exatamente como todos os princípios que operam no sistema educacional autoritário são lógicos, mas fora dele são inúteis e antieducacionais; assim também o perfeccionismo mecanicista fora de seu próprio domínio não é científico; e, na sua pseudo-exatidão, funciona como uma draga em cima da investigação natural. A pesquisa sem erros é impossível. Toda pesquisa natural é e sempre foi tateante, "irregular", instável, flexível, eternamente corretiva, fluente, incerta e insegura, mas, apesar disso, está em contato com processos reais. Pois esses processos reais, a despeito de todas as suas leis básicas unificadoras, são variáveis no mais alto grau, livres no sentido de serem irregulares, imprevisíveis e irreplicáveis. É precisamente esta liberdade encontrada na natureza que assusta nossos mecanicistas quando eles a encontram. O mecanicista não pode tolerar a incerteza. Porém essa liberdade não é metafísica

nem tampouco mística, mas regida funcionalmente por leis (REICH, 2003: 89-90).

As pesquisas de Reich em laboratório o levaram a postular a existência de uma energia primordial cósmica, que ele chamou de *orgone*, que para ele seria demonstrável empiricamente ao se manifestar no organismo vivo como princípio antagônico à entropia, logo, como um tipo especial de energia, diferente e contrária a energia dos físicos. Do ponto de vista da física de sua época, lhe pareceu a única forma de descrever uma função de cunho energético para a matéria viva, explicando com isso que os organismos conseguiam reter energia ao invés de perdê-la para o ambiente, chamando essa capacidade de *potencial orgonômico invertido*.

Por isto Ferri e Cimini apontam que o pensamento de Reich está alinhado ao que eles denominam *código neguentrópico-sistêmico*:

Uma concepção energética da existência deve se expressar em uma linguagem que esteja de acordo com uma abordagem sistêmica da realidade, que utilize a descrição de modelos dinâmicos da vida, que vá além do reducionismo cartesiano, para se expandir na direção de horizontes mais amplos[...]. Na teoria de W. Reich estava inserido o gene da complexidade (FERRI & CIMINI, 2011: 36).

Erwin Schrödinger, um dos pais fundadores da mecânica quântica, ganhador do Nobel de Física em 1933, dez anos depois voltou-se para a biologia, investigando a aplicação da segunda lei da termodinâmica no fenômeno vivo. Sua conclusão foi a de que o segredo da vida é ser justamente o contrário da máquina de calor que preconizavam os físicos. Isto é, justamente por ser um sistema aberto, em constante troca com o ambiente, é que o organismo vivo consegue sua milagrosa capacidade “neguentrópica”.

Em seu clássico livro *O que é a vida?* (1997 [1944]), Schrödinger apresenta o conceito de *entropia negativa* para explicar o modo pelo qual os organismos vivos se desenvolvem e evoluem, aumentando sua ordem, para não cair no equilíbrio térmico, no estado inerte, morto, de forma rápida. E é por esta capacidade, diz Schrödinger, que o organismo é tão enigmático. A segunda lei da termodinâmica prevê como natural o aumento da entropia ao longo do tempo, o que implica em aumento da desordem, do caos, como disse anteriormente, o que nos fenômenos vivos significa desorganização, a morte do organismo. A entropia é assim uma medida da energia não disponível para ser utilizada, enquanto que o negativo da entropia, a *neguentropia*, significa a ordenação da energia do sistema, de modo que ela possa ser utilizada e não se disperse como calor.

Qual a característica particular da vida? Quando se pode dizer que uma porção de matéria está viva? Quando ela “faz alguma coisa”, como mover-se, trocar material com o meio etc., e isso por um período muito mais longo do que esperaríamos que uma porção de matéria inanimada o fizesse nas mesmas

circunstâncias. Quando um sistema não-vivo é isolado ou colocado em um ambiente uniforme, usualmente todo o movimento cessa depressa, como resultado de vários tipos de fricção; diferenças de potencial químico ou elétrico são equalizadas, substâncias que tendem a formar compostos químicos o fazem e a temperatura se torna uniforme por condução térmica. Depois disso, todo o sistema minguia para um bloco inerte e morto de matéria. É atingido um estado permanente, no qual não ocorre nenhum evento observável. O físico dá a esse estado o nome de equilíbrio termodinâmico ou estado de "entropia máxima". [...] E por evitar o rápido decaimento no estado inerte de "equilíbrio" que um organismo parece tão enigmático. Assim é que, desde os mais remotos tempos do pensamento humano, afirma-se que uma força especial não-física ou sobrenatural (vis viva, enteléquia) opera no organismo, e, em alguns recantos, ainda se afirma isso. Como um organismo vivo evita o decaimento? A resposta óbvia é: comendo, bebendo, respirando e (no caso das plantas) assimilando. O termo técnico é metabolismo (SCHRÖDINGER, 1997: 77-78).

A vida, portanto, "nada contra a maré" do universo, ao gerar organização num mundo que tende ao caos. Mas como isso é possível? Schrödinger afirma que é realizando trocas com o ambiente e com os outros organismos que tal processo é possível. Ele explica a origem e a história da evolução da vida descrevendo a energia solar como altamente ordenada (baixa entropia, em relação ao ambiente caótico terrestre). É se alimentando de uma energia com menos entropia que o próprio meio (a luz no caso das plantas e fungos, ou outros seres vivos, no caso dos animais e bactérias), que o organismo pode criar para si um ambiente neguentrópico, sem que com isso viole a segunda lei da termodinâmica. A entropia geral do sistema como um todo continua aumentando, assim como descreve a lei da entropia. Mas localmente, graças a uma fonte abundante de energia organizada (em feixes paralelos de luz solar sincronizada, por exemplo, ou no corpo de outro ser vivo), a vida pode utilizar não somente a energia para esquentar suas dinâmicas químicas intracelulares, mas também - e especialmente - a entropia daquela energia, radicalmente menor que a do meio terrestre, para reduzir a sua própria entropia, auto-organizando a si mesma em uma dinâmica complexa.

Daqui a esquisita expressão "entropia negativa" pode ser substituída por uma melhor: entropia, tomada com o sinal negativo, é ela mesma uma medida de ordem. Assim, a forma pela qual um organismo se mantém estacionário em um nível razoavelmente alto de ordem (= nível razoavelmente baixo de entropia) realmente consiste em absorver ordem de seu meio ambiente. Essa conclusão é menos paradoxal do que parece à primeira vista. Longe disso, poderia até ser criticada como trivialidade. Na verdade, no caso de animais superiores, conhecemos bem o tipo de ordem da qual se sustentam, ou seja, o estado extremamente bem ordenado da matéria em compostos orgânicos mais ou menos complexos que lhes servem de alimento. Depois de utilizá-lo, devolvem-no em uma forma muito degradada - não inteiramente degradada, todavia, pois plantas ainda podem usá-lo. (Estas, é claro, têm na luz solar seu fornecimento mais potente de "entropia negativa") (id.: 81).

Embora localmente tal fenômeno possa ser descrito como uma reversão da entropia (argumento insistente de Reich), globalmente o fenômeno da vida resulta num

aumento exponencial da entropia geral do sistema, de que modo que a segunda lei da termodinâmica nunca é realmente violada. De acordo com a conclusão de Schrödinger, a vida é um truque energético sofisticado que certas moléculas orgânicas desenvolveram para se perpetuar na existência, evoluindo em seres cada vez mais complexos e multiordenados, que reduzem a entropia internamente, somente para aumentar a sua capacidade de aumentar a entropia do meio, isto é, aumentando o seu poder de transformação do ambiente.

Assim, a lacuna em biologia, que até agora continha um mistério - a saber, como as plantas convertem "energia solar" em carboidratos e formas sólidas de celulose - parece preenchida. "Energia solar" é nossa energia orgone que as plantas absorvem diretamente do solo, da atmosfera e dos raios de sol (REICH, 2003: 215).

Quando Reich fala da capacidade de *autorregulação* orgânica ser restabelecida através da livre descarga energética e principalmente no contato pleno com o outro, podemos observar que é na relação que os organismos promovem relações de aumento de potência, e este aumento é sentido pelos organismos como satisfação, alegria, excitações psicorporais prazerosas. Para Reich, os organismos são vistos como:

uma parte organizada do oceano cósmico de orgone, que possui qualidades especiais chamadas 'vivas'; não conseguiremos compreender *bioenergeticamente* se aderirmos ao potencial mecânico de energia [...]. O organismo vivo não apenas não seria capaz de manter um nível de energia mais alto quando comparado com o ambiente; ele também perderia seu calor, sua motilidade, sua energia para o ambiente circundante, que tem um nível inferior de energia, em um curto período de tempo. E a pergunta sobre como sucedeu que um organismo deste tipo pudesse vir a existir em primeiro lugar permaneceria sem resposta. Não podemos negar o fato de que há outra função energética na natureza, nosso assim chamado POTENCIAL ORGONÔMICO INVERTIDO; a energia orgone flui do sistema mais fraco ou inferior para o mais forte ou superior (REICH, 2003: 157 [grifos do autor]).

Na detalhada passagem que segue, Reich aponta e tenta definir, em seus próprios termos, o que estou referindo-me como *neguentropia*, ao afirmar que os sistemas vivos não podem ser entendidos a partir do simples potencial mecânico-energético:

O potencial orgonômico não contradiz o antigo potencial mecânico. Na verdade, ele explica como é possível existir algum nível de energia mais alto. É verdade que, ao aceitar esta função, torna-se inválida a "segunda lei da termodinâmica", a formulação absoluta da "lei da entropia". Sabemos que muitos físicos de qualquer modo se sentem incomodados com esta lei. E tivemos de abandonar muitas outras crenças como esta de natureza absoluta, como por exemplo a conservação da matéria ou a imutabilidade dos elementos químicos. Este é o conceito orgonômico das funções de energia no organismo vivo, do modo como surgiu a partir da observação e da dedução:

1. O organismo vivo, enquanto sistema de energia mais forte, drena sua energia do nível de energia mais baixo: o POTENCIAL ORGONÔMICO. Isto vale não só para o organismo como um todo, mas para o núcleo dentro de cada célula viva, que drena energia do protoplasma circundante, energeticamente inferior.

2. Cada tipo ou espécie de organismo possui seu nível de energia específico; ele tem uma "capacidade orgonótica" especial. Caso contrário, o organismo vivo não pararia de acumular energia e explodiria ou cresceria indefinidamente.

3. Todo excedente de energia é descarregado de acordo com o potencial mecânico (do nível mais alto para o mais baixo) no movimento mecânico, em convulsões orgásticas, na radiação de calor e assim por diante.

4. Existe, conseqüentemente, um metabolismo de energia orgone, uma troca contínua de energia na unidade coesa chamada organismo. Resumindo suas principais funções: manutenção de um determinado nível de capacidade por meio da carga a partir do oceano circundante de orgone e de alimentos, e pela descarga de energia nesse mesmo oceano. Quanto mais baixo o nível de capacidade, mais fraca é a capacidade para se carregar, como na biopatia de encolhimento (*id.*: 158-59 [grifo do autor]).

Ola Raknes (1887-1975), aluno direto de Reich, descreve o *orgone* ou a *energia vital* como uma energia de entropia negativa, afirmando que as concentrações de *orgone* tendem a formar sistemas que irão se desenvolver, atingir um pico máximo e depois decair, características que observamos desde os seres humanos até fenômenos naturais. O livre fluxo de *orgone* no interior do organismo vivo é uma condição indispensável para a saúde e pleno funcionamento do organismo, sendo o metabolismo energético também dependente do meio externo, como mostra Raknes.

A propriedade da energia orgônica que parece explicar e tornar possível a origem ou a criação da matéria, mediante a sobreposição de correntes orgônicas, é a sua entropia negativa, também chamada de potencial orgônico; isto é, quando dois sistemas de diferentes forças e de diferentes cargas orgônicas se aproximam, o sistema mais forte atrai orgônio do sistema mais fraco. Essa atração parece desempenhar um papel importante na evolução da matéria, seja esta viva ou inanimada. Sob certos aspectos essa atração pode ser comparada à gravitação (fenômeno pelo qual uma massa maior atrai uma menor) (RAKNES, 1988: 85).

Pedro Ming Azevedo (2018), de modo semelhante a esta minha pesquisa, afirma que Reich, a seu modo, compreendeu e introduziu precocemente ao campo psicológico diversos conceitos científicos, tais como *entropia*, *homeostase* e *sistema*. Sobre Raknes, Azevedo afirma que foi ele afinal quem propôs um conceito mais moderno para a *bioenergia*, definindo sua característica principal como sendo negativamente entrópica, oposta portanto, à *entropia mecânica*. Considerando esta afirmação, ainda que a resolução canônica do problema não tenha seguido exatamente os moldes apresentados por Reich e seu aluno, podemos ver com clareza que a *teoria reichiana* não está tão distante assim das ideias de Schrödinger.

Sabemos que desde os primórdios da biologia, física e filosofia muitos pensadores se debruçaram sobre o problema, esse mistério ou paradoxo que parece constituir a vida: sua incrível capacidade de combinar harmoniosamente bem: estabilidade de estrutura e fluxo de mudanças constantes.

Contudo, foi com Ilya Prigogine, em sua teoria das estruturas dissipativas, que foi possível finalmente irmos além no entendimento desse grande paradoxo. Isso surgiu com a investigação dos sistemas que operam longe do equilíbrio, marcados pela instabilidade, pela flecha do tempo (caminho irreversível) e pela imprevisibilidade.

De modo semelhante a Reich, em oposição ao paradigma mecanicista, foi no filósofo Henri Bergson, como dito, que ele foi buscar a intuição correta para poder pensar o tempo enquanto criação e a ciência como condicionada à cultura de sua época (PRIGOGINE & STENGERS, 1992).

Prigogine desenvolveu sua teoria partindo dos estudos em físico-química, porém, foi estimulado a fazer esta pesquisa depois de pensar a respeito do funcionamento da vida. Justamente o que o intrigava era o como a vida poderia funcionar em condições de não-equilíbrio. A investigação deste problema o levou a construir sua visão sobre a auto-organização. Para este autor, quando há uma variação no fluxo energético de um sistema, este passa espontaneamente a comportar-se de maneira totalmente diferente e há o surgimento então de uma nova forma de ordenação.

Na década de 1960, Prigogine contribuiu para a discussão do problema criando uma explicação que levaria a ciência para muito além da termodinâmica clássica, permitindo-nos agora entender melhor o fenômeno da auto-organização dos sistemas abertos. Prigogine aponta que nos sistemas abertos existe essa estreita ligação, um paradoxo, entre dissipação de um lado e ordem de outro. Segundo a visão clássica, esta dissipação era encarada como simples desperdício de energia. A proposta de Prigogine é que a dissipação torna-se uma fonte de ordem dos sistemas abertos.

Em particular, no seio de um sistema que evolui globalmente para o equilíbrio – e nós podemos dizer, por exemplo, que é o caso do sistema planetário no seu conjunto – os fluxos irreversíveis podem criar, de maneira previsível e reprodutível, a possibilidade de processos locais de auto-organização. Nesse contexto, um fenômeno como o aparecimento de formas vivas poderia ser considerado previsível do ponto de vista da teoria física. A vida escaparia certamente do princípio de ordem de Boltzmann, mas entraria na ordem das possibilidades implicadas pela termodinâmica longe do equilíbrio. As células de Bénard constituem um primeiro tipo de *estrutura dissipativa*, cujo nome traduz a associação entre a ideia de ordem e a de desperdício, tendo sido escolhido de propósito para exprimir o fato fundamental novo: a dissipação de energia e de matéria – geralmente associada às ideias de perda de rendimento e de evolução para a desordem – torna-se, longe do equilíbrio, fonte de ordem; a dissipação está na origem do que se pode muito bem chamar de novos estados da matéria (PRIGOGINE & STENGERS, 1991: 114).

Por motivos médicos e clínicos, Reich dá ênfase à questão da ordem como sendo equivalente à vida e a desordem como equivalente à morte. Mas, a descoberta de Prigogine e a explicação de Schrödinger indicam o caos como agente primordial,

necessário à ordem, o fator perturbador necessário à criação de novidade e a possibilidade de evolução do sistema no tempo.

Há uma relação aparentemente paradoxal entre a estrutura e o fluxo de mudança que esta estrutura sofre, onde a alteração do fluxo energético provoca mudanças constantes, porém há a manutenção da estrutura global. Prigogine faz a combinação dos termos “estrutura” e “dissipativa” para ilustrar essa tendência aparentemente opostora, mas que coexiste em todos os sistemas vivos. Logo, em pontos críticos de instabilidade há o aparecimento espontâneo de uma nova ordem, uma propriedade de todos os seres vivos. Em outras palavras, os sistemas abertos dissipam energia para manter sua ordem interna, pois ao trocar energeticamente com o meio, experimentam a instabilidade e podem, a partir disso, promover uma nova forma, de maior complexidade.

A chave para o entendimento das estruturas dissipativas está na compreensão de que elas se mantêm num estado estável afastado do equilíbrio. Essa situação é tão diferente dos fenômenos descritos pela ciência clássica que encontramos dificuldades com a linguagem convencional. As definições que os dicionários nos oferecem para a palavra "estável" incluem "fixo", "não-flutuante" e "invariante", todas elas imprecisas para descrever estruturas dissipativas. Um organismo vivo é caracterizado por um fluxo e uma mudança contínuos no seu metabolismo, envolvendo milhares de reações químicas. O equilíbrio químico e térmico ocorre quando todos esses processos param. Em outras palavras, um organismo em equilíbrio é um organismo morto. Organismos vivos se mantêm continuamente num estado afastado do equilíbrio, que é o estado da vida. Embora muito diferente do equilíbrio, esse estado é, não obstante, estável ao longo de extensos períodos de tempo, e isso significa que, como acontece num redemoinho de água, a mesma estrutura global é mantida a despeito do fluxo em andamento e da mudança dos componentes (CAPRA, 1996, p. 135).

Prigogine compreendeu que a termodinâmica clássica não era suficiente para explicar os sistemas que funcionam longe do equilíbrio, devido a sua característica linear intrínseca. Perto do equilíbrio, há processos de escoamento, mas eles são fracos e o sistema irá continuar sua evolução até o ponto de entropia máxima, um estado estacionário. Assim, no mecanismo industrial, vamos isolar o sistema e minimizar ao máximo seus escoamentos. Por outro lado, maiores escoamentos são possíveis em um maior afastamento do equilíbrio, que podem se desenvolver em formas maiores de complexidade. De acordo com Prigogine, quanto mais longe do equilíbrio, mais complexa pode se tornar uma estrutura dissipativa, por causa de seus múltiplos laços de retroalimentação, por esse sistema percorrer múltiplas instabilidades e flutuações ampliadas. Desse modo, pode-se dizer que ele percorreu um caminho que constitui uma história.

Os sistemas relativamente fechados (como as máquinas da indústria), se dirigem ao equilíbrio térmico e ao aumento da entropia, enquanto que os sistemas abertos (como

os seres vivos em constante troca energética com o ambiente) funcionam por trocas e fluxos contínuos e estão longe do equilíbrio térmico. Os sistemas vivos, por serem sistemas abertos, não estão submetidos à aplicação da lei da termodinâmica para sistemas fechados, por isso esta formulação clássica do conceito de energia, não podia ser aplicado ao fenômeno da vida. Como tanto insistiu Reich. Havia algo a mais a ser descoberto sobre a energia no início do século XX, algo que pudesse explicar sua negentropia e a possibilidade do organismo vivo.

Seria preciso que novos experimentos fossem conduzidos em sistemas termodinâmicos abertos, longe do equilíbrio (como o sistema planetário da Terra, em órbita ao redor do Sol, onde a Vida foi possível), para que uma nova termodinâmica pudesse nascer. Nesta nova termodinâmica, a lei da entropia não é violada, pois no sistema como um todo (universo) a entropia aumenta, mas localmente nos sistemas individuais, uma redução local pode dar origem à auto-organização espontânea: a ordem pode nascer do caos. E os seres vivos evoluíram para se alimentar de energia ordenada, ordenando a si mesmos. Esta energia ordenada, necessária à vida, Reich chamou de *orgone*:

Em outros termos, todas as coisas tendem a se aproximar naturalmente do estado caótico, por uma distribuição aleatória e continuamente cambiante que decompõe o arranjo ordenado das partes de um sistema. O que os sistemas vivos fazem, a fim de se preservarem, a fim de evitarem o aumento de desordem, é manter sua organização a partir da extração de ordem do ambiente, isto é, ao atraírem para si um fluxo de negentropia, a fim de compensar o aumento natural de entropia que produzem ao viver. É por meio dessa extração de ordem do ambiente que os sistemas vivos buscam manter o nível de entropia baixo (CARNERO, 2012: 175).

Um outro conceito importante na teoria de Prigogine é o de *bifurcação*: quanto mais afastado do equilíbrio estiver o sistema, maior será o número de soluções que ele poderá ter; então ele encontra um ponto de bifurcação, no qual ele poderá seguir qualquer uma das ramificações que se abrem para ele como futuro possível. Muito diferente do desenvolvimento linear e previsível da mecânica clássica. Porém, essa escolha depende da história prévia desse sistema e uma vez tomada, é irreversível, isto é, fará para sempre parte da história daquele sistema, influenciando eventos futuros como memória, isto é, instaurando a irreversibilidade do tempo. Na bifurcação, não apenas o tempo ganha memória (um passado vivo que compõe sua história), como também vemos aparecer o fenômeno da imprevisibilidade, da surpresa, da novidade, da criatividade. Nos pontos de bifurcação, estados de ordem crescente podem surgir e isso não contradiz

necessariamente a termodinâmica clássica. No mundo vivo, ordem e desordem estão sendo criadas simultaneamente.

Se a partir de uma certa distância do equilíbrio, não uma mas várias possibilidades são abertas ao sistema, para que estado evoluirá? Isso depende da natureza da flutuação que vier efetivamente desestabilizar o sistema instável e se amplificar até realizar um dos estados macroscópicos possíveis.[...] Chama-se bifurcação ao ponto crítico a partir do qual um novo estado se torna possível. Os pontos de instabilidade à volta dos quais uma perturbação infinitesimal é suficiente para determinar o regime de funcionamento macroscópico de um sistema são pontos de bifurcação. [...] é preciso descrever o caminho que constitui o passado do sistema, enumerar as bifurcações atravessadas e a sucessão das flutuações que decidiram da história real entre todas as histórias possíveis.[...] Para descrever de maneira consistente os sistemas físico-químicos mais simples, somos levados a empregar um complexo de noções que, até aqui, parecia reservado aos fenômenos biológicos, sociais e culturais: as noções de história, de estrutura e de atividade funcional impõem-se ao mesmo tempo para descrever a *ordem por flutuação*, a ordem cuja fonte é constituída pelo não-equilíbrio (PRIGOGINE & STENGERS, 1991: 122-124).

Muitas das concepções-chaves das estruturas dissipativas (a saber: a sensibilidade à pequenas flutuações no ambiente, a importância da história prévia dos sistemas em pontos críticos, a imprevisibilidade sobre o futuro e a criação de novas ordens), podem ser novas do ponto de vista científico clássico, mas absolutamente recorrentes do ponto de vista da experiência humana. Se entendermos essas estruturas como básicas na natureza, então não deveria ser surpresa que também funcionamos de forma semelhante.

Em vez de ser uma máquina, a natureza como um todo se revela, em última análise, mais parecida com a natureza humana — imprevisível, sensível ao mundo circunvizinho, influenciada por pequenas flutuações. Consequentemente, a maneira apropriada de nos aproximarmos da natureza para aprender acerca da sua complexidade e da sua beleza não é por meio da dominação e do controle, mas sim, por meio do respeito, da cooperação e do diálogo (CAPRA, 1996: 144).

Capra argumenta que o reconhecimento da imprevisibilidade como característica dos fenômenos naturais leva a uma reconceitualização da ciência, a uma renovação epistemológica profunda:

A mudança conceitual na ciência defendida por Prigogine é uma mudança de processos reversíveis deterministas para processos indeterminados e irreversíveis. Uma vez que os processos irreversíveis são essenciais à química e à vida, ao passo que a permutabilidade entre futuro e passado é parte integral da física, parece que a reconceitualização de Prigogine deve ser vista [...] como parte da mudança de paradigma da física para as ciências da vida (*id.*: 138).

Algo muito semelhante nos disse Luiz Pinguelli Rosa ao afirmar que se na primeira revolução científica a física newtoniana foi alçada ao patamar de paradigma para todas as ciências ela agora não somente deixa de ser o modelo para a própria física, como outras ciências “menos exatas”, como a biologia, passam a oferecer uma visão de mundo mais apropriada para o fazer científico dos séculos XX e XXI:

No campo da ciência está ocorrendo hoje uma aproximação entre a biologia e a física, o que já está influenciando em outras áreas do conhecimento. Esse processo começou pela ruptura do paradigma newtoniano no âmbito interno da física, em pleno apogeu da mecânica no século XIX, com a Revolução da Termodinâmica e do Eletromagnetismo. Entretanto a ruptura completou-se no âmbito da física apenas no século XX com a Revolução da Relatividade e da Mecânica Quântica. Mas o determinismo “preditivo” da mecânica newtoniana sobreviveu até agora como paradigma geral para outras áreas do conhecimento. Seu recuo efetivo na visão de mundo dominante só está ocorrendo contemporaneamente, abalando até mesmo a teoria econômica que dá sustentação teórica ao capitalismo neoliberal. Contribui para isto sua limitação em lidar com algumas questões atuais em nível global, incluindo a degradação do meio ambiente natural, afetado pela poluição, e os desequilíbrios sociais, econômicos e políticos do capitalismo. [...] Na fronteira entre a ordem e o caos surge o que se convencionou chamar de complexidade, caracterizada pela possibilidade de emergência do novo, do inusitado. A complexidade é associada ao fenômeno da vida, inspirando assim um novo paradigma geral para a visão de mundo, influenciado pela biologia (PINGUELLI ROSA, 2006: 15-16).

Apesar de Prigogine estudar basicamente fenômenos físico-químicos e não seres vivos, como Reich priorizava, ambos perceberam de forma semelhante o mesmo fenômeno negentrópico de atuação nos sistemas que se complexificam. Quando Prigogine elaborou sua teoria, procurou por exemplos mais simples e que podiam ser descritos matematicamente. Encontrou o que procurava nos processos oscilatórios que chamou de “relógios químicos”, que não são sistemas vivos. Porém, esses mesmos processos são usados pelo metabolismo das células, o mais simples sistema vivo conhecido.

Uma característica do pensamento sistêmico proposto pelo biólogo austríaco Ludwig Von Bertalanffy (2010 [1968]) é abordar os problemas, sejam eles de qualquer área do conhecimento, pensando-o em seu todo. Inclusive a produção do conhecimento deve funcionar dessa mesma maneira. Essa ideia só foi popularizada após a década de 60, apesar de seu autor já indicar seus termos no final da década de 1930. Em suma, ele defende que a biologia deve estudar os organismos vivos como sistemas e estes ocupariam diferentes níveis de complexidade. Ela seria, portanto, a ciência da totalidade, ou seja, uma visão inter/transdisciplinar. Esse autor, assim como Reich, também defendia que os fenômenos da vida exigiam novas maneiras de compreensão que se encontram além das ciências puramente físicas. Bertalanffy também apontou a insuficiência da termodinâmica clássica para explicar os fenômenos vivos e deu um passo fundamental ao tratar os organismos vivos como sistemas abertos em relação de trocas constantes com seu meio.

O que notamos é que essa nova linguagem da ciência já se encontrava na teoria reichiana como se fosse uma semente, ainda que com conceitos muito próprios da

especificidade reichiana, ao invés de fundamentado em um pensamento sistêmico, uma vez que ainda não existia uma linguagem própria da biologia sistêmica. Reich usou a terminologia que dispunha na época, buscando o mesmo sentido lógico e prático, visto que os organismos são regulados pela energia orgone e a sua principal característica é ser organizadora da vida (princípio negentrópico). Quanto mais autorregulado o organismo, mais ele é capaz de se conectar afetivamente com o mundo ao seu redor, maior é a sua capacidade de estar em contato genuíno consigo mesmo e em profundo estado de enraizamento com a natureza. Trata-se daquilo que Morin aponta como sendo

não de uma lógica finalista, teilhardiana, mas da lógica da neguentropia, isto é, da disposição, própria do sistema auto-organizado complexo - na vida em seu sentido mais amplo, englobando tanto o homem quanto o espírito-, para utilizar as forças de desorganização a fim de manter e desenvolver sua própria organização, para utilizar as variações aleatórias, os acontecimentos perturbadores, a fim de aumentar a diversidade e a complexidade (Morin *apud* ATLAN, 1992, p. 173).

De acordo com Carnero, podemos observar essa característica na teoria reichiana quando este aponta que uma economia sexual energética insatisfeita dá origem a uma sensação de impotência para a vida, baixo poder de afetar e ser afetado. A descarga energética não seria então uma salvação de todos os problemas do organismo, mas se trata de uma resolução que o organismo encontrou para regular-se, manter-se em fluxo. Portanto, “podemos dizer, em outros termos, que a fórmula do orgasmo traduz uma bomba negentrópica, isto é, ciclos constantes de tensão-carga-descarga-relaxamento mantêm o sistema vivo em um contínuo metabolismo de energia vital” (Carnero, 2012: 168).

Rego Costa (2002) aponta que no artigo intitulado *O outro lado do orgon* José Guilherme Oliveira e Élide Sigelmann querem demonstrar igualmente que Reich adiantou em sua teoria muitos dos conceitos que viriam depois da sua morte. Eles afirmam que por haver propriedades organizadoras e criadoras da energia *orgone*, esta não seria somente energia, mas também conteria em si mesma informação, já que é do âmbito desta última a característica da organização. Os aspectos informacionais de um modo geral estão relacionados ao aumento de complexidade dos sistemas, criações de ordem mais complexa.

Segundo Oliveira & Minayo (2001), na teoria da informação de Shannon a comunicação só é possível se conseguimos reduzir ao máximo a entropia de um sistema de transmissão. Do ponto de vista da informação, a entropia é uma medida da incerteza e da quantidade de ruído. Na teoria da informação o ruído representa os erros na transmissão de mensagens, interferindo nas mesmas, fazendo com que a mensagem se

degrade, tornando-a errônea. Diante disso, a concepção de ruído para a informação exclui qualquer papel organizativo. Muito diferente de quando pensamos a informação nos sistemas vivos. Nesse caso, o ruído propicia a multiplicação das formas de lidar com os erros, para que o sistema persevere. Ocorrerá que o sistema então vai aumentar sua complexidade em busca de novas formas de ordenação. A informação, assim como o orgone, são por definição, o contrário da entropia.

Um processo terapêutico de autoconhecimento, a mudança de um padrão repetitivo disfuncional e o poder de um insight, são processos de redução entrópica, produção de informação, aumento de ordem e potência de vida. Não é apenas comendo baixa entropia que nos organizamos. Mas pensando, produzindo informação, também agimos contra a entropia, contra as forças do caos, produzimos ordenamento, processos de auto-organização.

Podemos pensar os seres humanos como sendo sistemas abertos. Logo, considerar um sistema aberto pela perspectiva reichiana significa compreender o corpo como sendo um sistema atravessado constantemente por relações, fluxos e estímulos do mundo externo que causam um *imprinting*, uma marca, que Reich denominou *traços de caráter*. Desenvolveu assim a técnica da *análise do caráter* para investigar os efeitos desses atravessamentos na formação *psicorporal* dos seres humanos e a forma como estes bloqueiam a capacidade de *autorregulação* dos mesmos. Estas marcas, deixadas no corpo (e, portanto, na dimensão psíquica) geram tensões musculares onde a energia não circula corretamente. Cada ponto de tensão, traz uma memória mal resolvida, uma informação nova para a consciência, mas conhecida (experimentada) diretamente pelo corpo.

Bellini (1993) ressalta que os aspectos do caráter aparecem na maneira dos sujeitos se comportarem, em seus traços formais de comportamento, de vestimenta, fisionomia, gestos e maneiras de expressão, que se traduzem em um jogo de formas inseparável do que Reich chama de *função*. Logo, o caráter teria uma *função autoplástica* de adaptação do organismo ao meio que habita.

O *caráter* tenta sempre responder as contingências e aos desafios do meio, tornando-se o resultado de processos contínuos, de natureza tanto estrutural quanto histórica. Um *sistema* assim formado sempre estará sujeito às contingências exteriores que irão colocá-lo em conflito, irão provocar problemas que ele precisará resolver, que são relativos à manutenção da sua própria existência. Diante do problema, o *sistema* precisará determinar como prevenir o aumento da entropia através da construção de *mecanismos neguentrópicos* com objetivo de evitar a sua destruição.

Ferri e Cimini (2011) apontam que a *linguagem sistêmica-neguentrópica* já presente na teoria reichiana, nos possibilita a compreensão ontológica dos seres humanos a partir do momento inicial, o surgimento de um novo núcleo energético, dentro do útero. Freud, como eles afirmam, não admitia a relação de continuidade da vida intrauterina e o desenvolvimento adulto e negava que as experiências vividas no útero teriam alguma influência posterior no modo de enfrentamento das situações futuras. Ao conceder status especial à vida psíquica, invés de ver o organismo como um todo, a psicanálise não amplia sua visão para a vida anterior ao parto e acaba não considerando os primeiros obstáculos que este ser orgânico precisou enfrentar para perseverar e existir.

A primeira estratégia de *autorregulação* que o embrião humano precisa ter na busca da sua própria existência é estabelecer uma relação de profunda dependência com outro sistema. Só o seu quantum energético isolado não será suficiente para gerar a autonomia necessária ao embrião para o seu desenvolvimento completo. Será preciso criar conexões com o ambiente uterino a fim de se alimentar da neguentropia desse sistema. Pois o organismo, em sua “pulsão neguentrópica da vida para a vida, se estrutura de forma a adquirir energia e realiza esta tarefa com os meios que tem” (FERRI & CIMINI, 2011: 48).

Como demonstra Evandro Vieira Ouriques em sua Teoria e Terapia Psicopolítica, a passagem entre natureza e cultura no ser humano, mostra ele, emerge exatamente na identificação do bebê com a escuta intrauterina da voz da mãe, e até, claro, da voz-do-pai e substitutos. Em sua estância de pesquisa pós-doutoral sênior no Departamento de Filosofia da Universidade de Paris 8, em 2023-2024, Ouriques está mostrando como é que o ser humano se orientara e é estimulado no seu desejo de continuar a afirmar o seu conatus, de continuar no seu processo de *autorregulação*, de manifestação de sua *singularidade*. O que exige, em suas palavras, como Ferenczi percebeu de forma pioneira em 1928 no pensamento ocidental, que a mãe/família se adapte à criança, para o que é obrigatória a requalificação terapêutica da capacidade de julgar da família.

E Ouriques prossegue:

é a prosódia, a música e a métrica, que o bebê ouviu durante a sua vida intrauterina, que lhe permite, na vida aérea, escolher entre as diversas vozes que lhe são oferecidas. Se ele ouviu amor, empatia, alegria, celebração, gratidão, respeito, crescerá coerentemente com sua condição comunicacional. Caso contrário, ele crescerá traumatizado. Ele poderá desenvolver, assim, um transtorno mental, com trágicas consequências psicopolíticas, pois é na sua relação com essa massa sonora, e com os estados mentais daqueles que a geram, que ele modelará sua apropriação da língua, absorvendo os recursos fonéticos e a estrutura prosódica, a ligação som-significado e os modos de produção da língua em que emerge, sincronizando assim gradativamente os

movimentos táteis e os movimentos sonoros, nesta vida do som, que, como se sabe, inclui fase do prazer da recepção auditiva ser simultânea ao prazer da emissão. (...) Assim, desrespeitar psicopoliticamente a *condição comunicacional do ser humano* provoca traumas como abuso emocional, abuso físico, abuso sexual, convivência com dependente químico, convivência com familiar doente mental, mãe testemunha de tratamento violento, familiar encarcerado, separação ou divórcio dos pais, negligência emocional, negligência física, etc., traumas que têm uma relação clara com os traumas de ordem econômica, social e abusos e negligências políticas (Ouriques, 2023: 12).

Como veremos em detalhe no próximo capítulo, por isso que

a superação de traumas [de acordo com a Teoria e Terapia Psicopolítica] só é possível através da requalificação filosófica terapêutica do psiquismo, portanto através da requalificação terapêutica da capacidade de julgar, expondo no processo clínico, o ser humano, incluindo redes de sujeitos como equipes e grupos, a relações de empatia, o que permite, como Ferenczi conceituou, como *Einführung*, “sentir [o ser humano] por dentro” (*id.*: 15).

Caso contrário, o organismo deixa de modular coerentemente com o que necessita para sobreviver, demonstrando que o seu sistema somatopsíquico tornou-se disfuncional. Como dito anteriormente, Reich denominou essa disfunção de *encouraçamento*. A formação da couraça depende das condições as quais esse sistema precisou se proteger e se adaptar para sobreviver aos conflitos impostos a ele.

Carnero (2012) traz como exemplo outro notável postulado de Reich, sobre a motilidade da substância viva, em que esta possui propriedades tais como um sistema coloidal, isto é, são capazes de modificar sua estrutura físico-química com o objetivo de se tornar menos suscetível à dispersão, à deformação etc. de maneira a conservar sua existência. Ele cita o exemplo da clara de ovo, que quando submetida ao calor -uma mudança ambiental- rapidamente densifica e enrijece sua estrutura geleificada. Reich apontou que, como o ovo, todo o organismo funcionaria como um sistema coloidal. No entanto, diferentemente dos sistemas não vivos, o sistema vivo se transforma por necessidade frente a determinadas condições de vida. Paradoxalmente, esse mesmo mecanismo de evitação à decomposição entrópica é o que leva o sistema a ser menos capaz de fluir com o meio, menos capaz de se alimentar de *neguentropia*. Ainda de acordo com Carnero, os sistemas vivos quando endurecidos, não se encontram em um estado de ordenação e sim de fechamento e perda de comunicação, de trocas e fluxos que implicam em aumento de entropia, ou seja, aumento de desordem, ou podemos dizer na linguagem reichiana, perda da capacidade de *autorregulação*.

Ainda que a noção de *autorregulação* esteja presente em toda obra reichiana, é importante frisar que essa concepção, mesmo com todas as associações pertinentes a ela (e as ressonâncias que proponho nesta pesquisa) possui uma “coloração” própria,

destacada pelo tema da sexualidade, que outros autores não propõem, e que fazem dela uma concepção difícil de ser compreendida. Tendo isso em mente, a *autorregulação* é, uma demonstração de confiança na natureza e nas relações humanas como fontes de vida, uma demonstração de empatia uma vez que o organismo sabe de maneira imanente, como Ouriques mostra, que a natureza da realidade é a co-dependência originária.

Como vimos no *Capítulo 1* em relação à Ética de Spinoza, podemos considerar um organismo autorregulado como aquele que consegue, da melhor forma possível, distinguir e selecionar corretamente as relações que lhe perturbam daquelas que aumentam a sua ordem; ou seja, que lhe servem como fontes de vida em meio ao caos, capazes de ampliar a sua potência de ser, pensar e agir. Como a sexualidade que, para Reich, seria como a força motora da vida, responsável pela expansão dos organismos. Reich (2003) nos apresenta uma concepção de *psiquessoma* como um *sistema orgonótico pulsante e autorregulado*, que está conectado a outros sistemas orgonóticos dentro de um sistema orgonótico ainda maior e mais abrangente no qual todos estão ligados entre si, em uma co-dependência originária, como acabo de sublinhar. Expande, portanto, do microcosmo para o macrocosmo, no sentido de integração da vida humana com a natureza e o universo. O corpo reichiano, à luz de Spinoza e Marx, por exemplo, é um contínuo corpo-natureza-sociedade:

Ao fazer circular o princípio de auto regulação do domínio biológico tradicional – onde funciona de maneira totalmente ortodoxa, cientificamente conforme e nos limites de uma concepção finalista, providencialista, da vida – para o domínio da sexualidade – que permanece o domínio do proibido, do reprimido, do maldito [...] Reich não se limita a uma simples extrapolação, a uma banal transposição ou ampliação do conceito. O vínculo extremamente forte – originário, energético, estrutural, funcional, que ele propõe entre auto regulação e sexualidade surge, no campo político, ideológico, epistemológico, onde passa a funcionar, como algo inaudito, escandaloso assombroso, subversivo, explosivo: ação de dismantelamento, ataque violento contra o sistema de crenças, atitudes, concepções e 'visões de mundo' que constituem a nossa cultura (DADOUN, 1991: 36).

O mais importante diferencial que surge com a emergência das novas ciências da vida é o entendimento por trás da concepção de *auto-organização*. Esta pressupõe que há uma ordenação em todo fenômeno vital que surge espontaneamente a partir de uma desordem inicial. Exemplifica-se pelo crescimento de uma célula dando origem à formação precisa de órgãos, pelos mecanismos de homeostase e *autorregulação* do organismo. A imunidade é o resultado do acúmulo de microrganismos dentro e fora de nossos corpos, nossa capacidade de nos relacionarmos com outras formas de vida até o nível microscópico da vida.

A termodinâmica-não-linear parte do pressuposto de que os sistemas vivos, ao contrário dos sistemas artificiais, são sistemas abertos, *vivem de sua abertura ao meio, alimentam-se do fluxo de matéria e energia que lhe vem do mundo exterior* (Prigogine I & Stengers E, 1997[“A Nova Aliança”]) e, por conta das flutuações internas causadas por esses fluxos da natureza, funcionam longe do equilíbrio. A constância dos processos biológicos é mantida com um certo grau de liberdade, dentro de limites de variação compatíveis com a preservação da vida. (Oliveira & Minayo, 2001: 143).

Se a *autorregulação* é ligada a conjuntos coordenados de ações internas que buscam espontaneamente se restabelecer energeticamente, podemos observar esse movimento em escalas tanto macroscópicas quanto microscópicas, tais como altura e peso do corpo e até a organização celular, a liberação de hormônios e suas funções de controle de cada órgão, as atividades vitamínicas e enzimáticas, etc. Via de regra, no plano biológico, a ideia de regulação está atrelada à busca de um organismo por meios de lidar com as exigências do ambiente, podendo atuar ou sofrer ações neste ambiente. O organismo, portanto, é capaz de detectar falhas em seus processos de regulação e mover forças para corrigi-las dentro dos limites da estruturação biológica humana.

Segundo Dadoun (1991), o filósofo da ciência e biólogo Georges Canguilhem denomina a *autorregulação* como um “fato biológico por excelência”. Mas foi o médico norte-americano Walter Cannon (1871-1945) quem primeiro empregou este termo específico para designar os milhares de mecanismos regulatórios dos organismos: *homeostase*, que para este último, em 1926, seria a *sabedoria do corpo*.

Segundo Bellini, a homeostase é o *exercício do corpo* (Bellini, 1993: 30) que permite um retorno do organismo um estado estacionário após alguma perturbação. Ao lado deste que é algo mais relacionado a estabilidade, há outro mecanismo que é seu contraste. A autora aponta que há outro processo relacionado ao desenvolvimento, à *autorregulação*, flexível em certos limites, que o embriologista Waddington chama de *homeorese* (ou seja, a preservação de um fluxo, de uma variação).

A *homeorese* nos traz uma compreensão de uma “sabedoria biológica”, como diz Bellini, presente em todo ser vivo. Ela significa a capacidade de um organismo autorregular-se, de “adaptar-se” às pressões do meio que vive. Essa concepção opositora da biologia reducionista emergiu em debates do meio científico na década de 1930, para construir uma abordagem totalizante e holística da biologia. Eles recorriam aos conceitos de *organização, estrutura, forma, equilíbrio, autorregulação, homeorese, paisagem epigenética*.

Tais “ferramentas” trarão ao século XX uma noção de auto-regulação diferenciada do século anterior, já que agora é possível pensar o indivíduo em termos de sua construção interna e, ao mesmo tempo, de sua evolução. O

debate de 30 então -mecanicismo x organicismo- reducionismo e globalismo, faz renascer uma noção de regulação que se inseriu[...]em outras áreas e epistemologias sem perder seu principal princípio: o de totalidade do ser vivo (BELLINI, 1993: 30).

É interessante observar que Reich começa a buscar na biologia sua base para compreensão dos fenômenos que observava em sua clínica psicanalítica exatamente nesse período citado. Nas palavras, novamente, de Bellini:

Em todos seus trabalhos, mesmo antes de falar na auto-regulação como princípio da ação do homem, sua proposição era a de que o organismo humano é permanentemente atividade, mesmo quando essa atividade tinha por objetivo a paralisia do sujeito. O homem é “emoção” – por-se para fora – característica do vivente. Assim, para Reich, como para todas as ciências biológicas modernas e contemporâneas, o organismo é conduta ou comportar-se, e o é na e pela atividade. Todo ser vivo é no e pelo movimento de se por para fora, alternando-se, se for o caso, por essa exteriorização (BELLINI, 1993: 57).

Assim como Reich, constatamos que Maturana e Varela, pesquisadores atualmente em voga na biologia desde os anos 2000, também propõem distinções na maneira como os organismos vivos funcionam em comparação com os fenômenos físicos. Trazem assim um conceito que produz ressonância com o nosso tema. Para eles, a diferença chave está em considerar os fenômenos biológicos como processos de conhecimento, transformação no tempo pela capacidade de aprendizagem, memória, resolução criativa de problemas.

A descrição anatômica de suas partes constituintes é um exercício importante para podermos conhecer as propriedades do organismo vivo, mas não é o suficiente para captar toda a complexidade do funcionamento biológico. Para além da ciência anatômica mecanicista, faz-se necessário construir um modelo de compreensão fundamentado na *autopoiese*. Uma força de “autocriação”, característica comum a todos os sistemas vivos, resultante do constante processo de equilíbrio dinâmico que compõe os seres vivos.

Estes biólogos partem do estudo da dinâmica de funcionamento da célula para desenvolverem o seu conceito. Consideram todo ser vivo como sendo simultaneamente produtor e produto, um ser autônomo que produz a si mesmo, mas sempre dependente dos outros e do ambiente para obterem recursos para se manterem em atividade. A concepção de *autopoiese* nos permite compreender a célula, simultaneamente, como estrutura e organização. Ou seja, ela possui uma membrana que define suas fronteiras e, dentro destas residem redes metabólicas - que envolvem proteínas e ácidos nucleicos – e através dessas redes a célula define a si mesma, produzindo reações em cadeia produtoras de seus próprios componentes, incluindo a própria membrana:

A formação de uma unidade sempre determina uma série de fenômenos associados às características que a definem. Podemos, então, dizer que cada classe de unidades especifica uma fenomenologia particular. Assim, as unidades autopoieticas especificam a fenomenologia biológica como a fenomenologia própria delas, com características distintas da fenomenologia física. Não porque as unidades autopoieticas violem algum aspecto da fenomenologia física - já que, por terem componentes moleculares, devem satisfazer todas as leis físicas - mas porque o fenômeno que geram ao operar como unidades autopoieticas dependem de sua organização e do modo como esta se realiza, e não da natureza física de seus componentes, que só determinam seu espaço de existência (MATURANA & VARELA, 1995: 92).

Portanto, para esses autores, na medida em que a organização autopoietica está estritamente relacionada à fenomenologia biológica, um fenômeno biológico será qualquer coisa que esteja intimamente demandando a *autopoiese* de um ser vivo. Para Maturana e Varela, a *autopoiese* é um padrão de organização comum a todos os sistemas vivos, um conjunto de relações entre seus componentes que o configura como pertencente a determinada categoria ou classe (uma flor, um animal, etc).

Já a estrutura do sistema vivo é a *corporificação* de sua organização, que independe das propriedades de seus componentes de maneira que pode ser incorporada de várias formas diferentes. Uma "asa" por exemplo, pode ser transparente e super frágil como as de uma mosca, ou pesadas e musculosas como as de um falcão. Maturana (2001) afirma que a *corporalidade* é onde a *autopoiese* acontece, onde ela existe e ocorre de modo harmônico, é através dela que o sistema vivente é possível. Para este autor,

[...] o modo de sua constituição e realização contínua é em si continuamente modulada pelo fluir do viver do sistema vivo no domínio no qual ele funciona como uma totalidade. É, por exemplo, nesse domínio operacional que um elefante existe como um elefante, e é nesse domínio operacional que nós seres humanos existimos como seres humanos. Portanto, a corporalidade e o modo de funcionar como uma totalidade são intrínseca e dinamicamente entrelaçados. De modo que nenhum deles é possível sem o outro, e ambos se modulam mutuamente no fluir do viver. O corpo se transforma de acordo com o modo do sistema vivo (organismo) funcionar como um todo, e o modo do organismo funcionar como um todo depende da maneira pela qual funciona a corporalidade (*id.*: 176).

O interesse dos biólogos está em investigar a organização comum a todos os sistemas vivos. É uma rede de processos nos quais a função de cada componente é produzir a si mesmo e participar também na produção de outros, de modo que o produto desta tarefa é a sua própria organização.

Quando falamos de seres vivos, já estamos pressupondo algo em comum entre eles - de outro modo, não os incluiríamos na mesma classe que designamos com o nome "vivos". O que não foi respondido, todavia é: "Qual é a organização que os define como classe?" Nossa proposta é que os seres vivos se caracterizam por, literalmente, produzirem-se continuamente a si mesmos - o que indicamos ao chamarmos a organização que os define de organização autopoietica (*ib.*: 84-85).

Vemos aqui uma compreensão da natureza que não deixa nada a dever para a proposta de *pensamento funcional* de Reich, exposta no *Capítulo I*: identificar as funções em comum, caminhando pelo singular até encontrar o que é comum.

Essa coordenação de tantos processos simultaneamente, nos diz os biólogos chilenos, não parte do indivíduo de forma consciente, voluntária. É o que emerge da dinâmica biológica dos próprios seres vivos, que estão continuamente se (re)fazendo a todo instante, reorganizando a estrutura em função das contingências experimentadas. Este funcionamento dinâmico e inteligente por si mesmo é a *autopoiese*, que funciona em vários níveis, desde o funcionamento da célula até mesmo as ações dos indivíduos na vida pessoal e social (comportamentos empregados em diversas situações).

Se interrompermos (em algum ponto) a rede metabólica celular, descobriremos que, após algum tempo, não teremos mais uma unidade para observar! A característica mais marcante de um sistema autopoietico é que ele se levanta por seus próprios cordões, e se constitui como distinto do meio circundante mediante sua própria dinâmica, de modo que ambas as coisas são inseparáveis. Os seres vivos se caracterizam por sua organização autopoietica. Diferenciam-se entre si por terem estruturas diferentes, mas são iguais em sua organização. Reconhecer que aquilo que caracteriza os seres vivos é sua organização autopoietica permite relacionar uma grande quantidade de dados empíricos sobre o funcionamento celular e sua bioquímica. O conceito de autopoiese, portanto, não contradiz esse corpo de dados - ao contrário, apoia-se neles e propõe, explicitamente, interpretá-los de um ponto de vista específico, que enfatiza o fato de os seres vivos serem unidades autônomas. Usamos a palavra "autonomia" em seu sentido corrente - ou seja, um sistema é autônomo se puder especificar suas próprias leis, aquilo que é próprio dele. Não estamos sugerindo que os seres vivos são as únicas entidades autônomas: certamente não o são. Mas uma das características mais evidentes dos seres vivos é sua autonomia. Estamos propondo que o modo, o mecanismo que torna os seres vivos sistemas autônomos é a autopoiese, que os caracteriza enquanto tais (*ib.*: 87-88).

Para Maturana e Varela, a estrutura do ser vivo é aquilo que determina suas condições de possibilidade, mas a organização do sistema e sua configuração seguem sempre o mesmo princípio que é a *autopoiese*, isto é, a organização e a regulação de seus próprios processos. Ou seja, há um determinismo estrutural subjacente aos processos biológicos, não no sentido de que os seres vivos sejam pré-determinados (como acreditava o pensamento mecânico), pois a estrutura muda constantemente com o fluxo que se estabelece na relação com o meio externo, em qualquer sistema que opera longe do equilíbrio.

O determinismo estrutural define as limitações materiais do corpo, por exemplo: que peixes não consigam respirar fora d'água e seres humanos não consigam respirar dentro dela. Mas a criatividade da vida é tal, que nada impede um peixe de pular fora d'água para caçar ou se proteger, e que um humano construa um pulmão artificial e

mergulhe no fundo do mar com um pé de pato. O mais importante deste conceito é definir que a determinação de um acontecimento não se dá apenas pelas forças físicas em ação, mas pela estrutura viva que recebe esta ação, a processa bioenergeticamente, e então responde de acordo com a sua própria estrutura, autodeterminado por suas condições internas, não apenas pela situação externa.

Interessante ressaltar a visão dos biólogos chilenos acerca do *determinismo estrutural*, pois muito se assemelha ao modo como Reich entende a influência da cultura na *formação do caráter*. Para os primeiros, embora os seres humanos sejam sistemas abertos, eles não são diretamente determinados pelo meio, mas determinam-se a si próprios em relação com o meio. Portanto, possuem a capacidade de apresentar um grau de regularidade apesar das constantes pressões e transformações que sofre.

Da mesma forma para Reich, a cultura e as experiências pessoais provocam uma marca na pessoa, um caráter produzido pelo meio. Mas apesar disso, o meio não atua de forma determinista, pois o cerne biológico tem o seu próprio ritmo, as suas próprias condições internas de funcionamento, que só necessitam ter as condições mínimas para atuar, que já são capazes de restabelecer a cura e o equilíbrio do próprio ser.

Na perspectiva de Maturana (2001) tudo que acontece em ou com um sistema vivo está subordinado à conservação e a manutenção dele mesmo. Os seres humanos existem devido às imbricadas condições de autopoiese que possibilitam a manutenção da vida, mas a maneira que realizam a si mesmos é continuamente modulada pelo fluxo da vida de um sistema vivo no meio. A estrutura do ser vivo não é fixa, mas está em constante interação e troca com o ambiente.

É esse movimento que mantém a unidade e a existência do sistema vivo. Essa troca constante foi denominada *acoplamento estrutural* em que os organismos vivos e o ambiente que eles habitam se modificam de maneira circular e coerente. Não se trata, portanto, de uma interação passiva e de simples trocas de informações. Há um constante movimento de trocas mútuas e novas normas sendo criadas, novas ordens, numa crescente complexificação de todas as partes envolvidas.

Numa dimensão microcós mica, podemos observar que todos os elementos que constituem os seres, desde a célula até a organização social dos seres humanos, funcionam de maneira autopoietica, determinam-se a si mesmos e se auto-organizam a partir das relações que articulam com o ambiente e com outros seres.

Na visão reichiana, o ser humano é um ser vivo que possui, biologicamente, um funcionamento autorregulado energeticamente. O bloqueio da espontaneidade própria das

emoções, que se dá por razão dos efeitos do encorajamento nos seres humanos, resulta na imobilização do organismo e na desintegração das funções biológicas. Em lugar da *autorregulação* deste organismo se instaura uma compulsividade, um modo de agir mecânico em relação às dinâmicas da vida, que se caracteriza na couraça psíquica e muscular dos sujeitos.

A conclusão que Reich alcança com essa hipótese é de que o ser humano em contato com o seu cerne energético, vital, não é capaz de pensar de modo linear, mecanicista e rígido. O modo de pensar seria flexível, correspondendo ao livre fluxo da membrana, por exemplo, seria um pensamento sistêmico. Ele também destaca o quanto os sujeitos autorregulados se organizariam em sociedade, conseqüentemente, de maneira autorregulada, quanto mais próximos estiverem das condições necessárias para tal.

Segundo Mariotti (1999), referindo-se ao pensamento de Maturana e Varela, no mundo natural há uma tendência para a constituição dos sistemas complexos. Eles se organizariam partindo de acoplamentos de sistemas autopoieticos simples para formar sistemas de ordem mais complexa. Resta saber se poderíamos aplicar essa mesma ideia para compreender os fenômenos sociais.

Se o conceito de autopoiese dos indivíduos for aplicado à organização social, esta pode ser vista como um sistema autopoietico de primeira ordem [...] sabemos que um sistema autopoietico se autoproduz utilizando para isso recursos do ambiente. Para dar continuidade a esse processo, um organismo humano, por exemplo, vai descartando suas células mortas à medida em que se renova, isto é, à medida em que continua o seu processo de autopoiese. Enquanto estiver vivo, porém, nenhuma unidade autopoietica descarta quaisquer de seus componentes vivos: não há partes prescindíveis em sistemas dessa natureza. Em consequência — e sempre mantendo a argumentação no contexto biológico —, uma sociedade só poderia ser vista como autopoietica se satisfizesse a autopoiese de todos os seus indivíduos. Logo, uma sociedade que descarta indivíduos vivos enquanto eles ainda estão vivos, e portanto atual ou potencialmente produtivos (por meio de expedientes como produção de subjetividade, exclusão social, guerras, genocídios e outras formas de violência), é automutiladora e portanto patológica[...] grande parte dessa patologia se explica pelo fato de que a mente de nossa cultura é formatada pelo pensamento linear, que propõe que as causas são imediatamente anteriores aos efeitos ou estão muito próximas deles, e afirma que essas relações ocorrem sempre no mesmo contexto de espaço e tempo (MARIOTTI, 1999: s/p).

Também podemos ver uma similaridade entre o que Reich consagrou como pensamento funcional e o funcionamento da vida segundo o biofísico contemporâneo, também inspirado por pelas ideias de Bergson e Prigogine, Henri Atlan (1992). Para este último, os sistemas vivos não são nem totalmente rígidos e estáticos (como um cristal) e nem totalmente devir, transitoriedade (como a fumaça), pois sua dinâmica os torna capazes de manter mudanças constantes e preservar a estabilidade de sua totalidade.

Para Atlan, essa refinada e exclusiva capacidade de se auto-organizar não pode ser mimetizada nem na máquina mais complexa que já existiu. No mundo físico, há somente estruturas repetitivas ou fluxos de vapor caótico tendendo ao máximo de entropia. Mas os seres vivos são essa estranha e única combinação: vapor em ebulição e estrutura ordenada ao mesmo tempo.

As organizações vivas são fluidas e móveis. Qualquer tentativa de fixá-las - no laboratório ou em nossa representação - faz com que caiam numa ou noutra de duas formas de morte. Oscilando "entre o fantasma e o cadáver" (*between the ghost and the corpse*): foi assim que a organização de uma célula viva se afigurou ao biólogo D. Mazia, que descreveu seus esforços de vários anos para isolar uma estrutura celular que desempenha um papel particularmente importante nos mecanismos da reprodução. Por sua estrutura lábil, ela lhe escapava decompondo-se, e, quando ele conseguia fixá-la, estava morta. Qualquer organização celular, portanto, é feita de estruturas fluidas e dinâmicas. O turbilhão líquido - destronando a ordenação do cristal - se transformou ou retransformou em seu modelo, do mesmo modo que a chama da vela, em algum ponto entre a rigidez do mineral e a decomposição da fumaça. Mesmo assim, não é impossível representá-la. Podemos falar dela. Podemos tentar descrever sua lógica. Um dos méritos dessas tentativas é ter formulado uma pergunta: que querem dizer os atributos "organizado" e "complexo" quando aplicados a sistemas naturais, não totalmente dominados pelo homem, por não terem sido construídos por ele? Foi aí que duas noções opostas, a de repetição, regularidade e redundância, de um lado, e a de variedade, improbabilidade e complexidade, do outro, puderam ser destacadas e reconhecidas como ingredientes que coexistem nessas organizações dinâmicas. Estas, portanto, surgiram como compromissos entre dois extremos: uma ordem repetitiva, perfeitamente simétrica, cujos modelos físicos mais clássicos são os cristais, e uma variedade infinitamente complexa e imprevisível em seus detalhes, como a das formas evanescentes da fumaça (ATLAN, 1992: 9).

Essa sabedoria dos organismos acumulada ao longo da história da humanidade não deveria ser descartada, principalmente no âmbito de pesquisa e produção do conhecimento. Se pensarmos nas funções básicas de sobrevivência, já percebemos o quão complexo foi o processo evolutivo para chegar a tal nível de sofisticação e organização. Tudo ao mesmo tempo em que interage com outros seres, meio ambiente, trocas com outros sistemas vivos, lidando com diversas influências e compensando desequilíbrios. Atlan nos chama a atenção para a diferença mais reconhecida entre as "máquinas artificiais" e as "máquinas naturais" que é a "aptidão dessas últimas para integrar o ruído" (ATLAN, 1992: 37). E avança:

Por isso, é interessante nos indagarmos de que modo a lógica dos sistemas abertos auto-organizadores, onde um acaso organizacional, expresso num princípio de complexidade através do ruído [...] desempenha um papel cada vez mais evidente, pode ser estendida ao campo em que os princípios de organização da matéria viva parecem ter-se aplicado com um máximo de complexidade, requinte e eficácia, a saber, nosso funcionamento psíquico. Muito esquematicamente, esse princípio implica que a redundância e a confiabilidade de um sistema complexo lhe permitem, a partir de um certo valor desses parâmetros, reagir a agressões aleatórias - habitualmente

destrutivas para os sistemas mais simples - através de uma desorganização resgatada, seguida de uma reorganização num nível de complexidade mais elevado, sendo este medido por uma maior riqueza de possibilidades de regulação, com adaptação a novas agressões do ambiente (*id.*: 114-115).

O ser humano como uma máquina natural difere, constitutivamente, das máquinas mecânicas artificiais, justamente por capacidade de assimilar o ruído, se autorregulando de acordo com as condições do seu ambiente *psicobioenergeticossocial*.

Temos essa constatação ao observar o funcionamento involuntário dos organismos. Não precisamos controlar minuciosamente cada movimento de nosso corpo, como o batimento do coração, pois já nascemos com uma aptidão para autorregular cada mecanismo de manutenção do corpo, como a nutrição, digestão, metabolismo etc. Não paramos de respirar quando dormimos ou quando estamos inconscientes e portanto, muitas vezes ignoramos este fato simples, porém importantíssimo: somos seres que respiram e a qualidade dessa respiração está ligada a como o organismo está reagindo ao ambiente, seus estados emocionais.

Ainda segundo Atlan, existe uma dimensão auto-organizadora que faz parte do “querer” inconsciente, pois é na totalidade do ser que as coisas se fazem:

[...]processos reguladores ou auto-organizadores, normalmente inconscientes, que constituem o verdadeiro querer, produz o que chamamos desvelamentos do inconsciente, ao passo que, simetricamente, como dissemos, a irrupção de subprogramas exibidos como memória em meio a esses processos define o que chamamos consciência voluntária. Assim, o querer inconsciente surge, portanto, como uma característica absolutamente geral de todos os organismos vivos [...]. Assim, a vida do inconsciente não pode ser reduzida a um fenômeno secundário, resultante do recalçamento e da censura de desejos e ilusões já meio conscientes, que seriam, por sua vez, os fenômenos primários. Ao contrário, o querer inconsciente, conjunto dos mecanismos pelos quais nosso organismo inteiro reage às agressões aleatórias e à novidade - bem como a sua eventual repetição, além disso -, é o fenômeno primário que caracteriza tanto nossa organização estrutural quanto funcional (*ib.*: 120-121).

Ele nos mostra, portanto, que o que configura a propriedade de *auto-organização* é a capacidade dos sistemas de se servirem das perturbações aleatórias que sofrem sem se desorganizar, conseguindo, ao contrário disso, produzir novas formas, aumentando a complexidade e continua a funcionar. Mesmo que esses estímulos desorganizadores surjam do exterior do sistema, por serem aleatórios, não possuem relação causal. Então o sistema reage às perturbações se auto-organizando através do ruído.

Atlan também nos chama atenção que as propriedades de *auto-organização* não são aplicáveis somente ao desenvolvimento de organismos individuais, mas de sistemas sociais e também em processos de aprendizagem, particularmente a aprendizagem não dirigida. (*educação autorregulada*, em termos reichianos).

Trata-se, nesse caso, de aprender coisas localmente novas sem a ajuda de um professor, ou seja, essencialmente a partir da experiência. Também nesse ponto esbarramos no mesmo tipo de paradoxo: como aprender pela experiência coisas totalmente novas? Também aqui, a aquisição de conhecimentos é um processo de aumento da quantidade de informação. Mas a novidade absoluta nos é estranha e, portanto, não pode ser integrada em nosso sistema cognitivo. É preciso que já se encontre nele algo que possa integrá-la; mas, então, não se trata, nesse sentido, de uma novidade total. Esse paradoxo pode ser resolvido se admitirmos que um certo grau de aleatório é necessário para que haja aumento real, de tal modo que o que é aprendido e adquirido seja realmente novo, e não uma simples repetição do que já é conhecido. Por esse ponto de vista, a novidade absoluta provém do caráter indeterminado de estímulos que, desse modo, desempenham o papel de perturbações aleatórias do sistema que afetam. A aquisição de novos conhecimentos através da experiência é, portanto, um caso particular de aumento da informação sob o efeito do ruído (*ib.*: 141).

CAPÍTULO 3

A Autorregulação e a Teoria e Terapia Psicopolítica

Não há anjos revolucionários de um lado e diabos reacionários de outro. Não há capitalistas ávidos de um lado e trabalhadores generosos de outro. Para que a sociologia e a psicologia de massas possam vir a funcionar como verdadeiras ciências, é preciso que se libertem da maneira de ver tudo como branco ou preto, maneira esta própria da política. Têm de mergulhar no caráter contraditório do homem que teve uma educação autoritária, procurar a reação política no comportamento e na estrutura das massas trabalhadoras, para então contribuírem para a sua articulação e eliminação. Não é necessário acentuar o fato de que os verdadeiros sociólogos e psicólogos de massa não podem excluir a si próprios do processo (REICH, 1988: 208).

A Teoria e Terapia Psicopolítica, enunciada em 2004 por Evandro Vieira Ouriques, cientista político, filósofo e orgonoterapeuta, surge da convergência transdisciplinar entre diversos campos de conhecimento, a partir da ciência política, arte, psicologia, comunicação e filosofia, objetivando a compreensão (também muito buscada por Reich) do que inclina os sujeitos à servidão voluntária, expressa por exemplo na ação orientada inconscientemente pelos mesmos valores que os sujeitos dizem querer superar no plano que chamam de “social”, de “político”, de “econômico”, e de como é possível superar esta tendência de comprometimento do *território mental* (OURIQUES, 2009):

Esta doença, digo eu, é o comprometimento da capacidade de julgar, na qual o ser humano, ao questionar o caráter emancipatório ou não do perceber que percebe o que percebe, torna-se capaz de fazer o mundo lhe falar de maneira favorável, evitando a areia movediça formada pela convergência das violências privadas, estatais e estruturais- que provocam o único e comum horizonte ontológico da redução do ser. Dito de outra forma, o problema é a qualidade emancipatória ou não da capacidade de julgar com a qual se referencia a ação, “pois a palavra do pensar reside em trabalhar pela lucidez aquilo que ela diz”(…) tornando-nos reprodutores ou não dos regimes de servidão (OURIQUES, 2022: 58).

De acordo com Carlos del Valle Rojas, no prefácio do livro *Teoria Psicopolítica: a emancipação dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura*, de Ouriques, e que abriu a Colección Teoría Psicopolítica¹⁰, que

"Desde las décadas de los 60 y 70 que no es posible encontrar en América Latina una Teoría Social propia y inspiradora. Es que nuestro continente es principalmente contexto, territorio fértil para los ensayos teórico-sociales, especialmente desde Europa o Norteamérica. Y no es que la simbiosis *logos-geo* no sea en si misma altamente productiva. De hecho, ¿cuánto debemos a esta relación! O dicho de otra manera, cuántas teorías sociales europeas han visto en América Latina no sólo la posibilidad de nuevas explicaciones (por tanto, nuevas teorizaciones), sino también la inspiración. En este contexto, la Teoría Psicopolítica de Evandro Vieira Ouriques constituye un hito esperanzador para las Ciencias Sociales y Humanas, que con tanta frecuencia deben recurrir con cierta desesperación a modelos explicativos para abordar la

¹⁰ <https://ufrj.academia.edu/EvandroVieiraOuriques/Colección-Teor%C3%ADa-Psicopol%C3%ADtica>

complejidad social y cultural. (...) la Teoría Psicopolítica (...), a diferencia de otros esfuerzos, no sólo agrega un diagnóstico -tan crítico como desesperanzador-, sino también un esfuerzo por reivindicar el compromiso emancipatorio de las ciencias sociales y humanas”¹¹ (DEL VALLE, 2017: 16-17).

Nele Ouriques, cujo núcleo de pesquisa na UFRJ já era transdisciplinar até no título desde 1984, nos mostra, logo de início, que sua proposta difere das demais abordagens psicopolíticas, no que tange pelo menos três diferenças:

1. não é um discurso moralista sobre o mundo;
2. não é um pensamento crítico apenas em relação ao capitalismo avançado, cognitivo ou neoliberal, como se este fosse o mal do mundo em si, mas em relação a todos os regimes de servidão, que são sustentados por opressores e oprimidos e oprime a ambos, pois os sequestram de sua condição comunicacional. [...]
3. não supõe que as operações psicopolíticas sejam algo recente, mas apenas que a reflexão sobre elas, dada a cegueira provocada pelo dualismo, é que são recentes [...] (OURIQUES, 2017: 27).

De maneira muito ressonante com a teoria reichiana e influenciada também por ela, Ouriques nos aponta que para melhor compreender a Teoria e Terapia Psicopolítica¹², e portanto de experimentar a emancipação frente aos regimes de servidão, é necessário abrir mão da reificação da dualidade primária, ou seja, da dualidade primeira na qual a vida se manifesta e centrar-se na não-dualidade que subjaz à referida dualidade primária.

Em sua busca pela emancipação, Ouriques desde cedo interessou-se pelas epistemes na diáspora que tratam da não-dualidade, como as filosofias do Taoísmo, do Vedanta, do Budismo Mahayana e do pensamento pré-hispânico (Ouriques, 2011) dos povos originários da América Latina. Neste sentido, transitando seguidamente entre várias áreas encontrou como ponto de convergência estável entre estas epistemes a *condição comunicacional do ser humano*.

Trata-se assim de um esforço imenso, gradativo, ao longo do qual, para ele, o sujeito tem a oportunidade de humilhar-se, pela necessidade de acolher, sem auto-

¹¹ Tradução da autora: “Desde as décadas de 60 e 70 não foi possível encontrar uma Teoria Social própria e inspiradora na América Latina. Acontece que o nosso continente é sobretudo contexto, território fértil para ensaios teórico-sociais, especialmente da Europa ou da América do Norte. E não é que a simbiose logos-geo não seja em si altamente produtiva. Aliás, quanto devemos a esta relação! Ou dito de outra forma, quantas teorias sociais europeias viram na América Latina não apenas a possibilidade de novas explicações (portanto, novas teorizações), mas também de inspiração. Neste contexto, a Teoria Psicopolítica de Evandro Vieira Ouriques constitui um marco esperançoso para as Ciências Sociais e Humanas, que tantas vezes devem recorrer com algum desespero a modelos explicativos para abordar a complexidade social e cultural. (...) A Teoria Psicopolítica (...), ao contrário de outros esforços, não só acrescenta um diagnóstico – tão crítico quanto desesperador – mas também um esforço para reivindicar o compromisso emancipatório das ciências sociais e humanas”

¹² Ancorada no Núcleo de Consciência, Teoria e Terapia Psicopolítica / Escola de Comunicação / Centro de Filosofia e Ciências Sociais / Universidade Federal do Rio de Janeiro, criado em 1984.

comiseração e sem deixar-se parar de transformar-se, as próprias limitações e assim de tornar-se mais compassivo em relação às limitações dos outros e, então, amorosamente firme na ajuda que seja possível para o avanço da consciência da não-dualidade, pois é a insistência na dualidade que produz todos os problemas. Como é o caso de imaginar-se que existiria um sujeito e uma sociedade, um corpo e uma mente, como duas realidades absolutamente externas uma à outra.

Este esforço deliberado e movido pela força da vontade, de acordo com Ouriques, o que sincroniza com o entendimento reichiano da *autorregulação*, é vital, pois é a terapia filosófica do *território mental* que determina a qualidade do que se vive nos territórios, inclusive, portanto, das políticas públicas e de todas as outras intervenções que neles se façam, sejam elas sociais, alternativas, espiritualistas, artísticas, etc.

Esta requalificação demanda, concordo com Nietzsche neste ponto crucial, uma *medicina da cultura*, uma *filosofia médica*, fisiopsicológica, portanto um *pensamento respiratório*, como sustento com a teoria e terapia psicopolítica na longa conversa clínica que mantenho com o Yoga e a Yogaterapia, que promova a dessubstancialização da existência independente da consciência da co-originação dependente (...) (OURIQUES, 2022: 54).

Assim, a Teoria e Terapia Psicopolítica criada por Ouriques demonstra que é através da tomada de consciência, inclusive respiratória, realizada pelos sujeitos de modo relacional, portanto ontológico, epistemológico, teórico e vivencial acerca da qualidade de seus estados mentais (complexos de pensamentos-afetos-percepções, portanto pós-platônicos), se estão orientados para a emancipação ou não. Os estados mentais são a fonte de referência para a capacidade de tomar decisões, de julgamento:

Esta é a questão central da Teoria [e da Terapia] Psicopolítica: superar a obediência, pois a insistência na crítica aos processos de dominação não resultou na emancipação que se esperava. No caso da barbárie neoliberal, o ser humano opta por ser servo por sua própria deliberação, por sua vontade prometeica de modernidade empreendedora. O que interessa, portanto, é que a emancipação 'é operador da vontade do sujeito' (...), pois a liberdade é a "potência do agir" (...), a potência expansiva que demanda que o ser humano apoie-se em outros para expressá-la, processo que lhe oferece ou o caminho da força do convencimento e ou da força da comunicação. Trata-se portanto do fato de que estabelecer a justiça e a injustiça das ações depende da capacidade de exercer a vontade individual, o que só é possível de fazer em rede, à qual se dirigem as operações psicopolíticas, e assim de superar os estados mentais do orgulho, da ambição e da vaidade que configuram a 'guerra de todos contra todos' da *superbia vitae* hobbesiana; e, assim, de confirmar uma retidão no psiquismo e nas instituições, ou seja, na vida pessoal e na ordem social, pela qual é possível a construção de figuras de felicidade, vale dizer, da felicidade que instituiu o ser humano em sua condição comunicacional, vale dizer como ser de linguagem na escuta da voz da mãe. É por operar a partir da verdade desta condição de predisposição é que as operações psicopolíticas são capazes de produzir globalmente a mentira (OURIQUES, 2017: 279-280).

No *Capítulo 1*, vimos como a tessitura teórica plural de Reich nos indica o empenho dele em produzir um corpo de conhecimento comprometido em buscar soluções para problemas de diversas ordens, não importando como ele seria recebido por seus críticos. Apesar de ter se afastado do campo político após suas seguidas expulsões dos partidos comunistas a que se afiliou, Reich nunca deixou de lado a importância de desconstruir as fronteiras entre o psíquico e o político. “Se as minhas observações científicas tiverem a capacidade de conduzir a uma organização melhor das condições humanas, o objetivo do meu trabalho será atingido” (REICH, 1975: 15).

Como médico psicanalista, Reich pesquisou a fundo as questões sociais do seu tempo, implicadas na formação da singularidade dos sujeitos e na própria etiologia das neuroses, seu principal foco de trabalho analítico. Para o autor, somente conhecendo bem o funcionamento da vida viva nos indivíduos é que podemos compreender a ideia de uma organização social fundamentada no respeito aos fluxos próprios da vida e da natureza. A tentativa de fazer dialogar processos biológicos e sociais é a principal característica do trabalho reichiano, algo fundamental para a superação das dicotomias corpo-mente e natureza-cultura, na construção de um saber integrador em amplos sentidos.

Na ótica reichiana há o reconhecimento que há muito tempo os seres humanos perderam a capacidade de entrar em contato consigo próprios e perceber seus fluxos orgânicos e ritmos naturais, a sabedoria do corpo que se expressa na *autorregulação*. Esta força imanente a todo ser vivo, que poderia prevalecer, caso não houvessem os obstáculos que a impedem de se estabelecer. Tendo passado por um processo milenar de repressão das pulsões mais elementares, o sujeito hoje tem dificuldade de se auto-perceber e expressar a sua singularidade. Consequentemente, não se reconhece como sujeito potencialmente autônomo e emancipado, capaz de realizar a sua própria *autorregulação*.

Exatamente neste mesmo sentido, Ouriques mostra que é

no exercício da razão esclarecedora, da razão com sabor de mel, que escuta *alétheia*, que o ser humano pode desistir de compreender a vida como um empreendimento vazio, vazio, absurdo e sem valor, para o qual seria urgente instaurar um sentido, propósito, justificação, cura, salvação, enfim, uma redenção qualquer, o que no limite chama os fundamentalismos e seus autoritarismos, seja dos econômicos aos religiosos que, todos, têm o mesmo fundamento devocional perverso. É da mesma forma, e no mesmo sentido, que o ser humano liberta-se de conformar-se com o sofrimento de aceitar a própria vida sem qualquer sentido ou justificação, o que implica, como muitos que seguem a razão instaurativa pensam, rejeitar a necessidade de toda e qualquer forma de salvação, redenção ou terapia. Se há quem defenda que a terapia de Nietzsche se configurará, essencialmente, como uma terapia da própria terapia, o processo terapêutico clínico como o conduzo, fundado na *condição comunicacional do ser humano* e que conversa amplamente com a *alétheia* de

Heráclito e a razão com sabor de mel que nos é trazida por Loundo¹³, assim como com a Escola de Kyoto¹⁴, (...) permite superar a ineficácia e os efeitos secundários de terapias anteriores, mas, principalmente, e a um nível mais profundo, a eliminação da desolação e desamparo daqueles que estão convencidos da necessidade de eliminar a própria necessidade de toda e qualquer forma de terapia diante de um sofrimento insuperável gerado, como disse anteriormente, por rebelar-se contra a realidade de nascer e morrer sem controle (OURIQUES, 2022: 55).

A "civilização da máquina" tenta negar exatamente o aspecto animal do ser humano, ou seja, de um organismo que aparece e desaparece sem controlar tal dinâmica, e procura exaltar que não seríamos também animais. Com isso, as culturas humanas, pautadas em diferentes sistemas sociais, seja no neoliberalismo, comunismo, cristianismo, fascismo, etc., contribuem para a

[...] supervalorização do intelecto, do "puramente" mecanicista; da lógica e da razão, em oposição à pulsão; da cultura em oposição à natureza; do espírito em oposição ao corpo; do trabalho em oposição à sexualidade; do Estado em oposição ao indivíduo, do homem superior em oposição ao homem inferior. Como se explica que, entre os milhões de pessoas que dirigem automóvel ou ouvem rádio, só muito poucas conheçam os nomes dos seus inventores, enquanto todas as crianças sabem os nomes dos generais da peste política? A ciência natural reforça no homem a convicção de que ele não é mais do que um verme no universo. O político propagador da peste insiste constantemente no fato de que o homem não é um animal, mas sim um "zoon politicon", isto é, um não-animal, um portador de valores, um "ser moral". Quantas desgraças não tem provocado a filosofia platônica do Estado! São evidentes os motivos por que o homem conhece melhor os políticos do que os cientistas: não quer que lhe recordem que é, no fundo, um animal sexual: não quer ser um animal (REICH, 1988: 259).

Reich aponta que esta trágica dualidade primária, ou seja, que se apresenta de forma primeira, existente entre a "organização biológica" e a "organização técnica"; ou seja, entre aquilo que podemos considerar vitalmente vivo e aquilo que é "mecânico" no ser humano, aparece de modo bem explícito no fenômeno da guerra. No contexto da primeira guerra mundial, ninguém desejava a guerra. Todos, sem exceção, foram suas vítimas, como se ela fosse um monstro autômato que paira sobre nossas cabeças. No entanto, são os próprios indivíduos rígidos em suas estruturas psicorporais que exercem essa monstruosidade, resultado da falta de contato com aquilo que é referente ao vivo em si mesmo, com os fluxos da vida de seu organismo.

Tanto o mecanicista quanto o místico se situam dentro dos limites e leis conceituais de uma civilização que é governada por uma combinação contraditória e assassina de máquinas e deuses. Essa civilização forma as estruturas mecanicistas e místicas dos homens; e as estruturas de caráter mecanicista e místico não param de reproduzir uma civilização mecanicista e mística. Tanto os mecanicistas quanto os místicos se encontram no interior do arcabouço da estrutura humana numa civilização condicionada pelo

¹³ Loundo, Dilip (2022). Razão com sabor de mel: ensaios de filosofia indiana. Editora PHI: Campinas.

¹⁴ <https://plato.stanford.edu/entries/kyoto-school/>

mecanicismo e pelo misticismo. Não conseguem captar os problemas básicos dessa civilização porque seu pensar e sua filosofia correspondem exatamente à condição que projetam e continuam a reproduzir. Para entender o poder do misticismo, basta pensar nos conflitos mortais entre hindus e muçulmanos na época em que a Índia foi dividida. Para compreender o que significa a civilização mecanicista, pensem na "era da bomba atômica"(REICH, 2003: 12 [grifo do autor]).

As consequências desta razão instaurativa do Ocidente hegemônico faz os indivíduos se adaptarem ao um novo modo autoritário, e portanto não-comunicacional, de estar no mundo, o que ocorre, de acordo com Reich, na repressão das emoções e da sexualidade das crianças e adolescentes. Este encouraçamento dos indivíduos, que funciona contra a dinâmica de movimento da vida, produz uma cultura concebida como totalmente desconectada da natureza.

A repressão da natureza, do "animal" nas crianças, foi e continua sendo a principal ferramenta na produção de indivíduos mecânicos. O desenvolvimento socioeconômico da sociedade prosseguiu até os nossos dias no seu curso mecânico, de modo independente. A par dele, desenvolveu-se e ramificou-se a base de todas as ideologias e formações culturais: "Não à sexualidade genital" e "não à animalidade". Com estes dois processos, o social e o psicológico, tornou-se cada vez mais acentuado e abrangente o esforço do homem para se dissociar de sua origem biológica. Simultaneamente, ia-se tornando também mais acentuada e abrangente a brutalidade sádica nos negócios e na guerra, o aspecto mecânico na essência humana, a ambiguidade em sua expressão facial, a couraça contra os sentimentos, as tendências perversas e criminosas (REICH, 1988: 260).

Como a sociedade e as instituições são formadas por indivíduos em rede (ou seja, psiquismos em rede), como sustenta Ouriques, seguindo Gabriel Tarde, observamos a forma como o âmbito psíquico se relaciona com o âmbito político. Na concepção reichiana, os processos vitais dos organismos compõem as relações sujeito-sociedade. A sua perspectiva teórico-prática é restabelecer a *autorregulação* dos sujeitos e os vínculos desse princípio com o trabalho, o conhecimento e o amor. Afinal, a própria vida é em si um processo constante de movimentos autorregulatórios perseverantes na existência.

Considerando sua herança marxista, ainda bastante pautada na luta de classes, Reich vai além e amplia essa dimensão com suas investigações biológicas. Sendo assim, o que ele denominou de *Democracia do Trabalho* não pode ser somente um programa político, nem uma nova ideologia. Entendia como sendo uma necessidade da humanidade, ou seja, um fato biológico. A emancipação encontra uma formulação de base imanente, visceral, orgânica, pois pode ser experimentada pelas percepções biofisiológicas profundas, presente já nas fases iniciais do desenvolvimento, ou seja, a nível celular e energético, pré-verbal.

Para Reich, anteriormente à cognição racional (por meio da *representação* ou do *símbolo*), experienciamos o mundo através das *sensações de órgão*, que são para ele mais “confiáveis” quanto mais “saudável” for o organismo. Ou seja, o organismo faz uma leitura dos estímulos que está recebendo do ambiente, processa informações através das emoções e então pode responder a estes estímulos. Através da sensorialidade conhecemos o mundo que nos cerca e formulamos teorias sobre ele. Nesse sentido, Reich também construiu uma teoria do conhecimento.

Mas a visão ocidental hegemônica dualista, capturada pela reificação da dualidade primária, como mostrado Por Ouriques anteriormente, entranhou-se de tal forma nos indivíduos, que tornou-se não somente uma perspectiva ontológica e epistemológica mas, exatamente por isto, a maneira como os indivíduos vivem e agem no mundo, equiparados a uma máquina.

O *cogito* cartesiano, como passou a ser chamado, fez com que Descartes privilegiasse a mente em relação à matéria e levou-o à conclusão de que as duas eram separadas e fundamentalmente diferentes. Assim, ele afirmou que "não há nada no conceito de corpo que pertença à mente, e nada na idéia de mente que pertença ao corpo". A divisão cartesiana entre matéria e mente teve um efeito profundo sobre o pensamento ocidental. Ela nos ensinou a conhecermos a nós mesmos como egos isolados existentes "dentro" dos nossos corpos; levou-nos a atribuir ao trabalho mental um valor superior ao do trabalho manual; habilitou indústrias gigantescas a venderem produtos — especialmente para as mulheres -que nos proporcionem o "corpo ideal"; impediu os médicos de considerarem seriamente a dimensão psicológica das doenças e os psicoterapeutas de lidarem com o corpo de seus pacientes. Nas ciências humanas, a divisão cartesiana redundou em interminável confusão acerca da relação entre mente e cérebro; e, na física, tornou extremamente difícil aos fundadores da teoria quântica interpretar suas observações dos fenômenos atômicos [...] Descartes baseou toda a sua concepção da natureza nessa divisão fundamental entre dois domínios separados e independentes: o da mente, ou *res cogitans*, a "coisa pensante", e o da matéria, ou *res extensa*, a coisa extensa". Mente e matéria eram criações de Deus, que representava o ponto de referência comum a ambas e era a fonte da ordem natural exata e da luz da razão que habilitava a mente humana a reconhecer essa ordem. Para Descartes, a existência de Deus era essencial à sua filosofia científica, mas, em séculos subseqüentes, os cientistas omitiram qualquer referência explícita a Deus e desenvolveram suas teorias de acordo com a divisão cartesiana, as ciências humanas concentrando-se na *res cogitans* e as naturais, na *res extensa* (CAPRA, 1986: 45-46[itálicos do autor]).

Na análise reichiana, observamos facilmente como os indivíduos pensam, sentem e julgam o mundo de acordo com as suas visões impregnadas e “encouraçadas”, pois estão cindidos em seu funcionamento espontâneo e essa cisão, portanto dualista, é danosa, visto que não há nenhuma relação que não seja política, já que “toda experiência humana é a combinação do psíquico com o político” (OURIQUES, 2017: 368). Como nos mostra ainda mais Ouriques,

é-aí, no exercício terapêutico de requalificar a capacidade de julgar, que então se desloca gradativamente para uma vontade fundada em uma ontologia não-dual, ou seja, no entendimento do sentimento de comunhão universal onde a *vontade* e o *conhecimento* se reconciliam pela consciência do reencontro (...) entre a noção budista de 'co-originação dependente' (*pratītyasamutpāda*), que aponta para a constitutividade mútua entre os entes, e a noção hindu de 'co-operação solidária' (*parasparopakāryopakāra*), que aponta para a amorosidade mútua entre os seres, como é evidente na *condição comunicacional do ser humano*: pois *é-aí* o lugar do amor, o ser-amor-aí, este outro nome da justiça social, da equidade econômica e da segurança ambiental, referência para a capacidade de julgar que gera as ações que nos unem ao bem de nossas famílias, amigos, colegas, vizinhos, comunidades, países, enfim, ao bem de toda a humanidade (...); pois aí, nesta *condição*, a *comunicacional*, que a substância originária do universo, "o poder de realização da identidade entre sujeito e objeto" (...), se faz mais presente, de modo transcultural, no espaço e no tempo. É no exercício deste poder de realização da identidade entre sujeito e objeto, entre eu e você, entre nós e as coisas, quando desaparecem as ilusões da subjetividade, e portanto abandonamos nosso si mesmo nos tornando puramente objetivos é que "mais e mais profundo se torna o nosso amor», isto é, a nossa experiência de comunicação, quando somos mais do que as mães uns dos outros, mas somos parceiros uns dos outros (OURIQUES, 2022: 63-64).

Evitar este entendimento é danoso não somente a nível individual, mas também a nível coletivo, visto que o ocultamento da "vida privada", da chamada "vida psíquica", feito pela teoria cultural e a filosofia que ainda prevalecem, resultou na ideia metafísica de que os seres humanos só poderiam ser controlados por algo que estaria fora, acima de nós, quando observamos que a experiência da religião já se mostrou incapaz de fazê-lo.

A dilacerante tensão existente entre o campo individual e o campo coletivo é, ainda segundo Ouriques (2017), o resultado desta ontologia e epistemologia dualistas, que prevalecem no Ocidente há mais de dois mil anos. "O dualismo [...] neste sentido produz a impossibilidade da complementaridade dos opostos mente-corpo, mente-desejo, indivíduo-coletivo, etc. que impede o processo vital." (*id.*: 41).

Reich denunciou ao longo de toda sua obra o aspecto dualista da cultura ocidental hegemônica, que ele denominava de *pensamento mecanicista*, um sistema de pensamento que categoriza a natureza, como dito anteriormente, com as mesmas propriedades e leis constituintes das máquinas. Sua tentativa de superar esse paradigma reducionista resultou na construção de um referencial teórico próprio que considerava uma "racionalidade não dualista", por assim dizer, uma racionalidade construída no encontro não dual entre razão e afeto.

O dualismo mecanicista se encontra de tal forma impregnado na mentalidade coletiva do Ocidente que é tarefa difícil tentar agregar outras epistemes (como pudemos ver em relação a Reich e às diversas difamações a seu respeito, até a sua prisão pelo governo americano e a queima de seus livros).

É por isso que a percepção reichiana sobre todos os organismos vivos serem dotados de uma capacidade de autorregular-se fica ainda mais interessante, do ponto de vista ontológico, epistemológico, teórico, metodológico e vivencial, por ser uma perspectiva guiada pela imanência. Para Reich, haveria uma “moralidade natural” no ser humano, fundamentada naquilo que podemos chamar de uma sociabilidade inerente ao ser. Em suas palavras:

a moralidade funciona como obrigação. É incompatível com a satisfação natural dos instintos. A auto-regulagem segue as leis naturais do prazer; não apenas é compatível com os instintos naturais: é, funcionalmente, idêntica a eles. A regulagem moralista cria uma aguda e irreconciliável contradição psíquica, i.e., a moralidade contra a natureza. Intensifica assim o instinto e este, por sua vez, necessita de uma defesa moral aumentada. Impede uma circulação eficiente da energia no organismo humano. A auto-regulagem elimina a energia de um desejo irrealizável, transferindo-o para um objetivo diferente, ou para outro companheiro. Alternando constantemente entre tensão e relaxação, é coerente com todas as funções naturais. A estrutura psíquica moída pela moralidade compulsiva realiza perfunctoriamente o seu trabalho, governada por um "dever" estranho ao ego[...]. A estrutura psíquica moralista abertamente adere às rígidas leis do mundo moralista; exteriormente adapta-se a elas; e interiormente revolta-se. Uma pessoa com semelhante estrutura está constantemente à mercê de inclinações anti-sociais -de natureza tanto compulsiva como impulsiva. A pessoa com uma estrutura auto-regulada e não se adapta à parte irracional do mundo; insiste na satisfação dos seus direitos naturais. Parece doente e anti-social aos moralistas neuróticos. Na realidade, é incapaz de praticar ações anti-sociais. (REICH, 1975: 158).

É importante ressaltar aqui que essa moralidade natural não se refere de modo algum a uma nova forma do homem idealizado por Rousseau, o bom selvagem. Segundo Boadella, Reich reconheceu que

as pessoas poderiam existir em todos os pontos do espectro da saúde, desde os pontos extremos da cristalização completa em fixações neuróticas a fluidez e produtividade do caráter auto-regulado não estratificado. Uma das distinções mais importantes que introduziu é a de que o caráter neurótico se encontrava aprisionado por seus padrões defensivos. A pessoa saudável, reconheceu, frequentemente necessitará também de se defender contra um ambiente hostil. Ao fazê-lo, precisará às vezes se armar de autoproteção. Mas tal armadura é temporária e reversível e demonstra sua falta de neurose, primeiro na consciência de estar se defendendo, e em segundo lugar, por sua habilidade em abandonar a defesa logo que a situação de ameaça se modifique (BOADELLA, 1985: 49).

Os sujeitos são dotados de uma sociabilidade natural que lhes permite constituírem-se como seres humanos -o encontro com o outro que se dá na diferença. O encontro não-dualista com a diferença é a sensação de felicidade que se experimenta, como demonstrado por Ouriques com a *condição comunicacional do ser humano*. O ser humano é com-o-outro, sua capacidade de pensar e julgar é também instituída com-o-outro. Essa disposição mental nunca pode ser realizada de forma recortada, como se existisse um “fora” e um “dentro”.

A *autorregulação* é esta predisposição que pulsa nos sujeitos pois articulada à sua segurança e proteção, esta predisposição de todo ser humano por sua condição comunicacional, como claro na Teoria e Terapia Psicopolítica, pois o ser humano constitui-se no encontro com a diferença, o que só é possível quando ontologicamente a semelhança está resguardada. Essa sociabilidade fundacional é, portanto, constituída por uma biogênese, uma psicogênese e uma sociogênese, sendo que estas duas já haviam sido reconhecidas por Norbert Elias e a primeira acrescentada por Ouriques atento a Reich (OURIQUES, 2017: 112).

Reich une de forma coerente as três gêneses acima, quando afirma que é imprescindível a recuperação da capacidade de *autorregulação* dos sujeitos (que se dá tanto biologicamente quanto psicologicamente e socialmente ao mesmo tempo) para que seja possível uma organização social justa e democrática.

Podemos observar esse fenômeno empiricamente, segundo Ferri e Cimini, na relação mãe-bebê:

A mãe é o húmus-terreno sobre o qual o bebê cresce e faz suas trocas: a comunicação (*cum munis*-trocar junto) é o projeto da natureza na medida em que a dimensão humana é a relação com o Outro de Si. No primeiro campo mãe, o nosso Outro de Si é representado pelos líquidos intrauterinos e, portanto, a troca de energia se concretiza com a absorção dos líquidos; o segundo é a absorção através do cordão umbilical e da placenta; o terceiro será o leite e o contato epidérmico. A troca energética Si-Outro de Si se realiza através de meios específicos, superfícies específicas, modalidades específicas entre a mãe, que é um núcleo energético certamente em *plus*, e o bebê que conserva sempre a sua atitude neguentrópica ao se alimentar. Esta é uma característica arquetípica, uma “bomba pulsante” que funciona desde as primeiras fases do crescimento intrauterino e que progressivamente deslocamos para os campos sucessivos [...] O parto é a primeira grande separação no futuro da vida, e é o “como” desta primeira grande passagem. Gostamos de pensar que ele é o determinante dos “como” dos nossos “partos” sucessivos. Há “quatro passagens” evolutivas principais, e os seus “como” ecoarão nas nossas separações sucessivas. A primeira é o parto do nascimento, com a primeira grande separação; a segunda é o desmame; a terceira é a saída edipiana que é uma separação do “diafragma” (quinto nível reichiano), e depois a separação do segundo campo familiar com a puberdade[...]. Por exemplo, uma separação conjugal, que represente o valor do nascimento por parte de um dos parceiros e que tenha a função de um útero, proporá novamente uma modalidade de destaque que será a modalidade de um parto/nascimento. Se a função do parceiro for a mesma de um seio, então, a separação terá o significado do desmame. Mas se essa relação estiver fortemente fixada sobre um valor histórico-incestuoso, a separação terá a modalidade própria da saída edipiana. E se o parceiro tiver uma projeção de líder da família, uma separação também terá a conotação da saída do campo familiar. O imprinting do circuito funcional embrião-feto-útero é determinado pela densidade energética do Si (FERRI E CIMINI, 2011: 50-51).

É importante lembrar que tanto a Teoria e Terapia Psicopolítica quanto o modelo terapêutico de Reich, mais especificamente a *vegetoterapia* estão absolutamente atentas

ao assentamento dos estados mentais na respiração. No caso de Ouriques a centralidade atribuída à respiração vem diretamente da Índia, graças a sua parceria com Estelita Oliveira de Amorim Ouriques, yogaterapeuta e professora de Yoga. Já no caso de Reich a respiração também é incorporada e enfatizada na terapia reichiana, em uma época em que exercícios respiratórios para fins medicinais era algo considerado exótico e suspeito.

Como se sabe, a respiração possui uma função unificadora consciente/inconsciente, sendo nossos padrões respiratórios um reflexo da dinâmica sistêmica e, por isso mesmo, uma chave importante para o acesso à lembranças emotivas. A prática e uso de técnicas respiratórias de modo correto, como instrumentos terapêuticos, fundamental para muitas escolas de trabalho que envolvam o organismo integral (CAPRA, 1986):

Não há uma só pessoa neurótica que seja capaz de expirar profunda e uniformemente, de um só fôlego. Os pacientes forjaram todos os meios concebíveis de evitar a exalação profunda. Expiram de maneira fragmentária, ou voltam rapidamente à posição de inalação. Alguns pacientes descrevem a inibição que sentem nesse tipo de respiração: "É como se uma onda do oceano batesse contra uma pedra. Não vai além". Essa inibição é experimentada na região superior ou média do abdômen. Respirando fundo, sentimentos fortes de prazer ou de angústia aparecem no abdômen. Mas é precisamente a anulação desses sentimentos que se cumpre pelo bloqueio respiratório. Como maneira de preparar e conseguir o reflexo do orgasmo, faço primeiro os meus pacientes inspirarem e expirarem profundamente e os encorajo a "acostumarem-se com isso". Se se ordena ao paciente que respire fundo, ele em geral força a respiração, para dentro e para fora, de modo artificial. Esse comportamento voluntário serve apenas para obstruir o ritmo vegetativo natural da respiração. Desmascara-se a inibição; pede-se ao paciente que respire de "modo inteiramente normal", i.e., sem se entregar a quaisquer exercícios respiratórios, como gostaria de fazer. Depois de cinco ou dez movimentos, a respiração em geral se torna mais profunda, e emerge a primeira inibição. Quando uma pessoa expira natural e profundamente, a cabeça se move com espontaneidade para trás no fim do movimento. Os pacientes não podem deixar a cabeça ir para trás de modo espontâneo e natural. Esticam o pescoço para a frente para evitar o "movimento para trás", ou movem a cabeça com um puxão violento para o lado; em qualquer caso, de modo diferente do movimento natural. Na exalação profunda, os ombros relaxam-se com naturalidade e se movem suave e levemente para a frente. É no fim preciso da exalação que os nossos pacientes mantêm os ombros firmes ou os levantam; em suma, executam movimentos vários com os ombros para impedir o movimento vegetativo espontâneo (REICH, 1975: 282-283).

A respiração aqui aparece nestas duas tradições como um “elo” unificador das camadas superficiais do ego com as mais profundas, com o ritmo orgânico próprio da vida pulsante. Portanto, ela está na base dos processos de *autorregulação*, que podemos aproximar de forma interessante à ideia de emancipação dos sujeitos. Isto porque um sujeito autorregulado consegue romper em algum grau com a sua *couraça de caráter*, que corresponde ao resultado de todos os processos psicopolíticos que atravessam o sujeito ao longo da vida, ficando inscritos e marcados no organismo. Essa *couraça de caráter*

pode ser entendida então como sendo a “história impressa” dos sujeitos. Os processos irreversíveis que marcaram a memória de um sistema complexo e que continuará sempre influenciando seus estados futuros.

Se examinamos por exemplo mais minuciosamente o fenômeno da angústia, fica mais claro a importância central da respiração: o *estado mental angústia* corresponde a um estado corporal que apresenta os sinais relativos à vasoconstrição, frequência cardíaca acelerada, mãos e pés frios, pupilas dilatadas, suor frio, respiração pesada. Vemos que é o oposto dos sinais corporais relativos ao sentimento de expansão.

O fato é que um estado mental sempre tem um correlativo somático. As sensações de angústia e medo, estimulam o sistema nervoso simpático, ocasionando a contração biofísica do organismo. A sensação de prazer, ao contrário, estimula o sistema nervoso parassimpático. O pareamento funcional aqui é a excitação biofísica gerando a expansão do organismo.

Os sujeitos encoraçados são, assim, aqueles cuja função de *autorregulação* está comprometida; sua mobilidade diante da vida está inibida, pela falta de perseverança em si e na vida. São corpos servis, que se traduzem pelo encolhimento, pelas tensões musculares e dores, pela respiração curta, pela dificuldade de expressar espontaneamente aquilo que está sentindo. Os sujeitos se sentem completamente bloqueados e podemos observar de forma empírica e vivencial os mesmos, através da observação dos movimentos respiratórios e corporais desses sujeitos, os movimentos mais básicos da vida.

A dificuldade ontológica e epistemológica causada pela longa tradição dualista, que ainda prevalece, impediu a verificação de que a psicopolítica é, de fato, a forma de todos os governos, porque ela é própria da *condição comunicacional do ser humano*. O ser humano é psicopolítico, psicopoder. Por isto a necessidade de uma “sutura” ontológica e epistemológica do psiquismo e das instituições, assim como da natureza e da cultura, que foram seccionados de forma traumática pelo dualismo, esta corrupção ontológica e epistemológica da condição humana, que gera a corrupção sistêmica [...]. É assim que são controladas as operações do corpo, a partir de suas operações respiratórias, musculares, esqueléticas, alimentares, etc., sujeitando o poder vital, tornando o ser humano ou vampiro ou zumbi, e, assim, tão “útil” quanto “descartável”. Apenas quando se conhece e compreende a mente desta maneira é que se elimina finalmente o “fora” da metafísica. Pois o foco no “corpo” ainda implica necessariamente em um fora, a mente que olha e nomeia “de fora do corpo”. (OURIQUES, 2017: 74-75).

De forma sincrônica, Ouriques (2017) chama de *estado mental*, como vimos, esse complexo de pensamentos, afetos e percepções incorporados ontológica, epistemológica, teórica, metodológica e também vivencialmente, produzidos e sustentados pela forma de

estar no mundo dos sujeitos, pela respiração, musculatura, gestos, e, portanto, pelas decisões e escolhas que o sujeito assume.

Neste sentido, como demonstra Ouriques (2017), *Estado e indivíduo* não são alteridades absolutas. Pelo contrário, somente uma perspectiva metafísica, como a que ainda prepondera na teoria social e na filosofia hegemônicas, pode considerá-las categorias distintas, quando o Estado é uma rede de sujeitos, uma rede de psiquismos que se dizem instituições, organizações, que eles determinam conscientemente, ou não, o que geralmente acontece, a qualidade emancipatória ou não do funcionamento social.

Para que isto seja melhor entendido, Ouriques explicita e ressalta a importância de ter-se em conta o que de fato está em jogo na luta ocorrida entre Gabriel Tarde e Émile Durkheim na segunda metade do século XIX. Em uma síntese de Ouriques, enquanto para o primeiro a *opinião pública*, a sociedade, é resultante da acumulação das *opiniões individuais*, através da dinâmica intermental de *aceitação, negação e adaptação*, para o segundo a *sociedade* é algo que paira acima do *indivíduo*, exterior e anterior a este, e assim determinando-o, impedindo o seu *livre arbítrio* e, assim, formação de uma canônica escola de pensamento fundada nos conceitos de *fato social* e de *representações coletivas*, entre outros.

Como diz Ouriques, é muito importante examinarmos a grande cisão presente no final do século XIX entre *determinismo e livre-arbítrio* - ou seja, entre *sujeito e real* - vale dizer, respectivamente, entre Émile Durkheim e Gabriel Tarde:

Essa dissociação dualística entre *sujeito e real*, entre determinismo e livre arbítrio, está longe da microsociologia de Tarde, com sua interpsicologia, a referida psicologia intermental, ou a psicologia social, e da Teoria Psicopolítica, já que o que conta nelas não são os “indivíduos” ou a “sociedade”, mas sim as micro-relações de repetição, oposição e adaptação que se ocorrem nos *indivíduos-com-outros*, portanto, no plano supra-individual e infra-social, em que a distinção entre o “social” e o “individual”, entre o “público” e o “privado”, o “político” e o “psíquico” perde toda a nitidez perante o fato da realidade ter uma co-originação dependente, uma ontologia não-dual. É assim que, para Tarde, não existem unidades compactas fechadas em si mesmas, mas solidariedade social, construída no contágio imitativo e na simpatia natural, inata, na empatia dos indivíduos, que é o oposto da “força” da coerção social destacada por Durkheim. É assim que a também a ciência eleitoral confirma (...) que o fator determinante na produção de resultados é a capacidade de empatia. Isso é gravíssimo para quem segue o cânone durkheimiano e busca a emancipação, pois esse cânone é exatamente o oposto daquilo em que se baseia a estratégia eleitoral, que trabalha a espetacularização da empatia pelo candidato, desencadeando-o da predisposição individual e suas inter-relações com ela (...) (OURIQUES, 2022: 60).

Herdeiro desta discussão que o antecede historicamente, Reich entende que os sujeitos não são dominados por uma instância superior abstrata, seja *Deus* ou o *Estado*, mas sim por suas próprias atitudes irracionais, seu *corpomente* encorajado. Por isto tanto

o pensamento reichiano quando o pensamento de Ouriques concordam em absoluto ao entenderem que a mudança a nível "individual" é que acarretará em mudanças a nível "coletivo" e vice-versa, pois essas relações se dão de maneira dialógica, como pares de opostos complementares. No caso de Ouriques, em grande parte altamente tributário das filosofias orientais, este entendimento advém da compreensão ontológica, como dito, da não-dualidade que subjaz à dualidade primária, entendimento que incorporado, assim psicopoliticamente, pelo sujeito gera uma organização social emancipada.

No mesmo sentido, Reich pensava que uma sociedade onde fosse possível para os sujeitos viverem de forma mais autorregulada, daria naturalmente origem a uma organização social autorregulada, sem hierarquias rígidas e autoritárias. Como já dissemos no *Capítulo 1*, a esse modelo de sociedade ele deu o nome de *Democracia Natural do Trabalho*.

Para Ouriques (2017: 219), Reich fez uma contribuição muito importante para o campo das ciências sociais ao publicar, em 1933, o livro *Psicologia de massas do fascismo*. O esquecimento desta obra fundamental é, para Ouriques, um *sintoma* do estado da teoria social e filosofia hegemônicas, sendo o retorno do fascismo proporcional a este esquecimento. Nessa obra, como se sabe, Reich aponta que o fascismo não é proveniente de um sistema político ou ordem social específica, mas é um fenômeno que atravessa todos os organismos em todo o mundo e, sobretudo, é sustentado pelas massas formadas por sujeitos que insistem "em apregoar a 'honra da nação '(em vez da honra do homem) ou a 'salvação da sagrada família e da raça '(em vez da sociedade de trabalhadores)" (REICH, 1983: 14). Ou seja, como diz Ouriques, é o fenômeno da tendência de reificar a dualidade primária, neste caso expressa no pensamento dual de que a honra e a salvação estaria em um lugar, o de identidades para a salvação, e no outro o mal, transformado em *identidades para o extermínio* (MISSE, 2018).

No entendimento de Reich, a revolta fascista tem como base originária a transformação de um estado mental revolucionário (aqui, digo eu, como o amor) em ilusão, pelo medo da verdade, pelo medo que entenderem a sua co-responsabilidade na construção do que estão experimentando. É o que vem acontecendo no Brasil e no mundo, como claramente desenhado por Reich no início do século passado. A nova ascensão dos fascismos é resultante de uma ciência de base dualista que não entende que o amor, o trabalho e o conhecimento organizam a vida emancipada. A insistência na reificação da dualidade primária, que faz com que o outro seja uma exterioridade absoluta, delírio que permite acumular riqueza em detrimento do outro e progredir destruindo a natureza, como

Ouriques mostra, traumatiza a *condição comunicacional do ser humano*, cuja fetalização extrema o faz instaurar-se em sua singularidade apenas na presença do estado mental da segurança e proteção que lhe é oferecido pelo outro, pela voz-da-mãe, pela voz-do-pai, pela voz-fraterna, e seus substitutos.

É assim que se está em um longo período, já identificado por Reich, final de uma mentalidade, no qual os sujeitos estão cada vez mais desesperados e decepcionados com os resultados que obtiveram, pelo que pensaram e sentiram e negam enfrentar, como dito, a sua co-responsabilidade. Ou seja, o quanto a qualidade emancipatória ou não de seu território mental (OURIQUES, 2009) determinou e determina o que se vive.

Tal medo desta verdade gera a angústia, que se manifesta como uma sensação de vazio, de desamparo. Decidir qualquer coisa com base no ressentimento e na angústia, como vemos muito atualmente "é garantir soluções autoritárias, pois quando o sujeito des-espera, ele quer uma 'tábua de salvação', um 'salvador da pátria' de que de uma vez por todas se resolva a vida para sempre. Isso é impossível. O nome disso é fascismo. O contrário do desígnio consciente" (OURIQUES, 2017: 393).

Sem dúvida a contribuição de Reich é notável, fundamental, e seu esquecimento, como dito, é um sintoma de uma amnésia ontológica em relação à não-dualidade. Seus estudos clínicos e da sociologia de sua época, correlacionando de maneira transdisciplinar dimensões morais, psíquicas e sociológicas, poder-se-ia dizer, portanto, psicopolíticas para esclarecer a adesão da massa de trabalhadores ao movimento fascista são cristalinos e permitem compreender o que está acontecendo e desorienta a teoria social e a filosofia hegemônicas.

Em contraponto as ideias marxianas, Reich vai além em sua análise, dizendo que os fatores econômicos não estão na raiz da motivação das massas à ruptura com o capitalismo, o que difere, claro, da ideia central de Marx, que defende, como se sabe, que é a fome e a miséria o estopim da revolução das massas. Já Reich compreende que a existência humana é determinada não apenas pelos aspectos econômicos (apesar de dar grande importância às condições materiais) mas também pelos processos instintivos dos seres humanos, pela satisfação ou não de suas necessidades básicas afetivas, sua sexualidade, sua autonomia corporal-psíquica, ou seja, do não-traumatismo psicopolítico de sua condição comunicacional, como demonstra Ouriques. Este entendimento de cunho psicanalítico e psicoterapêutico na prática compreendida como "política", ainda hoje radicalmente rechaçado, como mostra a experiência de Ouriques, era justamente aquilo que os colegas marxistas da vida partidária de Reich não conseguiam compreender ou levar em consideração em sua análise política.

Esta situação continua basicamente a mesma, em geral apenas agravada, com precisas e meritórias exceções, como é o caso de Jacques Poulain, que dirigiu durante 22 anos o Departamento de Filosofia da Universidade de Paris, departamento criado por Foucault, e para o qual este contratou Deleuze, Rancière e Badiou, por exemplo, ser parceiro de Ouriques.

Neste sentido é importante lembrar que *Psicologia de massas do fascismo* foi proibido pelos fascistas alemães na década de 1935, como descrito no *Prefácio à 3ª Edição em Língua Inglesa, Corrigida e Aumentada* pelo próprio autor. Reich afirma:

Uma longa e árdua prática terapêutica com o caráter humano levou-me à conclusão de que, na avaliação das reações humanas é necessário considerar três níveis diferentes da estrutura biopsíquica. Estes níveis da estrutura do caráter são [...] depósitos, com funcionamento próprio, do desenvolvimento social. No nível superficial da sua personalidade, o homem médio é comedido, atencioso, compassivo, responsável, consciencioso. Não haveria nenhuma tragédia social do animal humano se este nível superficial da personalidade estivesse em contato direto com o cerne natural profundo. Mas, infelizmente, não é esse o caso: o nível superficial da cooperação social não se encontra em contato com o cerne biológico profundo do indivíduo; ela se apoia num segundo nível de caráter intermediário, constituído por impulsos cruéis, sádicos, lascivos, sanguinários e invejosos. [...] O cerne biológico do homem não encontra representação social desde o colapso da primitiva forma de organização social segundo a democracia do trabalho. Os aspectos "naturais" e "sublimes" do homem, aquilo que o liga ao cosmos, só encontram expressão autêntica nas grandes obras de arte, especialmente na música e na pintura. Mas não têm contribuído de maneira decisiva para a configuração da sociedade humana, se por sociedade se entender comunidade de todos os homens, e não a cultura de uma pequena camada superior e rica. [...] Tudo o que é autenticamente revolucionário, toda a autêntica arte e ciência, provém do cerne biológico natural do homem. Nem o verdadeiro revolucionário, nem o artista nem o cientista foram até agora capazes de conquistar e liderar as massas, ou, se o fizeram, de mantê-las por muito tempo no domínio dos interesses vitais. Com o fascismo, as coisas se passam de modo diferente, em oposição ao liberalismo e à verdadeira revolução. O fascismo não representa, na sua essência, nem o nível superficial nem o mais profundo do caráter, mas sim o nível intermediário das pulsões secundárias (REICH, 1988: 10-11).

A leitura reichiana do fenômeno do fascismo alemão é extremamente relevante para os dias de hoje por seu aspecto inovador e poucas vezes compreendido na atualidade. Quando se trata de fenômenos sociais, podemos interpretá-los segundo aquilo que Reich (1998) chamou de *peste emocional*, isto é, a irracionalidade e destrutividade presentes em comportamentos tanto individuais quanto em sociedade ou grupos. Essa irracionalidade pode ser compreendida como sendo resultado da perturbação da *autorregulação* e da livre circulação energética do organismo, contenção ou inibição da expressão natural da energia vital.

A expressão “peste emocional” não é depreciativa. Não tem uma conotação de má-vontade consciente, degeneração moral ou biológica, imoralidade etc. Um organismo cuja mobilidade natural foi continuamente dificultada, desde o berço, desenvolve *formas artificiais de movimento* [grifo do autor]. Coxeia ou

anda de muletas. Do mesmo modo, um homem atravessa a vida com as muletas da peste emocional quando as expressões auto-reguladoras naturais da vida são suprimidas desde o nascimento [...]. A peste emocional é uma biopatia crônica do organismo. Fez sua aparição na sociedade humana com a primeira repressão em massa da sexualidade genital, tornou-se doença endêmica, que tem atormentado os povos do mundo há milênios [...]. Os efeitos da peste emocional podem ser vistos no organismo humano, bem como na vida da sociedade. De vez em quando, ela se transforma em epidemia, como qualquer outra doença contagiosa, como a peste bubônica ou a cólera. Explosões epidêmicas da peste emocional manifestam-se em irrupções violentas e disseminadas de sadismo e criminalidade, em pequena e grande escala. A inquisição católica da Idade Média foi uma dessas explosões epidêmicas, fascismo internacional do século XX é outra (REICH, 1998: 461).

Portanto, mesmo que Reich não se utilize do conceito de *emancipação*, como Ouriques o faz, a possibilidade desta é apontada pela *teoria reichiana* enquanto um processo inerente ao de *autorregulação*, que permite a construção a longo prazo de uma nova condição humana, a constituição de sujeitos autônomos, livres e bioenergeticamente equilibrados. A *emancipação* é pensada também através da reintegração do sujeito com ele mesmo e com a natureza e o cosmos. Segundo Reich, o sujeito que está mais próximo de um funcionamento autorregulado é aquele que vive a vida de acordo com os fluxos energéticos, que contagia e que é autêntico em suas expressões e sentimentos. Em suma, é o sujeito que atingiu plenamente sua potência e está integrado aos fluxos do universo (SILVA, 2013): é o sujeito que desfruta da plenitude de sua condição comunicacional, como demonstra Ouriques.

Segundo Rego Costa (2002), Reich trata da possibilidade do ser humano viver guiando-se por si, mesmo sob o jugo do sistema social repressor. Além disso, Reich vê como possível a organização dos seres humanos fundamentados pela premissa da democracia do trabalho, que anuncia uma ética da *autorregulação* e do trabalho vitalmente necessário. Para ele, quando o ser humano está em contato pleno com sua maneira funcional de estar no mundo, ele sente e pensa de maneira livre, percebendo a si próprio em relação não-dual com a multiplicidade e tendo a vida como referência.

Esta afirmação, a de ter a vida como referência, que sincroniza em absoluto com a Teoria e Terapia Psicopolítica, demanda então um entendimento maior de que a *condição comunicacional do ser humano* faz com que a característica propriamente humana seja a sua *capacidade de julgar* (POULAIN, 2017), vale dizer, a sua capacidade de discriminar o que seja a *verdade* que referencia a sua ação no mundo, de maneira a que o ser humano seja capaz de fazer o mundo falar-lhe de maneira favorável. Apesar de ter sido posta de lado, como supostamente resolvida, a questão da verdade, diante da

pandemia mental que é a pós-verdade, de uma mente que a produz e que nela acredita e referencia sua ação no mundo (Cáo *et alli*, 2021) não pode mais ser escamoteada.

Sigamos o argumento de Ouriques em relação à *Terceira Estrutura da Verdade* que ele sustenta:

(...) Aristóteles fundou a filosofia grega clássica com a estrutura histórica do real, a estrutura da metafísica clássica -haveria, como exauridamente sabemos, um real fora do ser humano que caberia conhecer sua verdade através da representação e a ele adequar-se, a este absoluto outro. Como decisiva reação ao perigo desta estrutura, facilmente capturada pelo sacerdote e pelo soberano (por porta-vozes do *Fora*), também sabemos, os pós-modernos foram ao polo dualista oposto. E assim cada ser humano passou, ele mesmo, a ser o centro do mundo; a criar sua própria verdade, o que trouxe conquistas interessantíssimas, claro, mas trouxe junto a impossibilidade de escapar da *pós-verdade*, do *pós-humano*, da *pós-história*, e encontrar o *comum*, tendo acabado, apesar das imensas conquistas que nos permitiu, por fortalecer o projeto neoliberal e a pandemia mental da guerra das narrativas, na qual quem vende é o mais forte. A superação destas duas estruturas da verdade demanda um empenho importante de observação crítica dos *estados mentais* (pensamentos-afetos) que emergem ao se escutar a possibilidade de uma *Terceira Estrutura*; o que pede visitar com cuidado o *museu interno*, no qual estão expostos os pensamentos-afetos que foram absorvidos e seguem sendo reforçados na formação cultural na qual se emergiu, ou seja, nos *aparelhos psicopolíticos da cultura* (...), e que cada um, cada uma, utiliza como referência para a capacidade de julgar, esta que é a capacidade propriamente humana, pois o “comum é a todos o pensar” (...), pois “fazer é pensar” (OURIQUES, 2022: 57).

E especifica:

o Real é a condição comunicacional e seu fundamento a verdade dos estados mentais imanentes de segurança e proteção que a constituem não como “conhecimento absoluto” mas como conhecimento aberto- é-aí está a confiança, este vínculo que é destruído pelo dualismo, quando se recusa a ausência de controle sobre o nascer e o morrer, vínculo no qual, e só nele, é possível agir, pensar e criar a um só tempo o que é novo e é repetição, qual a voz do chefe das sociedades ameríndias, pois o que não é real é a ausência de comunicação: ausência de comunicação intrapessoal, interpessoal, política, econômica, étnica, tecnológica, etc. *É-aí*, no nascimento e em sua repetição universal “concreta”, nesta banalidade, a dádiva por excelência (...), a presença do inefável, o momento de vida e de morte no qual o ser humano que nasce tem vontade de respirar e assim mostra querer instaurar-se em sua singularidade. É por isto que a teoria psicopolítica, radicalmente distinta das outras abordagens do “psicopolítico” (...) é, como disse, um *pensamento respiratório*, sincronizado portanto com o Yoga. Trato portanto, posso dizer, não de uma teoria da verdade, resultante de uma razão instaurativa, mas de uma teoria do significado, no sentido de uma razão esclarecedora, da razão com sabor de mel que esclarece a condição comunicacional, emblemática do funcionamento do mundo, que a rigor co-existe antes de existir. Neste sentido, a condição comunicacional é a da *physis* -da demasia, da ordem e do caos, da justiça e da injustiça, etc., do que se produz e dura. Pois sua união, sua pacificação, digo eu, sua comunicação, uma vez que “o contrário em tensão é convergente”, ocorre, como mostra Heráclito [“que negou a dualidade de (...) inteiramente diversos” e, assim, “negou, em geral, o ser” (Nietzsche)], no vigor de *logos* como *alethéia*. Esta que é a um só tempo *verdade* e *realidade*; quando *logos* é compreendido não como *doutrina dos discursos*, *logoi*, portanto como *razão instaurativa*, como enunciado de uma ideia movida pela vontade de poder de uma inteligência particular mas como *razão esclarecedora*, pois escuta *physis* (*id.*: 62).

O argumento de Ouriques sincroniza com o de Reich, pois este entende que as condições de existência “objetivas” e seus processos estão na estrutura mental (que é incorporada, como dito, ou seja, a mente é corporificada) refletindo-a. Através da estrutura mental, do padrão mental, os processos que se experimenta podem ser contidos ou modificados. Por meio da mente torna-se possível a criação de novos meios de transformação do mundo.

Nesse sentido, é importante enfatizar que toda a “política” deveria prezar pela satisfação das necessidades de sua população, tanto no sentido dualisticamente compreendido como “objetivo”, como “real concreto”, quanto no sentido igualmente percebido como “subjetivo”, ordenado por aquilo que é singular nos sujeitos, tendo em vista a relação dialética entre estes. Afinal, não é disso que tratam as reivindicações de todos os movimentos sociais, como, por exemplo, a criação de políticas públicas que visem assegurar a satisfação de necessidades básicas de sobrevivência, lazer, proteção dos mais vulneráveis, a proteção das singularidades, entre outros?

Sabemos que os organismos surgem, se mantêm e transformam-se no exercício autopoietico de coordenações ontogênicas consensuais, que reafirmam a todo momento o prazer de conviverem na aceitação mútua, em recorrências de interações cooperativas (...) Esta mesma condição é o que funda a linguagem, esta prova viva de que não só é possível, não-dualisticamente, a unidade aberta na diversidade, mas que também a cooperação fraterna é o princípio organizador da experiência societal, pois “as palavras são nodos de redes de coordenação de ações” (...) e o social o domínio de acoplamento estrutural recíproco; de aderência biológica, do prazer da companhia, do vínculo, que durará tanto quanto dure a alegria de estar junto. O caminho da emancipação é, assim o de reflexionar e incorporar psicopoliticamente, passo a passo, respiração a respiração, movimento a movimento, palavra a palavra, pensamento a pensamento e afeto a afeto, o estado mental formado pelo (1) conhecimento e compreensão da solidariedade como condição instituinte do ser humano, em oposição à ignorância do dualismo e da suposta impossibilidade da comunicação e da sociedade; (2) pela gratidão, celebração e compartilhamento da alegria de viver, em oposição ao ódio, que cai na tentação de controlar; e (3) pela ação desinteressada, que move o ser humano maravilhado pela “pura gratuidade germinativa do mundo material” (...) em oposição à ganância (OURIQUES, 2017: 306-307).

Sabemos que há muito tempo a questão da *emancipação* humana é uma questão-chave e que diversos pensadores se debruçaram sobre ela. No entanto, o que vemos hoje como característica central de nossa época é a diminuição total ou parcial da capacidade dos sujeitos de realizarem o gerenciamento de seus estados mentais e de sustentarem a convivência em comunidade. Trata-se, a nosso ver de uma “atrofia” da capacidade de *autorregulação* e do contato profundo com a *condição comunicacional do ser humano*, nos termos da Teoria e Terapia Psicopolítica.

A *autorregulação* é a condição biológica da espécie humana e tudo que caracteriza por completo o vivo. Nos sujeitos, ela expressa-se como a capacidade de autodeterminação sobre os próprios desejos e de decidir, de julgar, de discriminar qual caminho tomar para satisfazê-los. É a expressão espontânea da singularidade, num movimento fluido de contração-expansão biológicas, cuja mobilidade é experimentada organicamente. É este atributo que revela o potencial para o desenvolvimento da *autonomia* e *emancipação*, pois os processos vitais do organismo são parte da relação dos sujeitos e a sociedade.

Dessa maneira podemos

(...) compreender o mundo e a vida, portanto, como uma incomensurável rede de processos interconectados, que mudam constantemente, no qual os "objetos" com algum grau de estabilidade, como os seres humanos, são de fato muito mais padrões de informação do que "substâncias" inalteráveis; padrões que se articulam constantemente e desta forma se expressam com o outro, em uma relação, como dito, de confiança (OURIQUES, 2019: 32).

Essa relação de *confiança* é essencial para se pensar qualquer tipo de mudança estrutural profunda nos psiquismos e nas instituições e também na sociedade como um todo. É decisivo, como nos mostra a Teoria e Terapia Psicopolítica, realizar uma terapia filosófica do *território mental*. Compreender a necessidade de resgatar a potência do ser humano de transformação da vida, apesar das contingências e ditames externos operarem no sentido de manter-nos submetidos. Não é negar os atravessamentos a que estamos todos expostos, a influência da formação cultural, em termos foucaultianos, na qual se emerge, mas sim buscar a liberdade que é criativamente reinventada a todo instante. E é justamente esse resgate que se propõe também o trabalho reichiano, quando afirma que o objetivo a ser alcançado terapeuticamente é a capacidade do organismo pulsar livremente, de atingir a potência orgástica, de alcançar a capacidade de autorregular-se de acordo com as situações e o que é demandado por elas, alcançando finalmente a *emancipação*, pois o "movimento espontâneo é o que está vivo" (REICH, 2003: 126).

A *autorregulação* individual não é portanto simplesmente um estado de *equilíbrio basal*, mas um desobstruir dos impasses que levam à impotência, uma busca pela capacidade de encontrar por si mesmo o caminho da potência. A *emancipação* e a *liberdade*, no entendimento de Reich, podem ser vistas como equivalentes à capacidade de *autorregulação*, a partir do contato com o organismo, de tal forma a sentir as correntes vegetativas. O que há é uma *gestão em uma ética imanente* (CARNERO, 2012: 181) ou seja, a *emancipação* e *liberdade* sociais só são possíveis quando os sujeitos experimentam

corpomente em harmonia uns com os outros, regidos por fluxos autorregulados, radicalmente ao contrário do que pregava Freud.

Reich descarta qualquer tipo de organização sociopolítica que, em nome de uma coletividade emancipada, cobre o preço da liberdade individual, entendida aqui como viver de acordo com os próprios afetos (mundo interior). Não que defenda o contrário -supremacia do indivíduo frente ao coletivo- mas ele sinaliza, desde a época de estudante, para a necessidade de uma outra equação na relação indivíduo e coletividade, e que, definitivamente, passa longe do ideal coletivista do comunismo, ideal esse que, na prática, deságua na homogeneidade passiva e irresponsável das massas. Reich prefere a ideia de que a realização do indivíduo, e de todo indivíduo, deve ser, por extensão, a realização total da coletividade. Ou seja, as forças que movem o indivíduo não são forças anti-sociais, isto é, não excluem os demais (como pregava Freud). Ao contrário. Segundo a concepção de natureza humana de Reich, são forças pró-sociais. Esse é um dos pilares da DNT [*Democracia Natural do Trabalho*]. Há também nesse parágrafo a ideia da não aceitação da coerção exterior, o que está em perfeita sintonia com o princípio de auto-regulação, fundamentação biológica para a proposição “viver de acordo com o interior” (BARRETO, 2000: 154).

Reich ainda considera que as condições sociais que permitem o aparecimento da referida *peste emocional* são aquelas em que estão minadas as relações éticas, em que o contrato entre organizações e sujeitos está corrompido, corroído, onde predomina o ódio, as difamações e projeções de conteúdos, tal como um inconsciente vazando a céu aberto, um esgoto mental a céu aberto, diria Ouriques, dando vazão a sexismos, comportamentos de não-cooperação, bodes expiatórios, assédio sexual ou moral, lideranças autoritárias manipuladoras, ambientes de trabalho com alto grau de competitividade destrutiva, concentração de riqueza, destruição da natureza, enfim, "a areia movediça formada pela convergência das violências privadas, estatais e estruturais- que provocam o único e comum horizonte ontológico da redução do ser” (OURIQUES, 2022: 58).

Mais recentemente, foi possível acompanhar em primeira mão os efeitos trágicos das *fakenews*, podendo compará-las a um modo de manifestação da peste emocional, e que sabemos foi também vivenciado por Reich em sua época. Sobre esse assunto, tratamos em um breve artigo escrito para o *Congresso Scientiarum História XIII* uma proposta para superação desse fenômeno a partir da terapia filosófica da “*fakemind*” (CÁO, OURIQUES *et alli*, 2021).

Influenciado pela proposta reichiana, a Teoria e Terapia Psicopolítica propõe a emancipação nos níveis ontológico, epistemológico, teórico, metodológico e vivencial e sua diferença frente às demais proposições da abordagem psicopolítica é que esta parte da centralidade da mente sobre a realidade que se experimenta e, assim, percebe os sujeitos como atores diretos da realidade social, pois estão interligados mentalmente às dinâmicas dos territórios sociais, em uma dinâmica na qual os territórios mentais e os

territórios sociais são apenas um. O sujeito só pode rever o seu *território mental* de maneira emancipatória, autorregulada, ao realizar a sua natureza social e, claro, interagindo com a "sociedade" e com a "natureza".

A Teoria e Terapia Psicopolítica tem como centralidade ajudar a que os sujeitos se tornem mais capazes de exercitar sua força de vontade, de recuperar o fato de que só é possível ser feliz, ser justo, ser sustentável quando se existe em rede, em relação com outros, pois a condição fundamental de se estar vivo é estar consciente do "co-surgimento interdependente da vida e do mundo" (OURIQUES, 2017: 30).

A teoria e metodologia terapêutica de Ouriques evidencia o modelo do *pensamento funcional* de Reich:

[...] compreender a vida social, e portanto a ciência, a técnica e a arte como produção de afetos, como circulação de afetos, implica que se saiba compreender e vivenciar em primeiro lugar, e de maneira não-platônica, que todo afeto, toda paixão, ao qual se tem atribuído nas últimas décadas o papel de produtor de verdade, de cessação do sofrimento, é intrinsecamente sustentado por um argumento e que, portanto, pensamento é sempre o híbrido do espírito, do desejo e do corpo, este que Spinoza considerou o inconsciente do pensamento. E implica, então, na qualidade da capacidade de julgar o tipo de afeto que abre a possibilidade da emancipação no lugar em que o sujeito foi colocado pelo poder, ou seja, pela história; [...] o ser humano depende de sua capacidade de discernir e, assim, de optar por aquela qualidade de estados mentais capaz de acionar a sua potência como sujeito na construção do que Spinoza chama de conhecimento seguro. Sabemos que a presença dos afetos na construção de tal conhecimento foi rejeitada por muitos pensadores que entenderam que o conhecimento totalmente objetivo, e portanto correto, dependeria de que o sujeito do conhecimento ideal – o puro sujeito do conhecimento, que seria atemporal – silenciasse a vontade e excluísse todas as considerações e interesses de ordem pessoal e, assim, excluísse os afetos e as paixões, pois estes turvariam a vontade e perturbariam a capacidade de percepção original das coisas (OURIQUES, 2017: 33-34).

Neste sentido, as ideias reichianas sobre *Democracia do Trabalho* baseavam-se exatamente na premissa de que os sujeitos podem ser responsáveis socialmente, orientando seu trabalho pela *autorregulação*. É esse exercício que torna prescindível a figura tradicional do chefe autoritário, e dos ditadores, por exemplo, e elimina a tendência não-dialógica, e, portanto, não comunicacional, de impor a vontade pela força e, assim, estimula a cooperação e a alegria, na realização do *trabalho vitalmente necessário*.

A *Democracia do Trabalho* pode, então ser compreendida, proponho, como a organização social dos sujeitos que resgataram ou conseguiram de alguma maneira recuperar seus processos de *autorregulação*, obtendo como consequência uma sociedade pautada nos mesmos princípios, na soma de todas as funções da vida. Essa forma de organização coletiva não se denomina, portanto, como uma ideologia. Também não pode surgir de um programa político, imposto à sociedade por meio da propaganda de partidos.

A democracia natural do trabalho existe e funciona ininterruptamente, independentemente de este ou aquele partido político ou grupo ideológico saber da sua existência. O processo da democracia natural do trabalho tanto pode estar em forte contradição com as instituições sociais, como pode coincidir mais ou menos com essas instituições. O que esse processo da democracia do trabalho exige, onde quer que funcione, é que as ideologias e instituições sociais correspondam às necessidades naturais e às relações humanas, como acontece no amor natural, no trabalho vitalmente necessário e na ciência natural. Estas funções sociais vitais tanto podem ser impedidas como estimuladas; e os homens e mulheres trabalhadores podem ou não ter consciência delas. Mas não é possível destruí-las. Por isso constituem a base sólida de todos os processos sociais racionais (REICH, 1988: 239).

Mesmo na área de humanidades e das ciências sociais este fundamento ainda é difícil de ser compreendido. Ouriques (2017) chama atenção para o fato de que a qualidade emancipatória ou não de uma ação, pensamento ou afeto, de uma decisão, depende também da qualidade das emoções mas que não basta apenas valorizar os afetos, como se tem feito há décadas, mas sim que é necessário priorizar a necessidade de construir a capacidade psicopolítica de compreensão e conhecimento da qualidade dos afetos, a fim de determinar quais afetos sustentam os laços sociais ou o destroem. Ele demonstra o quanto esta irresponsabilidade sobre o próprio *território mental* tem levado ao fracasso e à correspondente frustração tantos movimentos e organizações movidas por “boas intenções”. Ouriques mostra que é esta incompreensão ontológica da determinação da realidade que se vive pela qualidade da mente que se sustenta fez com que as promessas de superação dos autoritarismos feitas pelas economias políticas e estudos culturais e socioculturais ao longo do século XX resultaram de maneira geral exatamente no contrário neste século XXI.

Portanto, na visão deste autor,

a superação depende de que as ciências sociais avancem com base em nova episteme que aproxime a economia política da economia psíquica de maneira a que seja possível compreender o fenômeno da irracionalidade, das forças emocionais que obscurecem a cognição e a volição, [...] hoje a liberdade política não pode mais ser apenas o exercício da própria vontade mas precisa passar necessariamente pelo domínio do processo de formação da vontade” (OURIQUES, 2014: 37).

Há assim uma resistência da ciência hegemônica em reconhecer os seus limites e assumir que não é mais possível falar somente na contradição entre capital e trabalho, pois passamos desta para a contradição natureza e cultura, pois como afirma Ouriques já desde os anos 70 tal enfrentamento necessita uma revisão profunda do fundamento dualistas do Ocidente hegemônico.

Segundo Ouriques, o problema não é a *luta de classes*, mas o que o sujeito faz na posição de classe na qual ele está. No mesmo sentido, ele argumenta que não basta

fortalecer as identidades, fortalecer a diferença, mas fortalecer que a *diferença* só pode ser vivida de maneira psicopoliticamente saudável quando ela é experimentada na presença da *semelhança*. Caso contrário cada *diferença* supõe-se uma exterioridade absoluta em relação às outras e o que se tem é a fragmentação interna e entre identidades como se verifica à exaustão.

Como se sabe, mostra Ouriques, os movimentos sociais, organizações e partidos políticos orientados e/ou pelas economias políticas e os estudos culturais e socioculturais estão todos megaorganizados pela ideia de “progresso”, pela ideia de “crescimento”, pela ideia de “desenvolvimento”, quando não existem recursos naturais para gerar o padrão de produção e consumo dos *clusters* desenvolvidos para todas as pessoas do mundo. Há uma ideia de liberdade cuja garantia seria determinada por uma cultura que não seria “limitada” pela natureza, como se “liberdade” estivesse de alguma forma desconectada de qualquer limite.

Isso é um equívoco, que paralisou a cultura ocidental pois paralisa o ser humano, como paralisou a centopeia, na metáfora de Reich: ela começou a pensar que perna moveria em primeiro lugar. Por isso o problema é sim cultural, na medida exata em que se compreenda como culturalmente se construiu esta visão que se abriu com a experiência do ser humano de perceber que percebe, e que precisa perceber a pulsão, estar em estado de comunicação com a pulsão, com o poder vital, tornar-se consciente “dela/dele”, que é “ele” próprio: “É sempre um sinal de ignorância ou orientação mística colocar o homem e suas emoções fora do âmbito da natureza física. O homem é parte da natureza: ele surgiu das funções naturais. Não é possível ser de outro modo. É decorrência de simples raciocínio sobre a evolução natural. Não há contra-argumento válido para essa afirmação” (REICH *apud* OURIQUES, 2017: 254-255).

Segundo Ouriques, a delusão do ser humano em relação ao outro, seja o outro humano e o outro natureza e conseqüentemente em relação à sua própria reciprocidade com estes, a qual se tenta enganar através de uma filosofia perversa de que a vida seria “assim mesmo”, que o ser humano tem uma inaptidão natural para a vida social, como Hobbes por exemplo imaginou, e que a liberdade irrestrita seria obtida pela tecnologia, algoritmos e maquinação, inclusive da “inteligência artificial”,. Quando, na verdade, a vida é uma coleção inteira de mecanismos homeostáticos que governa a vida, a cada instante, cada átomo, cada célula criadora de todo organismo.

É por esta razão que se torna de extrema relevância as contribuições de Reich para a compreensão de diferentes fenômenos sociais, em especial a questão da autonomia e *emancipação* dos sujeitos dos *aparelhos psicopolíticos da cultura* (OURIQUES, 2017). Na visão reichiana, a estrutura de caráter dos seres humanos modernos é reflexo de milhares de anos de uma cultura fundamentada, como dito anteriormente, no patriarcado

e no autoritarismo, na intimidação e no medo. Este encorajamento funciona como uma “blindagem” do organismo contra sua própria natureza e a realidade social em que está inserido:

Essa couraça de caráter é a base do isolamento, da indigência, do desejo de autoridade, do medo à responsabilidade, do anseio místico, da miséria sexual e da revolta neuroticamente impotente, assim como de uma condescendência patológica. O homem alienou-se a si mesmo da vida, e cresceu hostil a ela. Essa alienação não é de origem biológica, mas sócio-econômica. Não se encontra nos estágios da história humana anteriores ao desenvolvimento do patriarcado. O prazer natural do trabalho e da atividade tem sido substituído pelo dever compulsivo. A estrutura média da maioria das pessoas transformou-se em uma estrutura marcada pela impotência e pelo medo à vida. Essa estrutura distorcida não apenas constitui a base psicológica das ditaduras partidárias: torna possível a essas ditaduras o justificar-se evidenciando certas atitudes humanas como a irresponsabilidade e a infantilidade. [...] natureza e cultura, instinto e moralidade, sexualidade e realização tornam-se incompatíveis, como resultado da cisão na estrutura humana. A unidade e congruência de cultura e natureza, trabalho e amor, moralidade e sexualidade -desejada desde tempos imemoriais- continuará a ser um sonho enquanto o homem continuar a condenar a exigência biológica da satisfação sexual natural (orgástica). A democracia verdadeira e a liberdade baseadas na consciência e responsabilidade estão também condenadas a permanecer como uma ilusão, até que essa exigência seja satisfeita. Uma sujeição sem remédio às condições sociais caóticas continuará a caracterizar a existência humana. Prevalecerá a destruição da vida pela educação coerciva e pela guerra (REICH, 1975: 14-15).

Assim, podemos dizer que a *Democracia do Trabalho*, como denomina Reich, é uma tentativa de pensar o coletivo através dos princípios vitais que regem os organismos individuais. Se considerarmos o coletivo como uma rede de psiquismos individuais interligados entre si, fica fácil de perceber. Um sujeito emancipado, sexualmente potente em termos reichianos, ou seja, afetivamente e racionalmente integrado é, como resultado disso, socialmente e politicamente responsável, capaz, portanto, de construir perspectivas comuns no diálogo das diferenças.

A *Democracia do Trabalho* é, para Reich, um tipo de conduta, um “estar-e-ser” em relação com o outro e com o mundo. Esta forma de pensar a relação indivíduo-sociedade é o exato oposto do *axioma hobbesiano*, como o denomina Ouriques: “a crença de que o mundo seria uma guerra de todos contra todos, o que nega o princípio da autonomia e da criatividade que fundou o Ocidente e, por definição, as próprias definições de informação e comunicação” (2017: 290) os seres humanos seriam incapazes de regular e controlarem a agressividade segundo Hobbes, o caos e a violência (identificados por ele como “estado de natureza”) só poderiam ser controlados por um soberano, por um Estado centralizador, este absoluto “fora”, mas que, no entanto, é formado apenas por seres humanos em rede que falam em nome “*Dele*”.

Para Reich, somente sujeitos encorajados e dissociados, prisioneiros em si mesmos, podem criar ou reproduzir esta mentalidade, que passou do funcionamento fluido para o dissociado, criando tendências aos erros.

Reich esboça, em sua crítica da ciência estabelecida, a possibilidade de uma outra ciência, de uma nova forma de articular-se, sobre o princípio de autorregulação, que desvincilhada das correias históricas e ideológicas que limitam e sujeitam produziria um saber mais próximo do vivente, é o que ele chama de alegre saber, à qual atribui como objetivo, em ligação com o trabalho e a função natural do amor, a felicidade terrena material e sexual das massas (DADOUN, 1991: 41).

Para Ouriques, esse equívoco é o que gera o que conhecemos por anomia social: corrupção, desigualdade, autoritarismo, etc., todos sinais de falência da *condição comunicacional do ser humano*, ou seja, da condição relacional em que estamos todos uns com os outros e com a natureza, impulsionados pelo *conatus* spinozano, pela *autorregulação* reichiana. Assim, a *condição comunicacional* não é metafísica, porque é imanente; o processo de socialização ocorre nela e não em outra instância “além”, “fora”. Assim como o princípio de *autorregulação* não é uma abstração, uma metáfora. É, sobretudo, compreendida como imanente, ou seja, é própria da *physis*, pois é base e fundamento para a existência humana. A *autorregulação* é o fenômeno inerente à natureza e tudo que é vivo.

Em nossa sociedade atual, o “amor, o trabalho e o conhecimento” não são reconhecidos como forças determinantes da vida humana, como balizadoras da nossa existência, nem mesmo pelas teorias sociais. Estas “grandes forças do princípio positivo da vida não estão ainda conscientes do seu poder, do seu valor insubstituível, da sua extraordinária importância para o ser social” (REICH, 1972: 14). Por isso o fascismo se apodera dos impulsos vitais (que estão relacionados estritamente à *autorregulação*) e ele não pode existir enquanto movimento de massa senão alimentando-se da energia vital desses impulsos.

E Reich nos dá um importante alerta: esta força da vida “não pode tomar o poder pela violência, pois nem saberia o que fazer com o poder” (*id.*). No mesmo sentido Ouriques lembra o que disse Keiji Nishitani ao final de seu livro *The Self-overcoming of Nihilism*: não há nada no mundo que surja do “autopoder” e, no entanto, todos os trabalhos “auto-alimentados” surgem do mundo (OURIQUES, 2022: 61). Cabe então ressaltar aqui a impressão de Nóvoa, por estar em total ressonância com a nossa, a respeito do “otimismo utópico” de Reich:

Herbert Marcuse, Eric Fromm e Wilhelm Reich, cada qual a seu modo, entendiam que a energia que havia feito brotar vida no planeta era a mesma

que circulava no universo infinito. Para Reich, a pulsão energética humana era uma continuidade da energia do universo. Por isso, recusava o aspecto obscurantista no qual Freud e, mais adiante, Lacan, com a teoria da pulsão de morte, fizeram soçobrar a teoria extraordinária do inconsciente. O homem, para esses últimos, seria, assim, mau por natureza. Para Reich, o homem nem sempre era lobo de si mesmo. Em escala ampliada (histórica e individualmente), o homem não é só destruidor. As guerras e as destrutividades humanas são historicamente explicáveis. Então, porque o niilismo dos pensadores contemporâneos, que, do homem lobo de si mesmo passam à descrença do homem e no futuro da história, assim como no da História como ciência? [...] são muitos os casos de cientistas e pensadores que terminam sendo absorvidos pela ideologia dominante e, às vezes, por seus aspectos mais obscurantistas. Isto exige que o historiador também pense no fenômeno das mistificações especulativas oriundas do poder da ideologia e no verdadeiro poder desta como elemento estruturador das subjetividades nesse processo e, particularmente, na ciência. Se o pensamento científico não pode prescindir de uma dose de invenção e mesmo de especulação, seria possível a ele extirpar completamente a contaminação ideológica? (NÓVOA, 2010: 47-48).

A *autorregulação*, como vimos, baseia-se na premissa de que os seres vivos possuem uma funcionalidade de fluxos própria, fluxos naturais pautados em um ritmo tipicamente orgânico, de maneira que cada sujeito é possibilitado a desenvolver-se de acordo com seus desejos e a seguir seu próprio, singular, movimento vital em relação com seu ambiente. Diante disso é que vemos a responsabilidade da Academia em promover as condições ontológicas, epistemológicas, teóricas e metodológicas necessárias para que os sujeitos possam ser estimulados a construir a possibilidade de governar suas próprias vidas, de ajudar a construir a possibilidade de pacificar as tensões, claro, sem jamais eliminá-las, pois a tensão integra a vida, que se manifesta de maneira dual, mas superando a ideia de conflito, que é a impossibilidade de complementar opostos, o que ocorre mesmo no limite, com a supressão letal democrática de um polo pelo outro, como ensinam as artes marciais, em especial o Aikido, a única arte marcial não competitiva.

Para isto é decisivo, e Reich deixou isto bem claro, que esta verdadeira transformação só é possível quando a dimensão animal do ser humano, isto é, quando a sua condição de ser biológico pulsional autorregulado for respeitada. Isso não é necessariamente inatingível, utópico, um horizonte que nunca poderia ser alcançado. Pelo contrário, é uma forma de viver baseada na imanência. A Teoria e Terapia Psicopolítica o vem fazendo, imanentizando a transcendência.

A verdadeira e secular luta pela democratização da vida social baseia-se na autodeterminação, na sociabilidade e moralidade naturais, no trabalho agradável e na alegria terrena do amor. Encara qualquer ilusão como um perigo. Por isso, não somente não temerá a compreensão natural e científica da vida, mas dela se servirá para dominar os problemas decisivos para o desenvolvimento da estrutura humana de forma não ilusória, mas científica e prática. Tem havido esforços em toda parte no sentido de transformar a

democracia formal em uma autêntica democracia de todos os homens e mulheres que trabalham, em uma democracia do trabalho, adaptada à organização natural do processo de trabalho (REICH, 1975, p.17).

O desafio proposto pela Teoria e Terapia Psicopolítica é o da revisão, *full and real time*, do *território mental* (OURIQUES, 2017) para verificar a qualidade emancipatória ou não de cada estado mental que emerge oferecendo-se como fonte de referência para a capacidade de julgar, para a tomada de decisão, de maneira a que cada um de nós espalhe benefícios amorosos. Ouriques, profundamente tributário da filosofia oriental, assim como das filosofias indígenas e europeias não-hegemônicas, trabalha com a disciplina da busca consciente por um estado de conexão aprofundado, de contato, com a condição comunicacional.

Estar em contato, no sentido reichiano, é estar entregue às sensações e emoções de maneira plena, ou seja, livre de quaisquer inibições, é sentir o que deve ser sentido, isto é, cuidar de si. O cuidado de si, como aponta Ouriques, no seu sentido socrático como sendo um propedêutico para a política, vai ao encontro do que Reich propõe com o resgate da capacidade perdida de *autorregulação*, pois, na visão dele quanto mais os sujeitos se aproximam de sua forma autorregulada de ser e estar no mundo, há mais chances de ocorrer transformações profundas na ordem social e cultural vigentes.

Aqui podemos perceber a influência que Reich teve da filosofia oriental que, em suas próprias palavras, reconheceu que o Ocidente precisava buscar no conhecimento oriental o que falta para preencher lacunas e resolver problemas estagnados há séculos.

Muitos problemas ainda aguardam respostas concretas. Mas, independentemente das muitas obscuridades que embaraçam nossa visão, é certo que, de agora em diante, sensação e emoção se encontram dentro e não mais fora da visão física de natureza. A pesquisa natural mecanicista precisa excluir a sensação porque não pode apropriar-se dela. Porém, já que sensação e emoção são a experiência direta menos duvidosa do organismo vivo, elas foram fadadas a fugar a atenção da filosofia natural da Antiguidade e pressionar por respostas em primeiro lugar. No seu livro Encontro do Oriente com o Ocidente, Northrop explica a importância da sensação direta de órgão para toda a filosofia natural nas antigas culturas asiáticas. Ela não foi atribuída a algum deus. Foi tratada dentro da estrutura das funções físicas e atribuída a átomos especiais, particularmente homogêneos e excepcionais. Essa visão antiga é de longe superior à da ciência natural "moderna" e está mais próxima dos processos naturais (REICH, 2003 : 94)

Os sujeitos autorregulados possuem personalidade integrada, com ação, sentimento e pensamento unidos, funcionando um em relação ao outro de forma coerente. O fascismo foi e é, segundo Reich, resultado da total destruição dessa capacidade, um trauma difícil de reparar, uma chaga profunda. Essa profunda ferida também se dá, como vimos, no campo do conhecimento, que permite a desvinculação e desconexão do ser

humano com a natureza. O exercício da *autorregulação*, portanto, no domínio socioeconômico e político, provocaria uma mudança radical, que Reich desejava estender ao domínio da produção do conhecimento, porque também o saber alienado e dicotomizado, como é a ciência normalmente tida como positivista ou mecanicista, traz consigo todo tipo de delírios e intenções puramente tecnicistas (DADOUN, 1991).

A medicina mecanicista, nascida no contexto religioso da contrarreforma e respondendo às questões daquele contexto, pensava o corpo como uma estrutura rígida e fixa, mecânica (composta por partes menores encaixadas agindo separadamente). Enquanto que para Reich, vimos, além da estrutura havia também o aspecto de fluxo, de contínuo, que daria conta do aspecto holístico do organismo como um todo. Não que o corpo fosse um puro devir, mas sim que estrutura material e fluxo energético coexistiam no corpo vivo.

Como apontado por Maluf Jr. (2014: 64) as descobertas reichianas são uma alternativa revolucionária na forma de compreender o mundo e a nós mesmos, pois trazem de volta a *anima mundi* banida desde o século XVII, quando emergiu o pensamento mecanicista. Ao resgatar o pensamento de autores como Giordano Bruno e os pré-socráticos, a teoria reichiana pode contribuir como alternativa contra a hegemonia da ciência positivista reducionista e mecanicista.

O pensamento funcional de Wilhelm Reich também oferece uma importante alternativa imanente contra a visão pós-moderna em voga atualmente, do construtivismo social das escolas francesas, onde todo saber é reduzido a pura ideologia (com exceção dos próprios autores) e a biologia e a medicina são descartadas como simples instrumentos de poder e controle, não constituindo um saber legítimo.

Reich nos propõe a pensar o mundo *psicobioenergéticossocialmente*. Isto é, levar em consideração com igual importância: os fenômenos biológicos, psicológicos, energéticos e sociais ao mesmo tempo, analisando de que modo o funcionamento de um campo impacta o funcionamento de outro. Somente através de uma abordagem transdisciplinar desse tipo será possível investigar os mistérios da espécie humana.

Considerações Finais

Imagine que o mistério da vida é um crime cometido. Não sabemos como o ato foi realizado e nem quem foi o responsável. Nesta metáfora, Wilhelm Reich seria um detetive que se propôs a investigar o mistério. No processo, descobriu muitas pistas valiosas, assim como também trilhou caminhos que podem levar a lugar algum, possibilidade a que toda investigação científica deve estar exposta: levantar hipóteses para depois refutá-las ou confirmá-las.

Com o avançar de sua investigação, o detetive convenceu-se de que havia descoberto quem era o culpado do famigerado crime. Mas o tempo passou e ninguém nunca conseguiu capturar o responsável que ele havia apontado em sua investigação. Suas pistas então, coletadas por muito tempo com muito zelo e dedicação, foram descartadas de um modo geral, como caminhos impossíveis e equivocados e até mesmo delirantes.

Mas até hoje, quando esta dissertação está concluída, o crime, para a maioria, continua sem solução. Outros detetives que vieram depois apresentaram novos suspeitos, e fizeram novas investigações sintomaticamente em caminhos já trilhados por Reich, sem que o nome dele tenha sido referenciado, a não ser raramente. Como se viu, as pistas encontradas por esses novos investigadores são as mesmas que Reich encontrou e explorou em sua investigação. Suas conclusões podem variar em alguns pontos daquelas aceitas hoje pela ciência contemporânea, mas o sentido de suas questões foi o mesmo que a ciência em geral depois dele seguiu.

Hoje o quebra-cabeça permanece o mesmo. Temos algumas peças a mais, que Reich não dispunha para tentar vislumbrar o quadro completo. Alguma peça fundamental provavelmente ainda nos escapa, pois a imagem final do quebra-cabeça ainda aparece confusa, mesmo para algumas das melhores mentes do nosso século. Algumas perguntas ainda permanecem em aberto, esperando por respostas criativas e propostas ousadas da ciência do futuro.

Muitas destas perguntas estão respondidas por outras epistemes, que passo a passo têm sido estudadas e legitimadas dentro da própria ciência ocidental, como é o caso que vimos da Teoria e Terapia Psicopolítica, de Ouriques, hoje internacionalmente reconhecida, inclusive pelo Laboratoire d'études et de recherches sur les logiques contemporaines de philosophie-LLCP / Département de Philosophie / University de Paris 8, que aceitou a legitimidade proposta por ele da filosofia indiana e japonesa.

Acredito ter demonstrado que o conceito de *orgone* foi o termo que Reich encontrou para descrever o modo como a energia se apresenta nos sistemas vivos, isto é, sua propriedade neguentrópica. Graças a Schrödinger e Prigogine, hoje sabemos que isto é um fato científico plenamente estabelecido: a vida reduz a *entropia* de si mesma, alimentando-se de *ordem*.

Percebendo que a elaboração físico-matemática da *segunda lei da termodinâmica* contradizia suas observações biológicas, Reich fez o que era esperado de um verdadeiro cientista: ele teve a coragem de ir contra uma teoria da física amplamente aceita em sua época, apontando de que modo ela poderia ser empiricamente refutada através de observações detalhadas em outros campos do conhecimento, como a biologia, a medicina e a psicologia individual e das massas.

Com a evolução da física no século XX e da termodinâmica dos sistemas abertos longe do equilíbrio, a ciência depois veio a confirmar suas suspeitas. A energia nos seres vivos de fato funciona de modo inverso à das máquinas industriais. A energia cósmica universal não é apenas uma força que tende ao caos e ao aumento de entropia. Ela também é uma força natural de auto-organização, neguentropia, formação de estrutura, ordem e memória. A energia é *orgone*. O *orgone* é a própria energia universal, compreendida em sua aparente contradição: *vida-morte, ordem-caos, criação-destruição, excitação-relaxamento, distensão-contração, orgasmo-couraça, mente-corpo, organização-complexidade*.

O universo "material" é a densificação do oceano de *orgone* cósmico em sua contínua pulsação vital, uma força cósmica natural de crescimento e transformação, movimento perpétuo e evolução. A concepção do *orgone* nos possibilita enraizar o funcionamento do humano na natureza. O ser humano não pode ser impunemente destituído de suas características naturais, que o desenham como um ser de carências, pois não-dotado por exemplo de estruturas musculares que o permitam sobreviver mais eficientemente como tantos outros animais, o que o faz criar cultura para compensar este estado de prolongada fetalização.

Contra a hipótese biogênica da vida, que supõe sempre um antepassado cósmico (*panspermia*?¹⁵) necessário para o aparecimento da vida na Terra, Reich entende que haveria outro tipo de energia, diferente daquela que estava sendo estudada nas máquinas

¹⁵ Hipótese de que a vida foi fecundada na Terra por algum processo externo, cósmico, como a queda de um asteroide infectado com bactérias vindas do espaço ou a passagem da Terra pelo rastro da cauda de um cometa habitado por seres microscópicos.

a vapor, que, ao contrário desta, seria capaz de naturalmente reduzir a entropia de um sistema, resultando no aparecimento de fenômenos espontâneos de auto-organização e *autorregulação*. Em outras palavras, esse outro tipo de energia seria capaz de organizar por si mesma, espontaneamente, sistemas densos de funcionamento complexo, de modo a dar origem à vida (*hipótese abiogênica da vida*).

Assim, Reich se separava tanto dos vitalistas (que apostavam num princípio vital não-físico para a vida), quanto dos mecanicistas (que insistiam em ver o corpo mecânico sem vida do necrotério, sem autonomia e inteligência vital) e também da maioria dos médicos, psicanalistas e filósofos do século XX, que pensavam a mente cada vez mais como algo separado do corpo, abstrato, linguístico e apenas culturalmente construído. Para Reich, a psique não é outra coisa se não a própria *autorregulação* do organismo vivo, o fluxo de entropia negativa cuja função principal é criar ordem a partir do caos.

Portanto, é incorreto afirmar que Reich supôs a existência de uma nova forma de energia cuja existência ele não foi capaz de provar. Do ponto de vista da *História das Ciências*, o que ele fez foi chamar atenção para o fato de que o conhecimento que havia sido produzido na física para o conceito de energia (*Primeira Termodinâmica dos sistemas fechados em equilíbrio*) não condizia com a maneira como a energia e a matéria se comportam nos sistemas vivos (*autorregulação*, auto-organização, auto-percepção, autopoiesis, intencionalidade).

Este problema que ele apontou é real e só foi corrigido mais tarde, na *Segunda Termodinâmica dos sistemas abertos longe do equilíbrio* (como o planeta Terra e os sistemas vivos), que, diferentemente das máquinas à vapor, têm muito a ganhar com o fato de que são sistemas abertos e não hermeticamente fechados. Enquanto a máquina da indústria deseja conservar sua energia útil e evitar que ela se perca com o aumento da entropia, os sistemas vivos jogam o jogo ao contrário: desejam trocar energia com o meio, alimentam-se de baixa entropia para conservar sua organização interna e geram com isso, o aumento de entropia do meio como consequência de sua própria neguentropia. O aumento de caos do ambiente leva a uma crescente complexidade do sistema, que por sua vez gera novas ordens de organização, emergência espontânea de novas dinâmicas de *autorregulação*, a níveis tanto biológico, quanto psíquico e político-social.

Conclui-se a partir disso que não se tratava de falsear ou não a existência do *orgone*, mas sim de compreender as correlações funcionais descritas por Reich entre corpo, movimento, energia, emoções, cultura e política. Suas afirmações permanecem assim perfeitamente válidas e urgentes para muitos campos de aplicação.

Por motivos médicos e clínicos, Reich dá ênfase na questão da *ordem* como sendo equivalente à *vida* e a *desordem* como sendo equivalente a *morte*. Mas a descoberta de Prigogine e a explicação de Schrödinger sobre a *neguentropia* supunha o *caos* como necessário a *ordem* e como equivalente a criação de *novidade* e *evolução do sistema* no *tempo*.

A importância de Reich reside no fato de sua teoria relacionar forças sócio-históricas à realidade biológica dos sujeitos, enquanto organismos vivos que não respondem de forma meramente passiva às circunstâncias, mas que possuem uma potência intrínseca para a vida. Essa potência poderia ser compreendida como uma sabedoria que compõe os sistemas vivos e que possui uma dinamicidade.

Ele nos oferece assim uma construção teórica que não reduz a mente ao corpo, nem sobrepõe um sobre o outro e também não compreende o problema a partir de um paralelismo psicofísico. Nossa humanidade não é o resultado de duas coisas separadas, juntas ou paralelas, mas sim de uma unidade biofísica funcional *psiquessoma*. O estudo dos fenômenos vivos do ponto de vista da energia é o método por excelência para se chegar a essa *unidade funcional*, tal como era defendido pela filosofia do *energetismo*, contemporânea a Reich.

Na concepção reichiana, existe uma *unidade funcional* entre a *mente* e o *corpo*, o *indivíduo* e a *sociedade*, de modo que todo impulso psíquico é funcionalmente idêntico, equivalente, a uma excitação no campo somático e vice-versa. As mudanças sentidas na esfera das ideias equivalem às mudanças de excitação do sistema nervoso vegetativo (autônomo).

Ao defender a existência desta *equivalência funcional*, Reich traz a compreensão energética como ponte que liga os dois abismos, responsável por governar os processos vitais. Assumindo uma postura radicalmente antimecanicista, não atribui estatuto de superioridade aos processos cerebrais. Há um dinamismo constitutivo dos organismos, incluindo seus processos involuntários, que remetem a um movimento pulsatório ocorrido pelo corpo todo e que também rege o funcionamento de órgãos. O produto dessa dinâmica é a ontogênese humana, associada a mecanismos profundamente primitivos e fundamentais de evolução da vida, que precisou desenvolver um repertório cada vez mais longo de competências e estratégias de manutenção da existência.

O pensamento reichiano dissolve as duras barreiras disciplinares, propondo à sua maneira encontrar transdisciplinarmente o princípio funcional comum entre elas. No que tange o fenômeno da *autorregulação*, Reich aponta o quanto essa característica intrínseca

dos sistemas vivos, nos seres humanos, também se relaciona com fenômenos político-sociais. A dominação, por exemplo, para ser vista pelos sujeitos como aceitável, precisa de um organismo propício à submissão, uma ancoragem interna suscetível para esta aceitação. Uma educação repressora, como era na época de Reich, cria as condições psicopolíticas do fascismo. A moral castradora das Igrejas e a repressão no seio da família nuclear burguesa, gestam as condições sociais para a emergência do estado totalitário, seja de direita ou de esquerda.

Em minha monografia de graduação em psicologia (SARCINELLI, 2018) questionei de que modo podemos pensar a psicologia reichiana na educação libertária de hoje, onde as crianças são sexualizadas desde cedo e a ideologia do mercado superou a moral da igreja, pois passamos de uma sociedade que reprime os desejos para outra que não apenas os incentiva e os alimenta, como também produz desejos -a *forma mental capitalismo* que funciona a nível objetivo e prático, mas evidentemente muito mais a nível a nível psíquico, pois expande a si mesmo por meio da produção e fixação de desejos (não vitalmente necessários).

A recuperação da capacidade de *autorregulação* permite assim aos sujeitos uma possibilidade de transformação de dentro para fora. Nesse sentido, não podemos simplesmente conceber os sujeitos considerando-o somente como a realização de programas determinados geneticamente, sem considerar os afetos, a vontade, os aparatos psicopolíticos aos quais estamos sendo influenciados o tempo todo.

A racionalidade como uma busca pela verdade não deve se fundamentar apenas através do método científico moldado, como mostra a Teoria e Terapia Psicopolítica, pela razão instaurativa. A ciência precisa fundamentar-se no complexo sistema de afetos, na vida vegetativa e nas sensações de órgãos, como ele investigou.

Na medida que Reich concebe o funcionamento cerebral como indissociável do funcionamento corporal total, ou seja, valorizando outros aspectos biológicos além do cérebro, entendemos que sua produção teórica possui extrema relevância para o campo da neurociência, visto que o mesmo se aproxima das concepções de Damásio.

Na epistemologia reichiana, o ato de conhecer está atrelado, como vimos, às vivências vegetativas do humano, considerando a maneira como o objeto de estudo afeta o pesquisador, tornando aqui a "subjetividade" (aquilo que é da ordem do vivido pelos sujeitos) uma complementaridade do método, não podendo ser ontologicamente eliminada e utilizada como um dos modos de conceber a realidade.

No entanto, sabemos que nem todo tipo de conhecimento oriundo da experiência vivida pelos sujeitos os torna isentos de equívocos, sendo então de extrema necessidade, como nos aponta Ouriques, que façamos a revisão contínua de si mesmo, no sentido do cuidado com o *território mental*, do cuidado hermenêutico com a qualidade emancipatória ou não de cada estado mental que se oferece como fonte de referência para a capacidade de julgar, uma vez que somos potencialmente “anjos e demônios”.

Tudo depende da qualidade emancipatória ou não, da capacidade de querer, pensar e julgar, se os estados mentais que emergem no *território* mental, o é-aí onde habita a individualidade, são ou não, como dito, emancipatórios; ou, dito de outra forma, se são negentrópicos e promotores de processos autorregulatórios dos organismos, visto que são as fontes de referência para suas ações no mundo.

É assim que a relevância e contribuição desta pesquisa é contribuir para evidenciar que a teoria reichiana é coerente, articulada e capaz de oferecer pistas e caminhos já consolidados para a solução de muitas questões que se apresentam atualmente ainda como mistérios, tanto no campo da ciência quanto na vida cotidiana, por exemplo o retorno, nas chamadas “vida privada” e “vida pública” dos autoritarismos e fundamentalismos que os acompanham de forma crescente em muitas partes do mundo.

A atualidade nos indica cada vez mais necessária a postura transdisciplinar para a construção do pensamento, devido a alta complexidade que os fenômenos da vida continua a apresentar. Espero termos constatado mais um pouco que o *pensamento funcional* expressa esse modo necessário de conhecimento, que contempla os fenômenos da vida de maneira simultânea, não-dualista, considerando o ser humano inserido na natureza em movimento. Reich foi um cientista inovador, que acabou de certa forma limitado pelo modelo científico que dispunha em sua época, tornando-se assim incompreensível para os saberes que insistem na disciplinaridade.

Em diversos campos do saber, Reich buscava sempre investigar algum tipo de relação entre a ideia de fluxo natural e espontâneo, e que bloqueios impostos a esse fluxo dariam resultados insatisfatórios. Podemos ver esse movimento na educação, onde o respeito ao ritmo próprio das crianças nos processos de ensino-aprendizagem resulta em crianças dispostas a aprender e curiosidade aguçada, mais vitalizadas e em sintonia com elas próprias.

Na sociologia e na política podemos também observar esse mesmo movimento no sentido da capacidade dos sujeitos autorregularem-se e não simplesmente entregarem-se ao referido autoritarismo, haja vista que, na concepção reichiana, quanto mais próximo

estiverem os sujeitos da expressão desta inteligência natural, existente no cerne biológico, menos dispostos à manipulação e dominância estarão os mesmos.

O exercício da *autorregulação* no domínio psicológico, sócio-cultural, econômico e político dá origem à possibilidade de uma transformação tão profunda que impacta até o domínio do conhecimento. É como nos aponta Dadoun (1991) e reitero nesta pesquisa: diferentemente do paradigma positivista tecnicista que coloca a razão como triunfante, capturando a natureza e seus processos vitais naturais relegando-as ao abismo, Reich esboça sua crítica a esse paradigma, a possibilidade uma outra ciência articulada com o princípio de *autorregulação*, com a possibilidade de construir um saber mais amplo, mais flexível, mais próximo do vivo. É, segundo Dadoun, o que Reich chama de “ciência militante”, uma espécie de *alegre saber*.

Se Reich não conhecia o Yoga e entendeu a importância decisiva da respiração, demonstrando assim sua capacidade, digamos, transepistêmica de encontrar-se o que a Índia tinha encontrado, Ouriques nos lembra o quanto a beleza da ciência reichiana é aberta ao mundo, pois ao compreender que o amor, o trabalho e o conhecimento são os pilares da vida, ele sincronizou-se com o fundador da Escola de Kyoto, o mais importante filósofo japonês do séc. XX, Kitarō Nishida (1874-1945), que disse, em 1911, que do amor parental e conjugal se desenvolve o amor entre amigos, e que do amor entre amigos avança-se para o amor à humanidade, pois *o amor é o momento supremo do conhecimento*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, P. M. **A ciência da dor. Sobre fibromialgia e outras síndromes dolorosas.** São Paulo: Editora Unesp, 2018. 374 p.

ALBERTINI, P. Wilhelm Reich: percurso histórico e inserção do pensamento no Brasil. **Boletim de Psicologia**, vol. IXI, no. 135, p. 159-176, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432011000200004. Acesso em: 23 jan.2022.

ATLAN, H. **Entre o cristal e a fumaça: ensaio sobre a organização do ser vivo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. 272p.

BARRETO, A. V. B. A luta encarnada: corpo, poder e resistência nas obras de Foucault e Reich. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BARRETO, A. V. B. **A revolução das paixões: os fundamentos da psicologia política de Wilhelm Reich.** São Paulo: Annablume, 2000. 204p.

BEDANI, A. Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BEDANI, A.; ALBERTINI, P. Política e sexualidade na trajetória de Reich: Berlim (1930- 1933). *in* **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, São Paulo, V. 61, N. 2, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200003 . Acesso em: 15 fev. 2022

BELLINI, L. M. Afetividade e Cognição: o conceito de auto-regulação como mediador da atividade humana em Reich e Piaget. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BENNET, P.W. Wilhelm Reich, the FBI and the norwegian communist party: the consequences of an unsubstantiated rumor. *in* **Psychoanalysis and History** 16(1), 2014: 95–114. Disponível em: <https://pep-web.org/browse/document/pah.016.0095a> . Acesso em: 9 mar.2022

BENNETT, P. W. The persecution of Dr. Wilhelm Reich by the government of the United States. *in International Forum of Psychoanalysis*, vol. 19, no. 1, 2010. p. 51-65. Disponível em: https://www.academia.edu/84782020/The_persecution_of_Dr_Wilhelm_Reich_by_the_government_of_the_United_States . Acesso em: 9 mar. 2022.

BICHARA, M. R. R. O Monista: a visão de mundo do Energetismo de Ostwald. *in Revista Scientiarum Historia*, v. 1, n. 1, p. 9, 2018. Disponível em: <http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/article/view/224> . Acesso em: 4 jun. 2022

BOADELLA, D. **Nos caminhos de Reich**. São Paulo. Summus, 1985. 340p.

CÁO, J. S.; OURIQUES, E. V.; IACHAN, A. C. S.; OURIQUES, E. O. DE A.; WÄHNER, J.; VERGARA, M. S.; OLIVEIRA, R. C. DE. Algoritmos filosóficos e a superação psicopolítica da fakemind: sobre a terapia filosófica da peste emocional. *Revista Scientiarum Historia*, v. 1, p. 10. 2021 Disponível em: <http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/article/view/282>. Acesso em: 15 jun.2022

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix,1986. 445p.

_____. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix,1996. 256p.

CARNERO, J. V. P. J. A clínica, a sensibilidade e o conhecimento: um diálogo entre as obras de Reich e Spinoza. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

CÂMARA, M. V. **Reich, grupos e sociedade**. São Paulo: Annablume, 2009. 239p.

DADOUN, R. **Cem flores para Wilhem Reich**. São Paulo: Editora Moraes, 1991. 397p.

DEMEO, J. **In defense of Wilhelm Reich**: opposing the 80-years war of mainstream defamatory slander against one of the 20th century's most brilliant physicians and natural scientists. Ashland, Oregon, USA: Natural Energy Works, 2013. 279p.

FERRI, G., CIMINI, G. **Psicopatologia e caráter: a psicanálise no corpo e o corpo na psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2011. 232p.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREITAS, L.; MORIN, E.; NICOLESCU, B. Carta da Transdisciplinaridade (Adotada no Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade-Convento de Arrábida). Portugal, 2-6 de novembro, 1994. Disponível em:

https://www.academia.edu/11466460/Carta_da_Transdisciplinaridade_Comit%C3%AA_de_reda%C3%A7%C3%A3o_Lima_de_Freitas . Acesso em: 6 jul.2022

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora perspectiva, 1975. 324p.

MALUF JR, N. J. Física e subjetividade: a orgonomia de W. Reich e a fusão com o objeto na complementação da objetividade científica como método e referencial. Tese de doutorado. Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Programa de Pós Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MARIOTTI, H. **Autopoiese, cultura e sociedade**. 1999. Disponível em <http://escoladedialogo.com.br/escoladedialogo/index.php/biblioteca/artigos/autopoiese-cultura-e-sociedade/>

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. 221p.

MATURANA, H., VARELA, F. **A árvore do conhecimento: As bases biológicas do entendimento humano**. São Paulo. Editora Psy,1995. 288p.

MISSE, Michel. Una identidad para el exterminio: sobre la sujeción criminal y otros escritos. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen III. [Prólogo de Evandro Vieira Ouriques]. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/ Portugal, Universidad Nacional de La Plata /Argentina y Universidade de Groningen/Holanda: Temuco, Chile. 2018.

NAVARRO, F. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Summus Editorial, 1996. 64p.

NETO, F. B. O Funcionalismo Orgonômico de Wilhelm Reich e A Sua Concepção de Saúde-Adoecimento. Dissertação de mestrado. Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Triom: São Paulo, 1999. 17p.

NÓVOA, J. A Ciência Histórica e os Pensamentos ou a Razão Poética como Pensamento Orgânico-crítico: Elementos para a Reconstrução do Paradigma Historiográfico. **Politeia - História e Sociedade**, [S. l.], v. 4, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3920>. Acesso em: 15 jul.2022.

OLIVEIRA, H., MINAYO, M. C. S. A auto-organização da vida como pressuposto para a compreensão da morte infantil. *in* **Ciência & Saúde Coletiva**, 6(1):139-149, 2001. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/Q8j6jsBzTcj68Nn8NWLGxPG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 ago. 2022

OURIQUES, E. V. *Philosophical Anthropobiology, Psychopolitical Theory and Therapy and Non-duality the Communicational Condition of Human Being in its relation with Western and Oriental Philosophies*. Senior Postdoctoral Project at Laboratoire d'études et de recherches sur les logiques contemporaines de philosophie-LLCP / Département de Philosophie / University de Paris 8: France. 2023.

_____. A Doutrina do Mel, a condição comunicacional e a verdade: Sobre a requalificação clínica da capacidade de julgar. in **Modernos & Contemporâneos-International Journal of Philosophy**, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Brasil, vol. 6 n. 15, Jul.-Dez. 2022. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/modernoscontemporaneos/article/view/4836> Acesso em : 25 ago. 2022.

_____. A condição comunicacional do ser humano e o rosto da sombra: sobre a terceira estrutura da verdade e terapia filosófica. in **Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa**, n. 12. AGLP: Santiago de Compostela. 13-45, 2019.

_____. **Teoría Psicopolítica: a emancipação dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura**. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen I. Temuco: Universidad de La Frontera, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidad de La Plata, Universidade do Porto, Universidad de Groningen, 2017. 457p.

_____. Sobre a economia psicopolítica. in **Ofícios Terrestres**, Año 20, Vol. 1, N.º 3, Julio-Diciembre 201. Facultad de Periodismo y Comunicación. Universidad Nacional de La Plata: Argentina, 2014.

_____. Território mental: o nó górdio da democracia. in **Revista Democracia Viva**, IBASE. No. 49, maio de 2009. IBASE: Brasil.

PINGUELLI ROSA, L. **Tecnociências e humanidades: novos paradigmas, velhas questões, V. 2: a ruptura do determinismo, incerteza e pós-modernismo**. Paz e Terra: São Paulo., 2006. 500p.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. **Entre o tempo e a eternidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 226p.

_____. **A Nova Aliança: metamorfose da ciência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991. 247p.

POULAIN, J. Sobre la capacidad de juzgar. [Prólogo Evandro Vieira Ouriques]. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen II. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Brasil, Universidade do

Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata / Argentina y Universidade de Groningen/Holanda: Temuco, Chile, 2017.

REGO COSTA, M. M. Wilhem Reich e a bússola do pensamento funcional. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2002.

REGO, R. A. Psicanálise e biologia: uma discussão da pulsão de morte em Freud e Reich. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

REICH, W. **A irrupção da moral sexual repressiva**. São Paulo: Martins Fontes, 1932. 180p.

_____. **O assassinato de Cristo**. São Paulo: Martins Fontes, 1986. 316p.

_____. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 504p.

_____. **Função do Orgasmo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975. 343p.

_____. **O experimento bions: sobre a origem da vida**. Centro reichiano, 1978. (pdf)

_____. Organomic functionalism part II: on the historical development of organomic functionalism. *in* Orgone Energy Bulletin, vol. 2, no. 2, 1950. pp. 49-62.

_____. **Psicologia de Massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 408p.

_____. The developmental history of organomic functionalism. Tradução de Derek e Inge Jordan. *Organomic Functionalism: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich*, Rangeley, Maine, V.1, 1990. p. 1-29.

_____. **O Éter, Deus e o Diabo; A superposição cósmica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 344p.

_____. **A biopatia do câncer**. São Paulo, Martins Fontes, 2009. 512p.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 892p.

SARCINELLI, J. A formação do caráter na sociedade de controle: contribuições pós-críticas à teoria reichiana. Trabalho de conclusão de curso (Psicologia). Instituto de

Educação, Departamento de Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p.38. 2018.

SCHRÖDINGER, E. **O que é vida? O aspecto físico da célula viva seguido de Mente e matéria e Fragmentos autobiográficos.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. 216p.

SHIMABUKURO, F. A crítica de Wilhelm Reich à pulsão de morte freudiana. In **Voluntas Revista Internacional de Filosofia**, Santa Maria, v. 11, n. 2, p. 328-347, maio/ago, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/47055> . Acesso em: 26 ago. 2022.

SILVA, P. C. da. Pelas mãos de Wilhelm Reich: emancipação, corpo e clínica. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. 2013.

VARELA, F.J., THOMPSON, E., ROSCH, E. **Embodied Mind, cognitive science and human experience.** New York: MIT Press, 1993. 328p.

WAGNER, C. M. **Freud e Reich: continuidade ou ruptura?** São Paulo. Summus, 1996. 132p.